

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LINGUÍSTICA

**Cristiane Seimetz Rodrigues**

**SEMPRE:  
UM ESTUDO DE SUAS INTERAÇÕES ASPECTUAIS EM CONTEXTO DE  
PRETÉRITO PERFEITO SIMPLES E PRETÉRITO IMPERFEITO**

Florianópolis, maio de 2009

**Cristiane Seimetz Rodrigues**

***SEMPRE:***  
**UM ESTUDO DE SUAS INTERAÇÕES ASPECTUAIS EM CONTEXTO DE  
PRETÉRITO PERFEITO SIMPLES E PRETÉRITO IMPERFEITO**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Linguística da Universidade Federal de Santa Catarina como requisito parcial à obtenção de grau de Mestre em Linguística.

**Orientadora:** Prof<sup>ª</sup> Dr<sup>ª</sup> Luizete Guimarães Barros

Florianópolis, maio de 2009

**Cristiane Seimetz Rodrigues**

***SEMPRE:***  
**UM ESTUDO DE SUAS INTERAÇÕES ASPECTUAIS EM CONTEXTO DE  
PRETÉRITO PERFEITO SIMPLES E PRETÉRITO IMPERFEITO**

Dissertação defendida e aprovada como requisito parcial para a obtenção do título de Mestre em Linguística no curso de Pós-graduação em Linguística da Universidade Federal de Santa Catarina pela comissão formada por:

---

Prof<sup>ª</sup>. Dr<sup>ª</sup>. Luizete Guimarães Barros (UFSC)  
Orientadora

---

Prof<sup>ª</sup>. Dr<sup>ª</sup>. Ina Emmel (UFSC)  
Membro interno

---

Prof<sup>ª</sup>. Dr<sup>ª</sup>. Angela Cristina Di Palma Back (UNESC)  
Membro externo

---

Prof<sup>ª</sup>. Dr<sup>ª</sup>. Edair Gorski (UFSC)  
Suplente

Florianópolis, maio de 2009

“– Se alguém ama uma flor da qual só existe um exemplar em milhões e milhões de estrelas, isso basta para fazê-lo feliz quando as contempla. Ele pensa: ‘Minha flor está lá, em algum lugar...’ Mas se o carneiro come a flor, é, para ele, como se todas as estrelas repentinamente se apagassem! E isto não tem importância!

Não pôde dizer mais nada. Imediatamente se pôs a soluçar. A noite caíra. Larguei as ferramentas. Ria-me do martelo, do parafuso, da sede e da morte. Havia numa estrela, num planeta, o meu, a Terra, um príncipezinho a consolar! Tomei-o nos braços. Embalei-o. E lhe dizia: ‘A flor que tu amas não está em perigo... Vou desenhar uma mordança para o carneiro... Uma cerca para a tua flor... Eu...’ Eu não sabia mais o que dizer. Sentia-me envergonhado. Não sabia como consolá-lo, como me aproximar dele...

É tão misterioso o país das lágrimas!”

(SAINT-EXUPÉRY)

## AGRADECIMENTOS

A Deus, por me permitir ser.

Aos meus pais, por me fazerem ser.

Ao meu querido irmão, pela compreensão que me faz ter da vida.

Ao Celestino Gabriel de Liz, por suportar tudo, inclusive a distância.

À Prof<sup>ª</sup>. Dr<sup>ª</sup> Ana Cláudia de Souza, porque sempre acreditou em mim e por me fazer acreditar também, seu incentivo foi fundamental.

A todos os amigos e amigas, companheiros nesta jornada.

À Fernanda Cizescki, por jamais desistir de uma resposta convincente a qualquer pergunta lançada e pelas infindáveis descobertas pessoais que me proporcionou.

À Keila de Lima, por me consolar num momento inconsolável, aliviando o fardo de uma perda irreparável e por ser um exemplo do que a força de vontade é capaz.

Às professoras presentes na banca de qualificação, Dr<sup>a</sup>. Edair Gorski e Dr<sup>a</sup>. Ina Emmel, por suas valiosas contribuições a este trabalho.

À professora Dr<sup>a</sup>. Angela Cristina Di Palma Back, quem me despertou primeiro o interesse pelas questões de Aspecto.

Ao CNPq, pelo apoio financeiro.

Ao professor Dr. Marco Antônio Esteves da Rocha, pelo seu valioso auxílio na captura e rodagem dos dados e também pelo seu bom humor contagiante.

À Luizete Guimarães Barros, minha orientadora, por sua serenidade em meio ao turbilhão de acontecimentos que tangenciaram nossa trajetória de pesquisa e por me oferecer uma direção, nunca um caminho.

---

## RESUMO

---

Esta pesquisa tem como objetivo a caracterização da aspectualidade do advérbio *sempre*. Tendo encontrado caracterizações conflitantes na literatura aspectual sobre ele – ora classificado como advérbio perfectivo e ora como advérbio imperfectivo –, propomo-nos a investigar, com base em dados escritos do português do Brasil, qual seu comportamento aspectual. Para tal, limitamos nossa análise a enunciados em que o *sempre* ocorre precedendo um verbo ou na forma do pretérito perfeito simples ou no pretérito imperfeito. Dessa forma, a pesquisa lida com a caracterização do comportamento aspectual do *sempre*, considerando como fatores relevantes para análise (i) o Aspecto inerente ao semantema verbal; (ii) as contribuições aspectuais das flexões dos Tempos verbais citados; (iii) a presença de adjuntos ou orações temporais, além do próprio *sempre*. Tal procedimento deve-se por acreditarmos numa análise composicional do Aspecto, em que os significados aspectuais dos enunciados são o resultado da interação dos marcadores aspectuais ali contidos. Por isso, ao longo deste trabalho, procuramos evidenciar as contribuições aspectuais do *sempre* na composição do Aspecto dos enunciados onde ocorre e, por meio da descrição de seu comportamento, propor uma discussão sobre as classificações a ele atribuídas na literatura aspectual.

**Palavras-chave:** *sempre*, Aspecto, análise composicional, descrição aspectual

---

## ABSTRACT

---

This study aims at characterizing the aspectuality of the adverb *sempre* (always). After finding conflicting characterizations in the aspectual literature – sometimes classified as a perfective adverb and sometimes as an imperfective adverb – the goal is to investigate, based on Brazilian Portuguese written data, its aspectual behavior. With that aim, the analysis was limited to the sentences where *sempre* occurs either before a verb or in the *Pretérito Perfeito Simples* or in the *Pretérito Imperfeito*. Thus, the study deals with the characterization of the aspectual behavior of *sempre*, considering the following factors relevant for the analysis (i) the aspect inherent to the verbal semantheme, (ii) the aspectual contributions to the verb tenses aforementioned; (iii) the presence of adjuncts or temporal phrases, besides *sempre*. This procedure is justified in the belief that a compositional analysis of Aspect with aspectual meanings of sentences is the result of the interaction of aspectual markers contained in them. Thus, this study sought to highlight the aspectual contributions of *sempre* in the Aspectual composition of sentences in which it occurs through the description of its behavior, proposing a discussion about its classification in the aspectual literature.

**Keywords:** *sempre*, Aspect, compositional analysis, aspectual description

Sumário	
RESUMO .....	6
ABSTRACT .....	7
LISTAS .....	10
DE QUADROS	10
DE TABELAS	10
DE FIGURAS	10
INTRODUÇÃO .....	11
CAPÍTULO I – A CATEGORIA DE ASPECTO: UMA DEFINIÇÃO NADA FÁCIL .....	14
1.1 A diferença entre Tempo e Aspecto: um caminho para a definição aspectual	14
1.2 A distinção Aspecto e Aktionsart: a questão da expressão aspectual	19
1.2.1 Aspecto lexical: os tipos de predicado	23
1.2.2 Um parênteses necessário: tipos de predicado e restrições de compatibilidade	29
CAPÍTULO II – ATUALIZAÇÃO E INTERPRETAÇÃO ASPECTUAL: OS VALORES ASPECTUAIS E SUA EXPRESSÃO .....	33
2.1 A oposição aspectual básica da categoria de Aspecto	33
2.2 Pretérito perfeito simples e pretérito imperfeito: seus valores aspectuais	39
CAPÍTULO III – ADVÉRBIOS ASPECTUAIS: O <i>SEMPRE</i> EM FOCO .....	44
3.1 O papel dos adjuntos adverbiais na expressão aspectual: considerações gerais	44
3.2 O sempre em foco: diferentes olhares sobre um mesmo objeto	48
3.3 Um “mini-quadro” aspectual: os valores considerados na análise	54
3.3.1 Um roteiro para a leitura composicional do Aspecto	56
CAPÍTULO IV – PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS .....	59
4.1 Da amostra	59
4.2 Da análise dos dados	61
4.3 Os fatores controlados	61
4.3.1 Os valores associados ao “ <i>sempre</i> ”	61
4.3.2 Os tipos de predicado	62
4.3.3 As formas de pretérito perfeito simples e pretérito imperfeito	63
4.3.4 Adjuntos adverbiais e/ou orações temporais	64
CAPÍTULO V – AS LEITURAS ASPECTUAIS E TEMPORAIS ADVINDAS DO <i>SEMPRE</i> EM CONTEXTO DE PP E PI.....	67
5.1 As leituras aspectuais: o cursivo e o habitual	67
5.1.1 Predicados estativos <i>versus</i> predicados de atividade, <i>accomplishment</i> e <i>achievement</i> : decompor para compor	77
5.1.2 Considerando a possibilidade de restrição de compatibilidade entre <i>sempre</i> , predicado estativo e PI com Aspecto cursivo	79



5.2 As leituras temporais: o não-acabado e o acabado	82
5.3 Sempre: confrontando as informações	88
5.3.1 A pergunta que não cala: <i>sempre</i> perfectivo ou imperfectivo?	94
CONSIDERAÇÕES FINAIS .....	99
REFERÊNCIAS .....	102
ANEXO A – OS DADOS .....	105

# LISTAS

## **DE QUADROS**

Quadro 1: Propriedades das classes aspectuais (BERTINETTO, 2001 <i>apud</i> FREITAG, 2007)	28
Quadro 2: Identificação da categorização dos valores aspectuais e temporais	62
Quadro 3: Identificação da categorização dos tipos de predicado	63
Quadro 4: Identificação da categorização dos tempos verbais (pretérito perfeito e pretérito imperfeito)	64
Quadro 5: Identificação da categorização dos adjuntos e orações adverbiais temporais	64

## **DE TABELAS**

Tabela 1: Correlação entre tipo de predicado e leitura aspectual atualizada	67
Tabela 2: Correlação entre flexão e leitura aspectual atualizada	69
Tabela 3: Correlação entre tipo de predicado e Aspecto em ocorrências de PP	71
Tabela 4: Correlação entre tipo de predicado e adjunto quantificado em ocorrências de PP	72
Tabela 5: Correlação entre tipo de predicado e valores temporais	82
Tabela 6: Correlação entre flexão e valores temporais	82
Tabela 7: Correlação entre tipo de predicado e valores temporais em ocorrências de PP	83
Tabela 8: Correlação entre adjuntos de circunscrição e valores temporais em ocorrências de PP	85
Tabela 9: Correlação entre adjuntos de circunscrição e valores temporais em ocorrências de PI	86

## **DE FIGURAS**

Figura 1: Ponto de vista perfectivo	37
Figura 2: Ponto de vista imperfectivo	37

---

## INTRODUÇÃO

---

O presente trabalho transita pelo âmbito dos estudos sobre a categoria de Aspecto, mais propriamente, ocupa-se em discutir o papel aspectual do *sempre*. Esse assunto suscita nosso interesse, mesmo em face dos inúmeros estudos na área de Aspecto, por encontrarmos em Costa (2002) o tratamento do advérbio *sempre* como um circunstancial perfectivo, cujo significado o inclui na área da habitualidade, sendo classificado como advérbio de frequência. Contudo, essa perspectiva mostra-se conflitante frente ao tratamento de outros autores sobre esse advérbio. Fiorin (1996) e Travaglia (2006), por exemplo, não o classificam como perfectivo, apenas apontam o *sempre* como um advérbio de frequência, utilizado na expressão da habitualidade ou iteratividade. Castilho (1998;1999), no outro extremo, considera o *sempre*, de um lado, um advérbio aspectual imperfectivo e de outro um advérbio aspectual quantitativo, pois seriam esses os significados aspectuais presentes em sentenças com esse advérbio. Não obstante, Costa (2002) não fornece explicação sobre as razões de considerar o *sempre* um circunstancial perfectivo. Isso demonstra, portanto, não só a existência de análises divergentes sobre esse advérbio, mas aponta também para uma lacuna na literatura acerca do comportamento aspectual desse advérbio.

Dessa forma, a presente pesquisa pretende investigar a aspectualidade do advérbio *sempre*, de modo a propor uma descrição de quais fatores linguísticos em interação com esse advérbio resultam em determinado valor aspectual. Para prosseguir na discussão proposta, delimitamos a observação do comportamento do *sempre* em relação às formas de pretérito perfeito simples e pretérito imperfeito do indicativo. Obviamente, esse advérbio ocorre com outros tempos verbais – o presente e o futuro, por exemplo -, mas acreditamos ser mais facilmente observável a interação do *sempre* com os aspectos perfectivos e imperfectivos utilizando esses tempos verbais, posto que a literatura aspectual costuma associar à forma de pretérito perfeito o valor perfectivo e à de imperfeito, o valor imperfectivo (CAMPOS, RODRIGUES, GALEMBECK, 1993:52; COSTA, 2002:49; CASTILHO, 2002:90; CORÔA, 2005:74).

Abordamos também, no decorrer desta pesquisa, uma questão clássica, embora ainda cara aos estudos aspectuais: considerar o Aspecto uma categoria gramatical, expressa somente por marca morfológica, ou considerá-lo uma categoria léxico-semântica, expressa semanticamente pelo radical dos verbos. Além disso, embora tenhamos nos referido até aqui às noções de “aspecto”, “perfectivo” e “imperfectivo”, como se o conceito que se tem delas fosse o mesmo em todas as obras consultadas, devemos reconhecer que a própria definição de Aspecto e das noções de perfectivo e imperfectivo são pontos passíveis de discussão, tornando-se, portanto, um outro ponto pelo qual devemos passar no desenvolvimento deste estudo.

Para cumprir esta proposta, elaboramos uma revisão bibliográfica sobre a categoria de Aspecto, as noções de perfectivo e imperfectivo e o tratamento dado ao papel dos advérbios na expressão aspectual, com ênfase no *sempre*. De posse de tal revisão, o intuito é procurar os pontos pertinentes das diversas teorias, organizando assim uma diretriz teórica que nos possibilite analisar dados da língua em uso. A análise dos dados, oriundos do *corpus* NILC (Núcleo Interinstitucional de Linguística Computacional), servirá de recurso para discutir a propriedade do que se tem dito sobre o *sempre* e ainda para poder propor uma caracterização das contribuições aspectuais desse advérbio. A análise leva em conta a relação do *sempre* com: (a) a semântica do radical e dos argumentos dos verbos associados ao *sempre*; (b) a contribuição aspectual das marcas morfológicas de perfeito e imperfeito aplicadas ao semantema verbal sobre o qual o *sempre* incide e (c) a presença ou ausência de adjuntos adverbiais e orações temporais.

Desse modo, assumimos como pressupostos básicos que (i) o conteúdo aspectual é um conteúdo semântico<sup>1</sup>; por isso nossa análise será de base semântica, no sentido de investigar o(s) significado(s) aspectual(is) relacionados ao *sempre* e propor uma sistematização dos elementos linguísticos que, em interação com o *sempre*, acarretam esse(s) valor(es) aspectual(is); (ii) quanto ao conteúdo semântico, o Aspecto interage<sup>2</sup> com outros

---

<sup>1</sup> Note-se que, por enquanto, não nos remetemos aos expedientes de sua codificação, se lexical ou gramatical, apenas reconhecemos o Aspecto como um valor semântico.

<sup>2</sup> Os termos “interage”, “interação” são utilizados aqui para dar conta da noção de que diferentes elementos linguísticos podem marcar diferentes significados aspectuais em um enunciado e que muitas vezes esses elementos se relacionam num mesmo enunciado, produzindo um significado aspectual diverso do que resulta quando esses elementos não se encontram num mesmo enunciado. Além do termo “interação”, também é comum encontrar na literatura aspectual o termo “análise composicional”, ambos abarcando a noção exposta acima (COSTA, 2002; CASTILHO, 2002; TRAVAGLIA, 2006; FREITAG, 2007). Ao longo do trabalho, tal conceito será mais bem abordado.

elementos linguísticos do enunciado; portanto a interpretação aspectual final de um enunciado é resultado direto da interação entre esses elementos linguísticos. Em última instância, este estudo tem caráter descritivo e não se inscreve em nenhuma teoria aspectual específica. Isso porque não adotamos as ideias de nenhum autor em particular, em virtude da profusão de propostas e terminologias que, no mais das vezes, não recobrem os mesmos conceitos. Todavia, as discussões tomarão como base, preliminarmente, os textos de Comrie (1976); Fiorin (1996); Costa (2002); Castilho (2002); Wachowicz (2003); Corôa (2005); Travaglia (2006) e Freitag (2007).

Acreditamos que este estudo possa contribuir não só para a descrição da interação entre os objetos em análise, mas também auxiliará no estudo de outros fenômenos aspectuais com os quais o *sempre* pode se relacionar. Não sendo mais, provavelmente, um elemento responsável pela desconsideração ou impossibilidade de análise dos dados nos quais ocorre, conforme nos relata Freitag (2007:97). No estudo da variação entre a forma simples do pretérito imperfeito e a forma progressiva, a autora viu-se obrigada a desconsiderar os dados com a presença de *sempre*, por não haver na literatura aspectual ou semântica um tratamento específico desse advérbio que esclarecesse a sua contribuição aspectual na atualização da categoria de Aspecto.

Ademais, tal descrição pode servir posteriormente a objetivos didáticos no ensino do português como língua estrangeira. Isso porque o uso do pretérito perfeito e imperfeito com os valores aspectuais bem empregados quando combinados a advérbios ou adjuntos adverbiais é um desafio para aprendizes estrangeiros, mormente para aqueles cuja língua materna não apresenta a oposição entre pretérito perfeito e imperfeito, como aponta Matias (1997:207) sobre o alemão, por exemplo. Por fim, esperamos contribuir, mesmo que em pequena escala, com a área de estudos aspectuais sobre o português brasileiro, no que tange ao papel dos advérbios.

---

## **CAPÍTULO I – A CATEGORIA DE ASPECTO: UMA DEFINIÇÃO NADA FÁCIL**

---

O objetivo deste capítulo é propor um panorama daquilo que os autores consultados entendem ser a categoria de Aspecto. Abordamos, para tanto, tópicos relacionados à diferença entre Tempo e Aspecto; à definição de Aspecto; a como ele é expresso e também apresentamos, preliminarmente, algumas restrições quanto a se considerar certas noções semânticas como aspectuais.

### ***1.1 A diferença entre Tempo e Aspecto: um caminho para a definição aspectual***

O percurso de distinção entre as categorias de Tempo e Aspecto é um caminho comumente traçado na literatura aspectual sob o argumento de evitar confusões entre os mesmos, uma vez que ambas as categorias estão relacionadas ao tempo físico (COMRIE, 1976; COSTA, 2002; CORÔA, 2005; TRAVAGLIA, 2006). Então, se tanto Tempo quanto Aspecto dizem respeito à como tratamos linguisticamente o tempo, é preciso detalhar qual a diferença que sustenta a existência dessas duas categorias na língua.

Embora relacionados à codificação linguística de um mesmo fenômeno físico, Aspecto e Tempo se distinguem pelos significados que expressam. O Aspecto, conforme Comrie, 1976; Costa, 2002; Corôa, 2005; Travaglia, 2006, é responsável pela expressão do tempo interno ao fato, enquanto o Tempo é responsável pela expressão do tempo externo ao fato. Para compreender devidamente o que é a expressão do tempo interno ao fato, é preciso compreender antes a noção de tempo externo ao fato. Façamos, portanto, um parêntese para compreender a partir da definição de Tempo a de Aspecto.

A expressão do tempo externo ao fato envolve a localização da situação proferida em relação ao momento da enunciação, trata-se, de modo geral, da codificação das noções de presente, passado, futuro e suas subdivisões. Por localizar o momento da situação em relação ao momento da enunciação, o Tempo se caracteriza como uma categoria dêitica. O Aspecto, por sua vez, não envolve a localização das situações em relação ao momento da enunciação, sendo, portanto, uma categoria não-dêitica. Isso nos permite saber o que o Aspecto não é, o que em si já é um começo. Difícil é chegar a um meio-termo sobre o que é o Aspecto, visto que as definições são muitas e variadas. São normalmente três os pontos que não gozam de unanimidade na literatura aspectual: (i) a definição geral de Aspecto, no sentido de que valor semântico caracteriza o todo da categoria; (ii) a expressão da categoria, se lexical ou gramatical (ou ambas), (iii) o tratamento dos significados aspectuais em termos de uma “oposição aspectual básica” ou a assunção de que os valores aspectuais não se organizam nesses termos. Por enquanto, expomos a posição dos autores consultados em relação aos dois primeiros pontos arrolados acima, uma vez que optamos por abordar o terceiro ponto quando do desenvolvimento do capítulo acerca da interpretação aspectual.

Uma definição muito difundida nos estudos sobre essa categoria, seja pela sua reutilização seja por críticas endereçadas a ela, é a encontrada em Comrie (1976). Segundo essa definição, o Aspecto, enquanto um valor semântico observado em diversas línguas<sup>3</sup>, caracteriza-se como as diferentes maneiras de se ver a constituição temporal interna de uma situação. Dessa forma, no enunciado *John was reading when I entered*<sup>4</sup> (COMRIE, 1976:03), o verbo da segunda oração apresenta a situação como um todo, do qual não interessa destacar as fases de começo, meio e fim que constituem temporalmente a situação expressa pelo verbo. Já o verbo da primeira oração faz referência explícita à constituição temporal interna da situação por ele expressa, o que interessa é destacar uma porção interna da situação *John's reading*. Costa (2002) retoma a definição de Comrie e a complementa dizendo que o Aspecto se refere à maneira como o tempo decorrido dentro dos limites da situação é tratado, diz respeito, portanto, a noções como duração, começo, fim, etc. Nesse sentido, o “*Aspecto é a categoria lingüística que informa se o falante toma em consideração ou não a constituição temporal interna dos fatos enunciados.[...]*” (COSTA, 2002:21). O mais interessante da

---

<sup>3</sup> Importante observar que em seu estudo Comrie (1976) estava mais preocupado com a face semântica do Aspecto (os significados expressos) do que com sua constituição formal (as formas de expressão), uma vez que seu intuito era propor uma definição que pudesse se aplicar às línguas em geral, independente de como as línguas codificam formalmente esse significado que em teoria seria o mesmo nas diversas línguas.

<sup>4</sup> “John estava lendo quando eu entrei”

caracterização de Costa em relação à de Comrie encontra-se no fato de que a autora chama mais atenção para a restrição da noção aspectual à fração de tempo compreendida entre o limite inicial e o limite final do fato que se enuncia. Esse detalhe faz diferença, como veremos em tempo oportuno, quando da delimitação de que valores semânticos (duração, iteratividade, acabado, inacabado, etc.) fazem parte da categoria aspectual.

Comrie e Costa apresentam definições bastante similares de Aspecto, obviamente isso ocorre pelo motivo de que Costa (2002), ao propor um estudo da expressão aspectual em português, adotou quase que por completo as formulações conceituais de Comrie (1976). Todavia, a adoção dos conceitos de Comrie por parte de Travaglia (2006) não impediu que ele propusesse certas modificações que o distanciam significativamente do quadro geral desenhado por Comrie. De forma geral, a noção de referência à constituição temporal interna de uma situação subjaz à caracterização de Aspecto proposta por Travaglia, ainda que ele opte por realçar que o *“Aspecto é uma categoria [...] através da qual se marca a duração da situação e/ou suas fases, sendo que estas podem ser consideradas sob diferentes pontos de vista, a saber: o do desenvolvimento, o do completamento e o da realização da situação”*. (TRAVAGLIA, 2006:40)

De um lado, o que se observa é um apelo maior à noção de duração como um valor capaz de caracterizar de maneira geral a categoria de Aspecto, enquanto que Comrie (1976) e Costa (2002) consideram a duração apenas uma das manifestações de como se vê a constituição temporal interna de uma situação, sendo ela, por si só, incapaz de recobrir a generalidade da categoria aspectual. De outro, tem-se o realce das fases que constituem a situação que, conforme a própria definição de Travaglia, estão relacionadas à maneira como a situação é vista. Desse modo, essas fases organizam-se em subgrupos distintos dependendo do ponto de vista considerado:

- 1) o do desenvolvimento da situação, que agrega três fases: início, meio e fim;
- 2) o do completamento da situação, que fornece duas fases: a da situação completa e a da situação incompleta;
- 3) o da realização da situação, que abarca três fases: a da situação por começar, a da situação começada ou não-acabada e a da situação acabada.



Percebe-se que no tocante às fases – que também podem ser consideradas como maneiras distintas de se ver a constituição temporal interna de uma situação -, há uma grande diferença entre Travaglia (2006) e Comrie (1976) e Costa (2002). O problema reside na consideração do ponto de vista que envolve as fases de realização da situação, visto que elas dizem respeito não à estrutura temporal interna da situação. Isto é, elas extrapolam, na perspectiva de Comrie e Costa, o limite inicial e final da situação enunciada, ao fazerem menção aos momentos em que a situação está prestes a começar ou ao momento em que a situação já é acabada. Disso resulta que para Comrie e Costa, ao contrário de Travaglia, noções como o iminencial (situações que estão para começar), o acabado, e o inacabado não são significados aspectuais.

A noção de fases, no entanto, não é empregada apenas por Travaglia (2006), mas também por Castilho (2002:83): *“o aspecto verbal é uma propriedade da predicação que consiste em representar os graus do desenvolvimento do estado de coisas aí codificado, ou, por outras palavras, as fases que ele pode compreender”*. A terminologia muda um pouco de “situação” para “estado de coisas enunciado” e não há referência por parte de Castilho à duração como um valor que propicie ou faça parte de uma definição geral de Aspecto. Além disso, as fases de desenvolvimento da situação propostas por Castilho não são exatamente as mesmas de Travaglia, tal como arrolado no capítulo sobre a interpretação aspectual. Por fim, temos o posicionamento de Corôa (2005), o qual nos parece estar mais afastado do que se disse até agora sobre a definição geral da categoria.

Embora Corôa (2005) se ocupe em buscar uma interpretação semântica para os Tempos verbais do português, ela não deixa de reservar uma boa parte de sua obra à discussão do Aspecto. Como a autora lança mão de uma teoria logicista - a proposta de Reichenbach (1947) - e uma teoria semântica de conjuntos para caracterizar a categoria de Tempo e prover representações formais dos tempos verbais do português, ela acaba traçando um percurso expositivo do Aspecto onde tenta caracterizá-lo por meio de recursos similares aos empregados com o Tempo. Por essa razão, a autora chega a uma definição de Aspecto, ainda que semântica, muito mais formal, no sentido de que permite uma representação das interpretações aspectuais em termos de teoria dos conjuntos.

Dessa forma, a fim de propor uma caracterização de Aspecto compatível com a categoria de Tempo em termos de uniformidade da terminologia teórica empregada, Corôa

(2005) toma como unidade de análise o evento<sup>5</sup>, para o qual estabelece uma caracterização temporal e aspectual. Segundo a autora, no âmbito temporal, o evento é visto como um ponto, mas intuitivamente o falante sabe que qualquer evento dura um certo tempo, apresenta extensão, por isso uma definição de Aspecto em face ao Tempo vale-se da característica de que os eventos se desenvolvem de um estado inicial para um final. Lançando mão dessa característica, conseqüentemente, Corôa assume que um evento possui fases, ou, nos termos dela, um evento é composto de subeventos. Desse modo, se o Tempo diz respeito à localização de eventos em relação ao momento da fala e outros momentos de referência, o Aspecto está relacionado à quantificação de subeventos de um evento.

Embora mencione noções como “duração”, “desenvolvimento de um estado inicial para um estado final”, a definição final de Aspecto elaborada por Corôa (a quantificação dos subeventos de um evento) perde muito dos valores semânticos apontados pelos autores vistos anteriormente. Na verdade, nos parece que ao falar de quantificação dos subeventos de um evento, Corôa desloca especificamente a atenção do desenvolvimento de um estado inicial para um estado final – noção mais próxima das formulações de estrutura temporal interna e fases de desenvolvimento – para um valor similar ao da iteratividade, que não é considerado um significado aspectual por alguns autores (Comrie (1976) e Costa (2002), por exemplo). Mais propriamente, fica a impressão de que a definição de Corôa só dá conta dos casos em que é possível discernir os subeventos de um evento, como em seu exemplo “*José arquivou as cartas*” (CORÔA, 2005: 74), de que se pode dizer que há subeventos (imaginemos, por exemplo, o pegar as cartas; a separação delas ou por data, ou por remetente, ou por assunto; a introdução das cartas em pastas; a introdução das pastas em gavetas; etc.) do evento *arquivar cartas*. Mas no caso de “*A moda americana sempre existiu [...]*” (nilc\corrigid\jornal\folha\ilust-il\i194ab16)<sup>6</sup>, quais seriam os subeventos de *existir*? Entendemos que a proposta de Corôa é problemática nesse tocante, pois trata os “eventos”

<sup>5</sup> Termo adotado pela autora de Reichenbach (1947). O termo “evento” assume uma função e significado muito maiores nos estudos aspectuais, temporais e modais na linha da Semântica de Eventos, que o redefiniu completamente, do que a função e significado vistos em Reichenbach (1947) e Corôa (2005). Para saber um pouco mais, recomendamos a leitura de Wachowicz (2000).

<sup>6</sup> O que se encontra entre os parênteses é a identificação de onde os dados foram retirados, por meio dela é possível ter acesso aos arquivos (textos) de onde as ocorrências foram extraídas pelo programa WordSmith Tools. Assim, “nilc” identifica o *corpus* em sua totalidade, “corrigid” identifica a parte do *corpus* de onde extraímos nossa amostra, “jornal” identifica o universo de escrita do qual a ocorrência foi retirada (também aparecem em nossa amostra dados de “revista” e livros técnicos “tecnic”), “folha” identifica o nome do jornal, “ilust-il” identifica a seção do jornal de onde o dado foi retirado e “i194ab16” identifica a data de publicação do jornal, onde “il” remete novamente à seção, em seguida o ano (94), depois o mês (ab– abril) e por fim o dia (16). Tal identificação foi desenvolvida pelos pesquisadores que constituíram o corpus NILC, o qual pode ser encontrado no site: [www.nilc.icmc.usp.br](http://www.nilc.icmc.usp.br)

expressos pelo verbo indiscriminadamente, sem atentar que certos verbos não podem ser vistos em termo de fases ou subeventos. Na verdade, como veremos adiante, a autora sequer considera que os semantemas verbais possam influenciar a análise aspectual.

Vimos, então, que a oposição entre Tempo e Aspecto é um caminho usualmente percorrido na definição da categoria aspectual, gozando de maior unanimidade<sup>7</sup> entre os autores consultados. Assim, de um lado, sabemos que o Aspecto é uma categoria não-dêitica, posto que não envolve a localização da situação em relação ao momento da enunciação, característica essa que rendeu à categoria a “alunha” de tempo interno a situação. De outro, verificamos a tendência em se caracterizar a categoria como responsável por expressar como a estrutura temporal interna de uma situação (envolvendo, normalmente, valores como duração e fases de desenvolvimento) é percebida, o que está em consonância com a característica apontada quando da comparação de Tempo e Aspecto. Percorrido o caminho de que significado *lato* a categoria aspectual manifesta, resta-nos discutir por meio de que expedientes linguísticos (lexicais e/ou gramaticais) esse significado é expresso na língua.

## ***1.2 A distinção Aspecto e Aktionsart: a questão da expressão aspectual***

A discussão acerca da distinção entre Aspecto e *Aktionsart*<sup>8</sup> é praticamente uma passagem obrigatória nos estudos aspectuais. Isto devido à falta de consenso em se considerar essas duas noções como faces distintas de um mesmo fenômeno ou em considerá-las fenômenos diversos. De tal sorte, é possível observar na literatura aspectual trabalhos que se dividem entre essas duas alternativas. Antes, porém, de abordar as opções feitas pelos autores consultados em relação a essas duas alternativas, é mister que esclareçamos do que se trata a distinção aqui mencionada. Para tanto, cabe lembrar que até então temos falado em termos como “valor”, “noção”, “significado” aspectual. Com isso, tratamos apenas da existência de um conceito semântico que, conforme visto anteriormente, envolve a referência à estrutura

<sup>7</sup> Dizemos “maior”, pois para Castilho (2002:85) “o conceito de aspecto é primordial [...]. Não me parece necessário concebê-lo como uma sorte de ‘tempo interno’ da predicação”. Isso significa que para o autor a conceituação de Aspecto deve ser independente da de Tempo, ainda que ele próprio aponte a não relação com o momento da enunciação como uma característica aspectual.

<sup>8</sup> Na literatura aspectual (COMRIE, 1976; BERTINETTO&DELFIOTTO, 2000; COSTA, 2002; CORÔA, 2005; FREITAG, 2007) e semântica (OLIVEIRA, 2001; CHIERCHIA, 2003), são encontrados termos como “modo da ação”, “modo de ser da ação”, “aspecto lexical”, “aspecto inerente”, “tipo de situação”, “tipo de predicado”, “acionalidade”, “classe acional do verbo” que correspondem, mais ou menos, à noção de *Aktionsart*.

temporal interna de uma situação e as diferentes maneiras de percebê-la. A assunção da existência desse valor semântico no português e em outras línguas leva-nos ao problema de como esse significado é expresso. Estudos aspectuais como o de Comrie (1976) dão conta de que tanto categorias lexicais quanto gramaticais podem codificar as diferentes maneiras como a estrutura temporal interna de uma situação é percebida. Ao primeiro caso, dá-se o nome de *Aktionsart* – categoria lexical – e ao segundo de *Aspecto* – categoria gramatical.

O português apresenta as duas possibilidades. Assim, a oposição semântica verificada entre os verbos *procurar* e *achar* é um caso de *Aktionsart*, na medida em que eles codificam por meio de seus radicais como se estrutura a situação por eles referida. *Procurar* é um verbo que codifica a situação como durativa, já *achar* codifica a situação como pontual, ou seja, como não-durativa. Já a oposição entre o pretérito perfeito simples e o pretérito imperfeito do indicativo trata-se de *Aspecto*, uma vez que suas flexões codificam como é percebida a estrutura temporal interna de uma situação, tal como demonstrado por Fiorin (1996:155):

- (1) *No dia 29 de dezembro, o Senado condenou o presidente Collor à pena de inabilitação política por oito anos.*
- (2) *No dia 29 de dezembro, o Senado condenava o presidente Collor à pena de inabilitação política por oito anos.*

Segundo Fiorin (1996), em (1) a situação de condenação é referida como um ponto (sem duração) pelo recurso do morfema de pretérito perfeito enquanto em (2) a mesma situação é referida como tendo duração pelo emprego do morfema de pretérito imperfeito.

Uma vez estabelecido que o significado aspectual pode ser expresso por itens lexicais e gramaticais, a questão normalmente levantada pelos estudiosos diz respeito a se dever considerar esses dois recursos expressivos como fenômenos distintos ou como faces distintas de um mesmo fenômeno. Em última instância, o problema é se ambos os recursos devem ser analisados separadamente, admitindo-se, portanto, que eles não se relacionam na composição dos significados aspectuais dos enunciados; ou se eles devem ser analisados um em relação ao outro, admitindo-se, nesse caso, que *Aspecto* e *Aktionsart* entram em composição na constituição dos valores aspectuais. Esse é um ponto importante, pois, como apresentamos adiante, o posicionamento adotado determinará a maneira e os limites da interpretação aspectual.

Na “resolução” do problema da expressão aspectual, há os que, como Mattos (1995) e Corôa (2005), consideram Aspecto e *Aktionsart* fenômenos distintos, adotando uma análise independente dessas categorias. Por exemplo, Corôa (2005) argumenta que o Aspecto, na condição de categoria gramatical, é uma passagem obrigatória no uso dos verbos, enquanto o Modo de Ser da Ação (*Aktionsart*), por ser uma categoria lexical, é de aplicação facultativa no uso dos verbos<sup>9</sup>. Por tal razão, ao tratar da interpretação aspectual, a autora toma como objeto de análise apenas os significados aspectuais expressos por marca morfológica flexional (Aspecto). Com isso, frente aos enunciados:

(3) *Acabei de ler Vidas secas.*

(4) *Li Vidas secas.* (CORÔA, 2005:66)

O posicionamento da autora implica que (3) não se trata de um fenômeno aspectual – mas sim de *Aktionsart* –, na medida em que ela opta por trabalhar apenas com valores aspectuais codificados por meio de morfemas modos-temporais, desconsiderando as contribuições dos semantemas verbais, das perífrases e dos advérbios. Há, contudo, aqueles que, como Comrie (1976), Costa (2002), Castilho (2002), Travaglia (2006), consideram Aspecto e *Aktionsart* faces distintas de um mesmo fenômeno, o que leva a uma análise composicional, onde esses recursos expressivos são analisados numa relação de interdependência. Sobre o assunto, a título de ilustração, Costa (2002:23) argumenta que “*se se estuda a categoria como conteúdo semântico numa língua, deve-se estudá-la onde quer que apareça nos enunciados da língua*”. Dessa forma, para a autora, o fenômeno codificado em (3) é aspectual. Também Castilho (2002), a respeito de um outro extremo – considerar na interpretação aspectual apenas o *Aktionsart* – diz que o estudo do Aspecto fundamentado apenas na semântica do radical do verbo (*Aktionsart*) não é suficiente, sendo por isso necessário que se pratique uma análise composicional, em que a interpretação aspectual de um enunciado considere a relação entre *Aktionsart*, morfemas flexionais, perífrases verbais, argumentos e adjuntos adverbiais.

---

<sup>9</sup> Essa passagem de Corôa entra em choque com o que geralmente se assume em termos de objetividade (categoria obrigatória) e subjetividade (categoria facultativa) dessas categorias. Comrie (1976); Costa (2002); Flores e Silva (2000); Coan (2003); Freitag (2007) entre outros, consideram o Aspecto uma categoria subjetiva, pois o indivíduo escolhe aplicar uma perspectiva perfectiva ou imperfectiva ao semantema verbal (*Aktionsart*). A *Aktionsart*, nesse sentido, seria a categoria objetiva, pois ela já vem determinada do léxico. O indivíduo, então, não pode escolher os traços aspectuais inerentes ao verbo, pode apenas escolher que flexão aplicar a este verbo, confirmando ou alterando seus traços aspectuais inerentes.

A fim de ver quais as consequências, para a interpretação aspectual, em se dissociar ou não as duas categorias em discussão, tomamos um exemplo retirado de nossos dados e outro retirado de Castilho (2002):

(5) a- \* *Ele brincava mas não brincou.*

b- *Ele se afogava mas não se afogou.*(CASTILHO, 2002:90)

(6) *O Brasil sempre foi um país muito generoso com os arquitetos.*

(nilc\corrigid\jornal\folha\cotid-co\co94ag19)

Se assumirmos que a *Aktionsart* não se relaciona com o Aspecto, não conseguiremos explicar a diferença de interpretação aspectual entre (6) e sua contraparte sem o advérbio *sempre* e tampouco explicaremos porque (5a) é apontada como não aceitável, agramatical enquanto (5b) é aceitável. No entanto, ao assumirmos que essas duas noções (Aspecto e *Aktionsart*) interagem, podemos dizer que a agramaticalidade de (5a) deve-se ao fato da situação ali expressa ter uma *Aktionsart* atélica. Isso significa que a situação de *brincar*, ao contrário de *afogar-se*, não tem de chegar a um fim necessário para se poder dizer que houve uma situação de *brincar*. Iniciada a brincadeira, não importa se ela durou dez minutos ou uma hora, houve uma situação de *brincar*. Por essa razão, (5a) soa antinatural, já que o emprego de “mas não brincou” tenta negar a ocorrência efetiva da situação de *brincar* codificada por “brincava”. Já em (5b), não há problema de gramaticalidade, posto que *afogar-se* é uma situação télica, ou seja, para haver uma situação de *afogar-se* não basta que ela se inicie, é necessário também que ela chegue a um fim. Dessa forma, não há problema em negar-se a situação de *afogar-se*, mesmo ela tendo sido iniciada.

Para justificar a diferença entre (6) e “O Brasil foi um país muito generoso com os arquitetos”, não se pode deixar de recorrer a uma análise composicional, em que Aspecto e *Aktionsart* são analisados em interação. Suprimindo de (6) o *sempre* - advérbio associado à marcação do contínuo ou do iterativo (COSTA, 2002; FIORIN, 1996; TRAVAGLIA, 2006) - temos uma interpretação aspectual de que “ser generoso com os arquitetos” é uma situação vista como um todo no passado (com limite inicial e final), do qual não interessa fazer menção a constituição temporal interna (se a situação é durativa, se é contínua, etc.). Já em (6), pela presença do *sempre*, a interpretação de “ser generoso com os arquitetos” é a de uma situação em desenvolvimento (contínua), sem limite inicial e final aparente, sendo possível,

até mesmo, percebê-la como válida para o momento de enunciação. Se não levássemos em conta a contribuição do *sempre*, visto por Corôa como categoria lexical sem interesse no estudo dos significados aspectuais, não conseguiríamos explicar a diferença de valores aspectuais entre (6) e sua contraparte.

Justificada a importância de se levar em conta os recursos expressivos de *Aktionsart* e Aspecto durante a análise da interpretação aspectual, arrolamos, na próxima subseção, os valores aspectuais codificados via *Aktionsart*, ou, mais propriamente, as referências encontradas em relação ao aspecto lexical.

### 1.2.1 Aspecto lexical: os tipos de predicado

De acordo com o exposto anteriormente, a utilização de noções como *Aktionsarten*, “tipos de situação”, “aspectos inerentes”, “acionalidade”, etc. remete, na verdade, a uma classificação dos significados aspectuais subjacentes a determinados itens lexicais. Aqui abordamos as referências encontradas em Comrie (1976) e Vendler (1967), que além de serem muito difundidas se assemelham em alguns pontos.

No capítulo intitulado “Aspecto e significado inerente”, Comrie (1976) classifica as situações<sup>10</sup> em termos dos significados aspectuais que lhes são inerente, trabalhando com três pares de oposição: pontual e durativo, télico e atélico, dinâmico e estático. Ao abordar a oposição pontual *versus* durativo, o autor primeiro procura estabelecer a diferença existente entre a duratividade e a imperfectividade, para que não sejam tomadas como a mesma noção. A imperfectividade diz respeito a se ver uma situação considerando sua estrutura interna<sup>11</sup>. Já a duratividade significa simplesmente fazer menção ao fato de que uma dada situação dura por um certo período de tempo. Desse modo, consoante Comrie, uma situação pode ser

---

<sup>10</sup> Comrie (1976) utiliza o termo “situação” em sentido lato, de modo a recobrir noções como estados, processos e eventos. Enquanto estivermos nos referindo ao autor, empregaremos a mesma nomenclatura. Ao longo do trabalho, o termo “situação” será utilizado não mais na perspectiva de Comrie, mas apenas para fazer menção à cena evocada por um verbo e seus argumentos. Além disso, em lugar de “tipo de situação” empregaremos “tipo de predicado”, opção justificada ao longo desta subseção.

<sup>11</sup> No próximo capítulo, veremos com maior detalhe as definições de perfectivo e imperfectivo, por enquanto basta entender que o imperfectivo tem a característica de referir as situações levando em conta sua constituição temporal interna (por exemplo, se são durativas) e o perfectivo refere as situações sem levar em conta como elas se constituem.

durativa sem, contudo, ser vista imperfectivamente, da mesma forma que uma situação durativa pode ser apresentada numa forma perfectiva. Para melhor compreensão, tomemos os exemplos elaborados a partir do verbo “estudar”:

(7) Eu estudei inglês.

(8) Eu estudava inglês.

Comrie considera “estudar” um verbo de situação durativa, pois ele é inerentemente durativo. Todavia, isso não garante que ele seja visto imperfectivamente. Tudo dependerá da marca aplicada a ele, se perfectiva (7), a duração é obliterada, uma vez que o perfectivo faz com que a situação não tenha sua estrutura interna considerada; se imperfectiva (8), a duração é realçada. Isso concerne à relação entre significado aspectual inerente (tipo de situação) e oposições aspectuais gramaticalizadas como perfectivo *versus* imperfectivo (marcas morfológicas), o que significa que essas oposições gramaticalizadas podem combinar-se a um significado aspectual inerente, reforçando-o, enfraquecendo-o, ou mesmo originando um novo significado.

Definido o conceito de situação durativa, é possível falar de seu par opositivo: a situação pontual. O pontual indica uma situação que não dura no tempo, ela é percebida como momentânea, o que implica que esse tipo de situação não tem uma estrutura temporal interna. Assim, em uma língua em que marcas de imperfectividade são usadas para fazer referência à estrutura interna de uma situação, a combinação entre pontual e imperfectivo, resultará em um valor de iteratividade. Por iteratividade deve-se entender a referência a uma situação que se repete, em oposição ao termo semelfactivo que indica uma situação singular, não repetida.

Já trabalhamos com a definição de situação télica e atélica anteriormente, explicando que a primeira apresenta um fim inerente e a segunda não, conforme nos dizem Comrie (1976:44), Castilho (2002: 88) e Travaglia (2006: 55). Por isso, nos atemos aqui em como reconhecer situações télicas e atélicas. Segundo Comrie (1976), a telecidade ou atelecidade de uma situação pode ser testada por meio de um artifício<sup>12</sup> cujo procedimento consiste em tomar uma determinada situação, por exemplo *sing (cantar)*, e referi-la numa forma

---

<sup>12</sup> Travaglia (2006) faz menção a esse mesmo teste e Castilho (2002) cita dois testes, um muito similar ao de Comrie(1976) e outro que consiste em tomar uma situação e referi-la no pretérito imperfeito. Em seguida, deve-se justapor uma oração adversativa com a mesma situação referida no pretérito perfeito. Se a sentença resultar aceitável, tem-se uma situação télica, caso contrário, tem-se uma situação atélica (como exemplo, cf. (5a) e (5b) na p. 22).



imperfectiva, o progressivo inglês, o que resulta no enunciado (9) “*John is singing*”<sup>13</sup>” (COMRIE, 1976:44). Em seguida, deve-se analisar se a situação referida imperfectivamente implica a mesma situação referida perfectivamente. Em caso afirmativo, a situação em análise é atélica, em caso negativo, a situação é télica. Isto é, como podemos dizer que é possível implicar *John has sung* (*John cantou- forma perfectiva*) de *John is singing* (*John está cantando- forma imperfectiva*), então *sing* (*cantar*) é uma situação atélica. O mesmo não se dá com a situação *make a chair*, não podemos implicar de *John is making a chair* *John has made a chair*<sup>14</sup>. Daí, *make a chair* ser uma situação télica (COMRIE, 1976: 45)<sup>15</sup>. É preciso ainda referir a observação do autor sobre o fato de que uma situação como *sing* (*cantar*), considerada atélica, passar a ser télica pelo acréscimo de um argumento como *song* (*canção*). Assim, em *John is singing a song*<sup>16</sup> (COMRIE, 1976: 45), *sing a song* é télica, pois há um fim inerente a essa situação: o término da canção.

Por fim, ao abordar a distinção entre situação dinâmica e estática<sup>17</sup>, Comrie (1976) restringe a discussão a situações durativas – isto é, só se pode discutir se uma situação é dinâmica ou estática, se ela for durativa – e ratifica que o termo *phase* será utilizado para fazer referência a qualquer porção de tempo dentro da duração da situação em análise. Dessa forma, situações estáticas são aquelas em que todas as fases da situação enunciada são idênticas, enquanto que situações dinâmicas são aquelas em que as fases da situação enunciada são muito diferentes umas das outras. Um exemplo disso pode ser visto nas situações:

(10) *John knows where I live*<sup>18</sup>.

(11) *John is running*<sup>19</sup>. (COMRIE, 1976:49)

<sup>13</sup> “John está cantando”

<sup>14</sup> “John está fazendo uma cadeira” “John fez uma cadeira”

<sup>15</sup> Toda essa discussão está relacionada ao “paradoxo do imperfectivo”, que segundo Bertinetto e Delfitto (2000:191) se origina da relação do traço [+ télico] com a oposição aspectual perfectivo/imperfectivo. Os autores aceitam que o progressivo (forma imperfectiva) apaga o traço télico do predicado: “... the progressive aspect detelicizes the predicate”.

<sup>16</sup> “John está cantando uma canção”

<sup>17</sup> As considerações acerca desses tipos de situação se estendem a Travaglia (2006), uma vez que este autor adota quase completamente os conceitos elaborados por Comrie (1976) a respeito deste tópico.

<sup>18</sup> “John sabe onde eu moro”

<sup>19</sup> “John está correndo”

A situação contida em (10) é uma situação estática, na medida em que suas fases são todas iguais, não se observando mudança de uma fase para outra. Segundo o autor, em qualquer ponto de desenvolvimento que escolhamos dividir a situação de “saber”, ela será igual a si mesma. De modo contrário, a situação contida em (11) é dinâmica, já que suas fases são diferentes, observando-se, portanto, mudança de uma para outra fase. Isso significa que em qualquer ponto de desenvolvimento que cortemos a situação de “correr”, ela não será igual a si mesma. Em outras palavras, “saber algo” implica sabê-lo agora e agora e agora, não é possível perceber fases (início, meio, fim), já em “correr” é possível perceber fases com início, meio e fim.

Não podemos deixar de mencionar as classes aspectuais de Vendler (1967), que influenciaram muitos estudiosos do Aspecto, inclusive Comrie (1976), sendo até hoje muito difundida e empregada em estudos aspectuais. São quatro as classes propostas:

- *Atividades* – são situações de duração temporal indefinida, não apresentando um limite final inerente (situação atélica), responde à pergunta “por quanto tempo”. Situações percebidas como verdadeiras mesmo quando interrompidas. Nas palavras de Vendler (1974:106) “A estava correndo no tempo  $t$  significa que o instante de tempo  $t$  é um período de tempo ao longo do qual A estava correndo”.
- *Achievements* – são situações pontuais, ou seja, sem duração inerente. Seu limite inicial coincide com seu limite final, responde à pergunta “em que momento/hora”. Assim, A ganhou uma corrida entre  $t^1$  e  $t^2$  significa que o intervalo de tempo em que A ganhou a corrida está entre  $t^1$  e  $t^2$ .
- *Accomplishments* – são situações de duração temporal definida, posto que apresentam limite final evidenciado (situações télicas). Situações não percebidas como verdadeiras quando interrompidas. Respondem à pergunta “em quanto tempo”. Nesse sentido, A estava desenhando um círculo no tempo  $t$  significa que  $t$  é o período de tempo no qual A desenhou o círculo.

- Estados – situações também durativas, mas que não podem ser divididas em fases (homogeneidade). Não apresentam limite final inerente. Por fim, A amou alguém de  $t^1$  a  $t^2$  significa que em qualquer instante entre  $t^1$  e  $t^2$  A amou aquela pessoa.

Tais classes cumprem o papel de categorizar predicados (verbos e seus argumentos) quanto ao valor aspectual a eles subjacentes. É interessante observar que alguns verbos, dependendo do tipo de argumento (se quantificado ou não, se determinado ou não), podem passar de uma classe a outra. Por exemplo:

- (12) *Apesar de não ter sido reivindicado, o crime tem as características dos terroristas do ETA, que sempre alvejaram policiais.*  
(nilc\corrigid\jornal\folha\mundo-mu\mu94ab29)
- (13) *A Gringolândia sempre levou o sexo a sério.*  
(nilc\corrigid\jornal\folha\revis-re\re94jl10)
- (14) *Sempre levava mulheres para o seu quarto.*  
(nilc\corrigid\jornal\folha\mundo-mu\mu94ag18)

Em (12) “alvejar policiais” é uma atividade, mas se a estrutura argumental fosse outra, como “alvejar um policial”, então se trataria de um predicado pertencente à classe dos *achievements*. Há também casos como (13) e (14), em que as estruturas argumentais são semelhantes, mas não podemos encará-los literalmente, classificando “levar mulheres para o quarto” como atividade e “levar o sexo a sério” como pertencente à classe dos *accomplishments*, quando ele é um estado. Não podemos classificar “levar mulheres para o quarto” e “levar o sexo a sério” por associação, o primeiro predicado se trata de atividade, pois envolve duração indefinida, sem limite final inerente e pode ser visto em fases; enquanto o segundo predicado envolve duração indefinida, sem limite final inerente, mas não pode ser visto em fases, sendo, portanto, um predicado pertencente à classe dos estados. Com isso, percebemos que é necessário muito cuidado para se atribuir uma determinada classe a um dado predicado, posto que, como afirma Freitag (2007: 91) com base em Bertinetto<sup>20</sup> (2001),

---

<sup>20</sup> BERTINETTO, Pier Marco. On a frequent misunderstanding in the temporal-aspectual domain: the perfective-telic confusion. In: Carlo Cechetto, Gennaro Chierchia, Maria Teresa Giusti (eds.) *Semantic interfaces: reference, anaphora and aspect*. Stanford: CSLI Publications, 2001. Obra à qual não tivemos acesso.

*um dado predicado pode ser relacionado a mais de uma classe acional, dependendo da sua composição argumental.*

Como mencionado na introdução desta seção, similaridades são percebidas no tratamento de Vendler e Comrie acerca dos significados aspectuais subjacentes, seria inclusive possível e desejoso ver nos pares dicotômicos de um (Comrie) o desdobramento das classes do outro (Vendler) e vice-versa. Embora boa, a idéia não é nossa, mas sim de Bertinetto (2001 apud FREITAG, 2007:88); e tampouco objetiva sintetizar, ou amalgamar, as propostas por nós analisadas. Na verdade, a proposta de Bertinetto procura desdobrar as classes aspectuais de Vendler (1967) por meio de três propriedades ou traços aspectuais inter-relacionados (duratividade, dinamicidade, homogeneidade):

**Quadro 1: Propriedades das classes aspectuais (BERTINETTO, 2001 apud FREITAG, 2007)**

	Durativo	Dinâmico	Homogêneo
<b>Estados</b>	+	-	+
<b>Atividades</b>	+	+	+
<b>Achievements</b>	-	+	-
<b>Acomplishments</b>	+	+	-

A duratividade está relacionada à duração da situação, a homogeneidade diz respeito ao fato de tal situação não apresentar um fim inerente, estando ligada à noção de atelicidade (+ homogêneo) e telicidade (- homogêneo). A dinamicidade, por sua vez, tem a ver com a noção de desenvolvimento interno, estados, por não apresentarem desenvolvimento interno, são - dinâmicos. Dito isso, percebemos que este quadro nos permite falar de aspecto inerente, ou tipos de predicado, já que as classes e traços se aplicam ao verbo e seus argumentos, de duas maneiras que são na verdade uma, haja vista que uma leva a outra. A vantagem do quadro elaborado por Bertinetto (2001 apud FREITAG, 2007), em nossa análise, é que ele nos permitirá trabalhar com as classes Vendlerianas, sem perder de vista o que há por trás delas, pois possibilitará, quando necessário, refinar o controle dos tipos de predicado de Vendler (1967), de modo a verificar qual a menor unidade significativa que determina os valores aspectuais dos enunciados com *sempre* em contexto de pretérito perfeito e imperfeito.

### 1.2.2 Um parêntese necessário: tipos de predicado e restrições de compatibilidade

Esta subsecção faz-se necessária para que possamos esclarecer do que se tratam as restrições de compatibilidade instauradas entre os tipos de predicado e outras marcas aspectuais presentes nos enunciados (flexão verbal, adjuntos adverbiais, etc.) e as respectivas consequências disso.

Primeiramente, é preciso deixar claro que só se pode falar de restrições de compatibilidade em relação àquelas teorias cuja análise aspectual seja composicional. Isto é, teorias em que se assume que o tipo de predicado, a flexão verbal, perífrases e adjuntos/orações temporais interagem na formação do significado aspectual final do enunciado. Por significado aspectual final do enunciado<sup>21</sup>, remetemo-nos ao resultado do percurso de opções que o indivíduo trilha para codificar o Aspecto:

*“ (1) a primeira opção é escolher um item no Léxico marcado pela Aktionsart requerida por sua necessidade expressiva; (2) a segunda opção é confirmar tal Aktionsart, ou alterá-la, por meio de recursos morfológicos e sintáticos; (3) a terceira opção é acomodar o Aspecto assim configurado na articulação discursiva.” (CASTILHO, 2002: 85)*

Para exemplificar essas noções de interação aspectual e significado aspectual final, tomemos um de nossos dados:

- (15) *“Na modernidade, as artes sempre foram o lugar de refúgio e de luta nos momentos em que a vida foi atacada”.*  
(nilc\corrigid\jornal\folha\mais-ma\ma94mr20)

---

<sup>21</sup> Ao longo deste estudo, utilizaremos os termos “leitura aspectual”, “interpretação aspectual” e “atualização aspectual” como sinônimos de “significado aspectual final”.

- (16) As artes foram o lugar de refugio e de luta. (adaptado)
- (17) As artes sempre foram o lugar de refúgio e de luta. (adaptado)
- (18) Na modernidade, as artes sempre foram o lugar de refúgio e de luta. (adaptado)

Conforme se pode observar, o dado tomado para ilustração foi decomposto. Esse procedimento tem o intuito de mostrar, passo a passo, como a interação aspectual leva a um determinado significado aspectual final no enunciado. Em (16), o indivíduo escolhe um item lexical “ser” marcado pelos traços de duratividade, estaticidade e atelecidade (predicado estativo) e os altera por meio da flexão de pretérito perfeito. Esta faz com que a situação seja vista não mais como durativa, mas como uma situação da qual não interessa referir se durou ou não (esse é o valor perfectivo). Além disso, a atelecidade não é confirmada pela flexão, uma vez que a flexão de pretérito perfeito, não só deixa de remeter à constituição temporal interna da situação, mas também lhe marca os limites iniciais e finais. Por isso, nesse enunciado as interações aspectuais levam a um significado final em que a situação é vista como não-durativa e acabada. Por outro lado, em (17) pelo acréscimo de *sempre* o indivíduo altera as modificações da flexão relatadas em (16). Com a inserção desse novo elemento, a duratividade do item lexical é confirmada e em adendo ganha um valor de algo em desenvolvimento e não-acabado, uma vez que o *sempre* reforça a atelecidade da situação, já que não lhe impõe um limite final. Nesse caso, o significado final é de uma situação durativa, em desenvolvimento e não-acabada. Já em (18), pelo acréscimo de “na modernidade”, o valor resultante fica um pouco afastado de (17), na medida em que ainda se tem uma situação durativa, em desenvolvimento, mas acabada pelo limite inicial e final que o adjunto “na modernidade” impinge à situação. Finalmente, em (15) - o enunciado originalmente produzido - pela inserção do adjunto “nos momentos em que a vida foi atacada”, a situação antes vista como durativa e em desenvolvimento passa a ser vista como iterativa<sup>22</sup> (ou seja, uma repetição no sentido de que “durante a modernidade, em cada ocasião em que a vida era atacada o refúgio sempre/ em cada ocasião eram as artes”).

Compreendido em que sentido falamos de interação aspectual e significado aspectual final, podemos voltar ao objetivo dessa subseção: as restrições de compatibilidade e os tipos

---

<sup>22</sup> Não necessariamente nessa ordem que os elementos tenham que ser inseridos no enunciado.

de predicado. Como exposto no início desta subseção, as restrições de compatibilidade dizem respeito à interação dos tipos de predicado com outras marcas aspectuais do enunciado. Durante tal interação, pode ser que certos tipos de predicado não possam ocorrer sob determinadas flexões verbais ou ao lado de certos adjuntos, pois o enunciado resultaria inaceitável/agramatical. Ou ainda, e este é o foco aqui, há resultados de interações entre marcas aspectuais que não são considerados significados aspectuais. Exemplos disso podem ser vistos em Comrie (1976) e Costa (2002). Para Costa (2002), lexemas não portadores do traço semântico [+ durativo] comumente restringem a plena atualização do Aspecto. Dessa forma, segundo a autora, a sentença “*O vaso permaneceu quebrando por alguns minutos*” (COSTA, 2002:24), embora não sendo de todo impossível, soa pouco natural. Isso porque o lexema “quebrar” não porta o traço [+durativo], o que cria uma restrição de compatibilidade com a perífrase *permaneceu + gerúndio*, usada para marcar duração.

Caso similar é apontado por Comrie (1976:42) ao afirmar que o imperfectivo, em função de sua própria definição, não pode ser usado para referir situações que não apresentem constituição temporal interna (predicados pontuais/*achievements*), já que o imperfectivo, por definição, faz referência explícita à constituição temporal interna de uma situação. Então o problema é usar uma forma para marcar constituição temporal interna em situações que não tem complexidade temporal interna. Ocorre, porém, que nem sempre o uso de formas imperfectivas com predicados pontuais resulta em sentenças inaceitáveis por restrição de compatibilidade. Há casos em que se tem como resultado um terceiro valor que nasce da interação de dois significados aspectuais distintos. De acordo com Comrie (1976: 42), aplicar uma forma com significado imperfectivo em um predicado pontual, resulta no valor iterativo. Como ilustração, o autor toma a situação referida pelo verbo *cough* (*tossir*), a qual é percebida em inglês como uma situação pontual e a associa à forma progressiva inglesa, considerada pelo autor um meio de marcação de imperfectividade:

- (19) *He was coughing.* (COMRIE, 1976: 42)  
 (*Ele estava tossindo*)

Nesse exemplo, o que se tem não é necessariamente uma referência à constituição temporal interna da situação, característica da imperfectividade, mas sim uma referência ao fato de que essa situação se repetiu, o que caracteriza a iteratividade, desconsiderada pelo autor como uma manifestação semântica de imperfectividade. Com isso, a combinação entre

um predicado pontual e uma forma imperfectiva implica restrições quanto aos valores imperfectivos que podem surgir de tal combinação.

Costa (2002) também desconsidera como Comrie (1976) que a iteratividade e o habitual por iteração sejam valores aspectuais. Costa, seguindo a perspectiva de Comrie, admite que apenas o habitual por continuidade é um valor aspectual. Assim, nos exemplos abaixo:

(20) “*Ele sai de casa às oito horas há três anos*”. (COSTA, 2002:27)

(21) “*Ele cria gatos há três anos*”. (COSTA, 2002:27)

Temos em (20) um fato habitual por iteração, já que o fato “sair de casa” se repete dentro do intervalo de tempo “três anos”. Já em (5), o fato “*criar gatos*” é habitual por continuidade, tendo em vista que o fato não se repete, mas sim perdura no intervalo de “três anos”. De acordo com a argumentação de Costa (2002:27), o habitual por iteração não é um valor aspectual, pois o valor iterativo de uma situação não pode, a rigor, ser visto como pertinente à constituição temporal interna dessa situação. Isso porque a iteração se trata da repetição de fatos idênticos que se sucedem na linha do tempo e não de tomar em consideração a constituição temporal interna do fato, atendo-se ao tempo decorrido dentro dos limites do fato enunciado, o que caracteriza, na visão de Costa, a categoria de Aspecto.

Considerar a iteração e o habitual por iteração como restrições de compatibilidade, é uma opção teórico-metodológica empreendida por Comrie (1976) e Costa (2002). Outros autores como Castilho (2002) e Travaglia (2006) não veem esses valores como restrições de compatibilidade, mas sim como significados aspectuais. Caberá a nós também, em momento oportuno, definir se entendemos esses valores como restrições de compatibilidade ou como genuínos valores aspectuais. Por ora, passemos à exposição das noções consideradas a oposição aspectual básica da categoria de Aspecto: o perfectivo e o imperfectivo e sua atualização nos enunciados.



---

## **CAPÍTULO II – ATUALIZAÇÃO E INTERPRETAÇÃO ASPECTUAL: OS VALORES ASPECTUAIS E SUA EXPRESSÃO**

---

Este capítulo tem como objetivo tratar com maior profundidade dos valores semânticos aspectuais manifestados em português; de alguns elementos linguísticos<sup>23</sup> que manifestam esses valores e de que forma esses elementos relacionam-se entre si, resultando em valores aspectuais diversos daqueles resultantes quando tais relacionamentos não ocorrem.

### ***2.1 A oposição aspectual básica da categoria de Aspecto***

No estudo de que valores semânticos o Aspecto compreende, é muito comum encontrarmos referências ao que se tem chamado de oposição aspectual básica (COMRIE, 1976; COSTA, 2002; CASTILHO, 2002; CORÔA, 2005). Tal nomenclatura revela duas coisas sobre o estudo da interpretação aspectual: (i) a assunção de que o Aspecto é uma categoria na qual os valores semânticos se manifestam por oposição; (ii) a assunção de que dentre todas as oposições aspectuais possíveis existe uma considerada básica, sendo que “básica” é compreendida de duas maneiras distintas e, por vezes, complementares. Numa compreensão, o termo “básica” é utilizado para fazer referência à oposição aspectual que se considera a mais característica, usual; noutra, o termo é utilizado como um meio de generalização, de forma que a oposição aspectual considerada básica compreende outras oposições aspectuais. Neste momento, nos interessa caracterizar no que consistem o perfectivo e imperfectivo para cada autor consultado, sem atentar para suas subdivisões, que serão retomadas, em parte, na seção sobre o pretérito perfeito e o imperfeito.

---

<sup>23</sup> Aqui tratamos principalmente da expressão do Aspecto pela flexão verbal de pretérito perfeito simples e pretérito imperfeito do indicativo, eventualmente entram em cena outros elementos como o semantema verbal ou tipos de predicado (já discutidos no primeiro capítulo) e adjuntos adverbiais (que serão discutidos com maior atenção no terceiro capítulo).

Para Comrie (1976), assim como para Costa (2002)<sup>24</sup> que adota as formulações do autor, a oposição básica da categoria envolve a constatação de que os fatos enunciados podem ter ou não sua constituição temporal interna considerada pelo indivíduo. Sob tal perspectiva, tem-se o valor imperfectivo, quando o fato expresso possui menção à sua constituição temporal interna e o perfectivo, quando o fato expresso é visto como global, do qual não interessa referir a constituição temporal interna. Os autores relatam ainda que referir um fato perfectivamente não implica que o fato em si não possua uma estrutura temporal interna, o uso do perfectivo significa apenas que o indivíduo não levou em consideração essa estrutura.

Outras caracterizações propostas para a oposição perfectivo e imperfectivo são vistas pelos autores como inadequadas. Segundo eles, há quem associe o perfectivo à expressão de fatos de curta duração e o imperfectivo à expressão de fatos de longa duração; ou quem diga que o perfectivo serve para descrever fatos com limites e o imperfectivo para descrever a duração ilimitada; ou quem afirme que o perfectivo indica fato pontual/momentâneo e o imperfectivo indica fato durativo e ainda há aqueles que assumem que o perfectivo expressa fato acabado, enquanto o imperfectivo expressa fato não-acabado. Embora todas essas características estejam presentes em alguns usos do perfectivo e do imperfectivo, nenhuma delas, afirmam os autores, é comum a todos os casos, não servindo, portanto, para caracterizar, conceituar a categoria de Aspecto. Essas características seriam, na verdade, consequências de se considerar um fato como global, sem constituição temporal interna, ou considerá-lo em sua complexidade temporal interna.

Então, em uma comparação entre dois fatos, um referido globalmente e o outro não, *“é natural que tenhamos a impressão de que o fato referido em sua globalidade é mais curto do que o outro, podendo inclusive ser visto como pontual em face do outro, que é nitidamente não pontual”* (COSTA, 2002: 32). Ocorre ainda que, quando referido globalmente, o fato automaticamente terá seus limites inicial e final marcados, já o fato referido não globalmente não apresentará necessariamente esses limites. Quanto à caracterização do perfectivo como expressão de fato acabado e do imperfectivo como fato inacabado, Costa (2002) declara haver uma confusão entre referência ao ponto terminal de um fato e referência ao fato enunciado como acabado. A verdade é que em razão de o perfectivo expressar o fato como um todo, o fato é visto como completo, com início meio e fim, mas sem ênfase a qualquer uma das partes

---

<sup>24</sup> Decidimos apresentar a visão destes dois autores conjuntamente, pois como Costa (2002) adota Comrie (1976) em sua fundamentação teórica, não alterando praticamente em nada os conceitos do autor, seria muito enfadonho, porque repetitivo, e pouco útil passar pelas considerações dos autores em separado.

constitutivas do fato. Nesse sentido, Comrie (1976:18) alerta que não se pode confundir a noção de situação completa, atribuída ao perfectivo, com completada, pois ao se dizer que uma situação é completada a ênfase recai no término da situação, e não na sua estruturação como um todo com início, meio e fim. Dessa forma, ainda que o uso do perfectivo implique que o fato enunciado seja visto como um todo no qual se inclui o ponto terminal desse fato, isso não significa que todo uso de perfectivo refira os fatos como acabados. Ademais, a noção de acabado e inacabado, consoante Costa (2002), está mais propriamente relacionada com o Tempo do que com o Aspecto, posto que só se pode considerar um fato como acabado ou inacabado em relação ao ponto dêitico da enunciação.

Para Corôa (2005:73), a marca relevante do Aspecto encontra-se também na oposição básica de perfectivo *versus* imperfectivo. No entanto, o entendimento da autora sobre o que caracteriza o perfectivo e imperfectivo é diverso da caracterização proposta por Costa (2002). Corôa assume que o perfectivo se caracteriza pelo valor de completude, enquanto o imperfectivo se caracteriza pela incompletude. Como a autora trabalha com a teoria dos conjuntos para descrever os empregos temporais e aspectuais dos verbos em português, sua conceituação de perfectivo (completude) e imperfectivo (incompletude) deriva de sua definição geral de Aspecto (tal como exposto na p.17). Assim, tem-se o perfectivo quando todos os subeventos de um dado evento estão incluídos no espaço de tempo em questão. O imperfectivo, por sua vez, ocorre quando ao menos um subevento de um dado evento não está incluído no espaço de tempo em questão. Por exemplo, nos enunciados:

(22) *José arquivava as cartas.* (CORÔA, 2005: 74)

(23) *José arquivou as cartas.* (CORÔA, 2005: 74)

A autora afirma que em (23) todos os subeventos do evento *arquivar cartas* já ocorreram, o que implica o valor de completude. Já em (22) essa completude não ocorre, visto que o evento ainda é representado em seu desenvolvimento.

A noção de inclusão para distinguir a oposição perfectivo e imperfectivo também é empregada por Godói (1992). A autora caracteriza esta oposição por meio da relação entre tempo de referência e tempo de evento, formulados por Reichenbach (1947). Antes, então, de apresentarmos o posicionamento de Godói, vamos entender um pouco o trabalho de Reichenbach, no qual a autora se fundamenta.

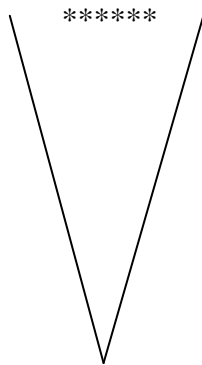
Embora não o primeiro, mas um dos mais citados, Reichenbach formulou uma representação formal para os *tenses* do inglês, com base em três conceitos: momento de fala, momento do evento, momento de referência. Tal representação tem por objetivo organizar numa linguagem lógico-formal as representações temporais codificadas nas línguas naturais, e assim poder localizar os eventos no eixo temporal. Dessa forma, em relação ao momento de fala, o momento do evento pode se orientar de modo anterior, simultâneo e posterior, dando a representação apenas de passado, presente e futuro. Por meio do momento de referência, em relação ao qual o momento do evento também se orienta em termos de anterioridade, simultaneidade e posterioridade, obtém-se codificações mais complexas, uma vez que o próprio momento de referência se orienta em relação ao momento de fala. Nessa perspectiva, num enunciado como “Mamãe chegou, quando eu estava no banho”, “estar no banho” é o momento de referência para “chegar” (momento do evento), ambos orientados em relação ao momento da fala, sendo que “chegar” é simultâneo a “estar no banho”, e os dois são anteriores a momento de fala.

Godói (1992) retoma, então, os conceitos de momento do evento e momento de referência, e os utiliza não no sentido de momento, mas no de intervalo, notando, apropriadamente, que em enunciados como o exemplificado acima, o que há não é propriamente uma relação de simultaneidade, mas antes de inclusão do tempo do evento (chegar) no tempo de referência (estar no banho). Munida dessas formulações, Godói define perfectividade e imperfectividade, levando em conta a relação entre o tempo de referência e o tempo de evento. No perfectivo, o tempo de referência inclui o tempo do evento, fazendo com que a situação tenha “pontas”, seja “fechada”. No imperfectivo, o tempo do evento inclui o tempo de referência, fazendo com que a situação não tenha “pontas”, seja aberta, gerando uma interpretação durativa da situação.

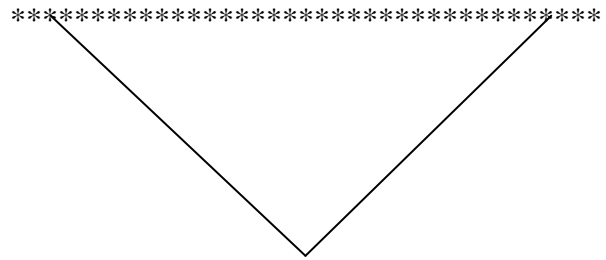
Acreditamos que o dito por Corôa (2005) e Godói (1992), pode ser entendido também, de uma maneira ainda mais clara sob o nosso ponto de vista, pela metáfora da lente fotográfica<sup>25</sup>, em que a situação é vista como um objeto, sobre o qual a lente pode lançar perspectivas diferentes de visão. No perfectivo, é como se a lente estivesse de longe, e a situação de tão distante, pareceria pequena, compacta e bem delimitada. No imperfectivo, por outro lado, as lentes são focadas de uma forma que de tão próximas, a situação não é vista inteiramente, seus limites não são percebidos.

---

<sup>25</sup> Maiores detalhes sobre a metáfora da lente fotográfica e suas aplicações podem ser encontradas em Fleischman (1995) e Givón (2001).



**Figura 1: Ponto de vista perfectivo**



**Figura 2: Ponto de vista imperfectivo**

Em sua tipologia do Aspecto, Castilho (2002) propõe uma visão um tanto diferenciada, em que a categoria apresenta duas faces: uma qualitativa e a outra quantitativa. Na face qualitativa, encontra-se a oposição aspectual básica entre perfectivo e imperfectivo. Na visão desse autor, o perfectivo se caracteriza por expressar “*uma ação pontual, acabada, isto é, uma ação cujo começo coincide com o seu desfecho, tornando-se irrelevantes as fases de seu desenvolvimento*” (CASTILHO, 2002:86). O imperfectivo, em contrapartida, atribui relevância às fases de desenvolvimento da ação, podendo apresentá-la nas seguintes fases: uma fase inicial; uma fase medial e uma fase final. Na face quantitativa do Aspecto, distinguem-se a ocorrência singular (Aspecto semelfactivo) da ocorrência múltipla, habitual ou reiterada (Aspecto iterativo). De acordo com a exposição do autor, cada ocorrência verbal pode assumir simultaneamente mais de uma face, isto significa que nas expressões linguísticas os tipos aspectuais qualitativos podem co-ocorrer com um dos tipos aspectuais quantitativos.

Finalmente, temos Travaglia (2006) na condição de um caso à parte em relação à sistematização dos valores aspectuais. Como vimos na literatura acerca de Aspecto, o usual é trabalhar com os significados aspectuais hierarquicamente, postulando-se uma oposição aspectual básica das quais as outras oposições derivam. Nesse sentido, os autores abordados até aqui consideram como oposição aspectual básica o par perfectivo *versus* imperfectivo, derivando dele subtipos aspectuais<sup>26</sup>. Entretanto, Travaglia (2006:75) contraria esse hábito ao

<sup>26</sup> Apenas Godói (1992) e Corôa (2005) não trabalham com subtipos do perfectivo/imperfectivo ou outros tipos aspectuais.

estabelecer um quadro aspectual do português não fundamentado no conceito de oposição aspectual básica. Para ele, os significados aspectuais manifestam-se por meio de oposições, mas nenhuma delas seria básica, isto é, nenhuma delas por si só seria capaz de abarcar, sem contradições, todas as noções aspectuais possíveis. Por conta disso, o autor propõe um quadro de “Aspectos simples”<sup>27</sup>, o que significa que cada noção/valor aspectual resulta em um tipo de Aspecto, não havendo subtipos. Sobre o perfectivo e o imperfectivo, o autor alega serem eles os responsáveis por codificar as fases relacionadas ao completamento da situação. De um lado, há a fase em que a situação é completa, perfectiva e de outro, a fase em que a situação é incompleta, imperfectiva. Dizer que uma situação é completa significa dizer que ela é apresentada como um todo indivisível, com seu início, meio e fim englobados num todo. Já, considerar uma situação como incompleta significa dizer que ela não é vista em seu todo, posto que normalmente ela é apresentada em uma de suas fases de desenvolvimento.

Por meio das definições apresentadas para perfectivo e imperfectivo, podemos depreender os seguintes pontos em comum, que constituem “nossa” caracterização para a oposição básica da categoria de Aspecto:

**Perfectivo** – apresenta a situação com limite inicial e final, sendo, por isso, percebido como um todo fechado em si mesmo, sem possibilidade de referir desenvolvimento interno, fases ou duração de uma situação;

**Imperfectivo** – apresenta a situação sem limites, sendo, por isso, percebido como em desenvolvimento, com a capacidade de referir as fases ou duração de uma situação.

Encerrada a revisão da oposição básica que a categoria de Aspecto pode atualizar para cada autor, ocupamo-nos na próxima subseção de um elemento linguístico reconhecidamente aceito, nas línguas que o possuem, como atualizador/marcador aspectual: a flexão verbal. Por motivos já mencionados, nossa exposição se detém nas formas de pretérito perfeito simples e pretérito imperfeito do indicativo.

---

<sup>27</sup> Travaglia (2006) utiliza o termo “Aspectos simples” no sentido de que sua exposição não prevê, por exemplo, um Aspecto imperfectivo resultativo, chamado por ele de Aspecto composto.

## ***2.2 Pretérito perfeito simples e pretérito imperfeito: seus valores aspectuais***

O intuito nesta seção é focar a discussão nos valores aspectuais que as flexões do pretérito perfeito simples e do pretérito imperfeito do indicativo atualizam em português. Mas antes, é preciso esclarecer o que se entende por atualização aspectual. A atualização aspectual diz respeito a que categorias linguísticas podem codificar as distinções aspectuais já apresentadas. Como pudemos ver em outra oportunidade, o Aspecto pode ser manifestado por meio do semantema verbal, advérbios, flexões verbais, perífrases, etc. Acontece, porém, que cada um desses recursos pode codificar um ou, às vezes, mais de um valor aspectual. Então, cada vez que numa dada sentença há um elemento linguístico codificando um valor aspectual, dizemos que a categoria de Aspecto foi atualizada, seguindo a perspectiva de Costa (2002: 38), Castilho (2002: 85) e Travaglia (2006:115-116).

Na exposição sobre que valores aspectuais esses pretéritos atualizam, Costa (2002:49) associa o pretérito perfeito simples à expressão da perfectividade. Então, seu papel é expressar um fato passado perfectivamente, isto é, como um bloco fechado. Embora se diga que o pretérito perfeito expressa fatos acabados, enquanto o imperfeito expressa fatos inacabados; para a autora, ambos os pretéritos expressam fatos acabados, uma vez que se tratam de fatos passados (para maiores detalhes cf. discussão sobre acabado e inacabado na p.35). Na verdade, costuma-se fazer essa associação, pois o uso do pretérito perfeito - na sua condição de forma perfectiva, que refere o fato como um bloco fechado – implica que o fato tem um limite final e, por isso, é acabado. Já o pretérito imperfeito expressa um fato passado sem referência à existência de um limite final para o fato. Assim é, pois o pretérito imperfeito é empregado para expressar fatos passados imperfectivamente, ou seja, do ponto de vista de sua constituição temporal interna. Normalmente, de acordo com Costa (2002:48), são dois os valores semânticos que o pretérito imperfeito pode codificar : (i) o habitual por continuidade, que se constitui como um valor aspectual denominado por Costa de *imperfectivo cursivo* e (ii) o habitual por iteratividade, que para Costa não se trata de Aspecto<sup>28</sup>. O que influencia se a flexão do imperfeito manifesta o Imperfectivo cursivo ou apenas iteração é a presença ou não do traço [+ *durativo*] no lexema verbal. Se o lexema apresenta o traço [+ *durativo*], a flexão

---

<sup>28</sup> Podemos adiantar que, nesse tocante, discordamos de Costa, por razões expostas na seção 3.3.

marcará o *imperfectivo cursivo*. Em caso contrário, a flexão marcará iteração. Como forma de esclarecimento, a autora fornece os exemplos:

(24) *Infalivelmente estourava uma bomba às nove horas.*

(25) *Quando criança, eu lidava com horta.* (COSTA, 2002:49)

Segundo Costa, o exemplo (24) exprime habitualidade por iteração, pois o lexema verbal porta o traço [ – *durativo*], o que leva ao entendimento de que “estourar uma bomba às nove”, é algo que se repete constantemente, configurando o habitual por iteração, onde iteração remete à repetição e habitual a hábito. Em relação a (25), a autora alega se tratar de um habitual por continuidade, uma vez que o lexema verbal porta o traço [ + *durativo*], levando ao entendimento de que “lidar com horta” é algo que acontece continuamente, de maneira cursiva, durante a infância, daí o nome habitual por continuidade. A autora propõe, então, uma oposição entre o uso do imperfeito que gera repetição (24) e o uso do imperfeito que não gera repetição (25). Todavia, parece-nos inviável compreender a situação de “lidar”, em (25), como não se repetindo durante a infância, se ela for compreendida como cursiva – uma situação que perdura sem interrupções em seu tempo de duração – deveríamos aceitar que durante toda a infância, sem interrupção, ela lidava com horta.

Como Corôa (2005: 73-74) não trabalha com um quadro de oposições aspectuais, mas apenas com a oposição básica perfectivo (completo) *versus* imperfectivo (incompleto), resulta em sua análise que o morfema flexional de pretérito perfeito codifica as ações perfectivamente (completas) e a flexão do imperfeito expressa ações imperfectivamente (incompletas). Desse modo, quando uma sentença apresenta a flexão de perfeito, deve-se entender que todos os subeventos do evento ali expresso estão incluídos num dado espaço de tempo, surgindo daí a noção de completude. Em contrapartida, quando uma sentença apresenta a flexão de imperfeito, deve-se entender que é possível que um ou mais de um dos subeventos do evento ali expresso pode não estar incluído no espaço de tempo em questão, o que acarreta a noção de incompletude. Por separar a noção de Modo de Ser da Ação da categoria de Aspecto, Corôa não trabalha com a idéia de que a relação entre um item lexical (semantema do verbo, advérbio) e os morfemas flexionais de pretérito perfeito e pretérito imperfeito pode interferir na atualização aspectual. Para ela, o que conta é somente o valor aspectual oriundo dos morfemas flexionais.



No estudo das formas de pretérito perfeito e pretérito imperfeito, dando continuidade ao projeto de descrever a flexão MODO-TEMPORAL no português culto do Brasil, Campos, Rodrigues e Galembeck (1993:52) identificam a forma de pretérito perfeito com a expressão da perfectividade e o pretérito imperfeito com a imperfectividade. Para esses autores, a perfectividade está relacionada à completude da situação e à falta de referência a sua constituição temporal interna. A imperfectividade, por sua vez, está associada à incompletude e à referência da constituição temporal interna da situação. Os autores ainda declaram que uma análise pertinente das formas de pretérito perfeito e pretérito imperfeito deve levar em conta uma possível relação entre o valor semântico da base lexical - isto é, se os verbos são de ação, de processo, de estado, etc. - e o sufixo modo-temporal.

Travaglia (2006:121) começa caracterizando as formas de pretérito perfeito e pretérito imperfeito pela noção de completamento, equivalente à de completude, já vista aqui em outros autores. Segundo o autor, sob a forma de pretérito perfeito, a situação é sempre apresentada como completa, enquanto que, na forma de pretérito imperfeito, a situação é sempre apresentada como incompleta. Trata-se respectivamente dos Aspectos perfectivo e imperfectivo, que, como vimos, são para o autor apenas dois dos Aspectos possíveis em português e não a oposição básica da categoria. Por isso, além de codificar esses Aspectos, o pretérito imperfeito e o perfeito podem assumir outros valores aspectuais. Primeiramente, apresentaremos os Aspectos codificados pelo pretérito perfeito e pretérito imperfeito ligados ao completamento, à duração e à fase de desenvolvimento. Em seguida, os Aspectos relacionados à fase de realização que eles codificam.

Desse modo, o pretérito imperfeito, em si, além do imperfectivo, marca também o cursivo (fase de desenvolvimento intermediária, em contraste à fase inicial e final). Dependendo da estruturação sentencial em que o pretérito imperfeito aparece, ele pode marcar o durativo (situação que perdura) ou o habitual (situação que se repete indefinidamente). Assim, se a situação expressa pelo pretérito imperfeito for uma situação que se processava quando outra sobreveio, o valor resultante é durativo (e conseqüentemente cursivo), como em “*Ele **caminhava** pelas ruas, quando teve uma idéia*” (TRAVAGLIA, 2006:123), nesse exemplo o pretérito imperfeito é chamado de pretérito imperfeito presentificado. Em caso de não haver outra situação sobrevinda à situação expressa no imperfeito, o Aspecto atualizado é o habitual: “*José esquecia objetos onde quer que fosse*”(TRAVAGLIA, 2006:125), aqui o imperfeito é chamado de pretérito imperfeito simples em oposição ao presentificado. De acordo com Travaglia, há uma forte relação entre o hábito e a caracterização do indivíduo que

o possui, por isso muitas sentenças de Aspecto habitual são marcadas pelo pretérito imperfeito com um papel de caracterização<sup>29</sup>.

Quanto ao pretérito perfeito, não se pode dizer que ele marque algum aspecto ligado à fase de desenvolvimento (início, meio, fim), já que ele é perfectivo e, por isso, um todo completo, indivisível. Esse pretérito em si também não marca nenhum Aspecto caracterizado pela duração ou não duração. Contudo, quando associado a certos semantemas verbais, adjuntos adverbiais ou mesmo quando o verbo é repetido, o pretérito perfeito acaba sendo visto como capaz de expressar valores como o pontual, o durativo, o iterativo e o habitual, o que para Travaglia (2006) não é propriamente correto. Vejamos:

- (26) *Paulo **arrebentou** o cordão sem dificuldade.* (TRAVAGLIA, 2006: 122)
- (27) *Antônio **procurou** você **durante a tarde toda**.* (TRAVAGLIA, 2006: 123)
- (28) *Marta **aprontou-se, aprontou-se** e depois resolveu não sair mais.*  
(TRAVAGLIA, 2006: 123)
- (29) *Ele **falou** comigo **várias vezes**.* (TRAVAGLIA, 2006: 123)
- (30) *Aquele menino **sempre desobedeceu** aos pais.* (TRAVAGLIA, 2006: 123)

Pelo dito acima, pode-se dizer que a situação apresentada em (26) é pontual não pela flexão de perfeito, mas sim porque o semantema do verbo que expressa a situação em análise é estritamente pontual. A situação de (27) é vista como durativa pela presença do adjunto adverbial e não pelo pretérito perfeito em si. Da mesma forma, (28) apresenta a situação como durativa pela repetição do verbo. Em (29), o Aspecto envolvido é iterativo em função do adjunto, e, em (30), tem-se o habitual também marcado pelo adjunto. Em última instância, isso significa que o único Aspecto manifestado especificamente pelo morfema flexional de pretérito perfeito é o perfectivo (completude), porque a imperfectividade está marcada, nos exemplos acima, por outros elementos formais.

Agora, resta tratar de quais Aspectos relacionados à fase de realização (ou seja, se a situação já é começada e não-acabada, se está prestes a começar, ou se já é acabada) o

---

<sup>29</sup> Este comentário do autor sobre o emprego “discursivo” do habitual, tem base na afirmação de Comrie (1976:28) de que “once we have decided that something constitutes a characteristic situation, we are free to use an explicitly habitual form to describe it (...)” Ou seja, “uma vez decidido que algo se constitui como uma situação característica, nós somos livres para usar uma forma explicitamente habitual para descrevê-la (...)”.

pretérito perfeito (PP) e o imperfeito (PI) podem expressar. A primeira coisa a ser dita, segundo Travaglia (2006), é que em nenhuma circunstância esses pretéritos em si expressam o não-começado. À exceção disso, todas as afirmações feitas pelo autor em relação aos Aspectos concernentes à fase de realização que esses pretéritos podem expressar são baseadas em testes de percepção. Tais testes foram aplicados com falantes do português para verificar como os mesmos percebiam a expressão dos Aspectos acabado e não-acabado pelos dois pretéritos em questão, quando relacionados a predicados de estado e predicados não estativos (que o autor subdividiu em télicos e atélicos), e a advérbios de frequência.

De acordo com os resultados de Travaglia (2006), nos verbos de estado, a forma de perfeito é a que marca o Aspecto acabado. Também com os verbos télicos é a forma de pretérito perfeito que marca o acabado. Já com os verbos atélicos, o autor disse não ser possível asseverar algo com certeza pelos dados encontrados, mas apenas apontar uma certa tendência do pretérito imperfeito como responsável pelo Aspecto acabado. O acabado também é marcado pelo pretérito imperfeito nas sentenças em que ocorrem adjuntos adverbiais de frequência, principalmente com o *sempre*, **não importando se o verbo é télico ou atélico**. Ao confrontar sentenças apenas com o pretérito imperfeito simples a sentenças que apresentam o pretérito imperfeito com adjunto adverbial de frequência, o autor mais uma vez não pôde declarar nada seguramente, mas apenas indicar certas tendências. Assim, o autor aponta uma predominância do pretérito imperfeito simples como marcador do acabado com verbos atélicos e também uma predominância do pretérito imperfeito com adjunto adverbial de frequência como marcador do acabado com verbos télicos. Em relação a tudo isso, nos interessa destacar que o constatado como usual é o PP manifestar o valor acabado e o PI o não-acabado<sup>30</sup>, sendo que na presença de adjuntos de frequência – entre os quais Travaglia inclui o *sempre* – esta distribuição fica alterada, com o PI manifestando o acabado e o PP o não-acabado.

Nesta seção não apresentamos o posicionamento de Castilho (2002), pois em seu trabalho o autor fala apenas de modo geral do papel das flexões verbais na atualização verbal, não especificando, portanto, o papel de cada flexão modo-temporal. A seguir, no capítulo sobre os advérbios aspectuais, expomos o emprego específico de adjuntos adverbiais para marcar Aspecto, com ênfase em nosso objeto de estudo: o *sempre*.

---

<sup>30</sup> Ainda que o autor trate esses valores como aspectuais, em nossa análise nós os consideraremos temporais, os motivos para tanto são apresentados no fim do próximo capítulo.

---

## CAPÍTULO III – ADVÉRBIOS ASPECTUAIS: O *SEMPRE* EM FOCO

---

Chegamos finalmente ao nosso propósito específico. Neste capítulo, discutimos de que forma os advérbios/adjuntos podem atualizar ou contribuir para a atualização da categoria de Aspecto. Como não poderia deixar de ser, damos atenção especial ao *sempre* e aos valores aspectuais associados a ele. Ao fim do capítulo, propomos um pequeno quadro aspectual, elaborado a partir das considerações deste capítulo e do capítulo anterior, de modo a clarificar e determinar os significados aspectuais diretamente envolvidos em nossa análise.

### ***3.1 O papel dos adjuntos adverbiais na expressão aspectual: considerações gerais***

Contemplamos aqui não só advérbios/adjuntos adverbiais ditos aspectuais, mas também aqueles que não são necessariamente denominados de aspectuais, embora participem da atualização aspectual. Segundo Costa (2002:80), Castilho (2002:95) e Travaglia (2006: 230-231), essa atualização pode envolver a marcação de um determinado Aspecto ou a influência no resultado de uma leitura aspectual, a qual ocorre quando esses advérbios/adjuntos adverbiais são combinados a certas flexões verbais e a certos tipos de predicado.

Em seu estudo, Castilho (2002:95) defende que na análise aspectual dos enunciados os advérbios aspectualizadores têm importância para a composição do tipo de Aspecto obtido. A fim de estudá-los, o autor distingue, inicialmente, os *advérbios aspectualizadores qualitativos durativos e pontuais* (em trabalho anterior, citado logo abaixo, Castilho divide estes advérbios aspectualizadores em imperfectivos e perfectivos) dos *advérbios aspectualizadores quantitativos*. Segundo o autor, esses advérbios mantêm diferentes relações com o tipo de verbo com os quais ocorrem. Dessa forma, advérbios durativos relacionados a verbos atélicos

confirmam a imperfectividade destes (por exemplo<sup>31</sup>, *andaram durante três horas*); associados a verbos télicos, os advérbios durativos fazem surgir a iteratividade (*caíram durante três horas*). Já advérbios pontuais combinados a verbos atélicos indicam uma imperfectividade inceptiva (*andaram às três horas*, isto é, começaram a andar às três horas); e ao serem relacionados a verbos télicos, confirmam a perfectividade destes (*caíram às três horas*). Isso significa que os advérbios aspectuais *ora confirmam o sentido de base dos Vs, ora os alteram* (CASTILHO, 1998-99:290).

Os adjuntos adverbiais, nas palavras de Travaglia (2006: 230), “*têm tudo a ver com o aspecto*”, mas “*o que faremos será, tão somente, apresentar alguns delineamentos gerais*”. A atuação dos adjuntos adverbiais é limitada pelo autor aos Aspectos: iterativo, habitual, inceptivo, terminativo e acabado. É possível ainda dizer que os adjuntos adverbiais envolvidos na expressão desses Aspectos, em português, apresentam três empregos: (i) evitar ambiguidade; (ii) indicar o Aspecto por si só ou em combinação com outro elemento; (iii) reforçar o Aspecto expresso por outro elemento. O adjunto adverbial evita ambiguidade em casos como “*Ele chegava às oito horas e o chefe o repreendeu*” (TRAVAGLIA, 2006: 124), em que há uma ambiguidade entre uma leitura durativa e uma leitura habitual. No primeiro caso, a interpretação é de que “o chefe o repreendeu” é uma situação simultânea à “ele chegava às oito horas”, sendo que nesse caso “chegar às oito horas” é visto como uma situação fora do comum, não costumeira, configurando-se, na perspectiva de Travaglia, como uma única situação durativa. Já no segundo caso, a interpretação é de que “o chefe o repreendeu” não é uma situação simultânea à “ele chegava às oito horas”. Na verdade, é como se “o chefe o repreendeu” expressasse o desfecho, a consequência de uma série de situações, expressas, nesse caso, por “ele chegava às oito horas”, entendida, então, como uma situação costumeira, repetida, configurando-se, segundo Travaglia, como uma situação habitual. Tal ambiguidade, alega o autor, pode ser eliminada pelo uso de um adjunto adverbial de frequência, que acarreta seguramente a uma leitura habitual: “*Ele chegava às oito horas todos os dias e o chefe o repreendeu*” (TRAVAGLIA, 2006: 124).

O adjunto adverbial indica o Aspecto por si mesmo, quando, por exemplo, marca o durativo, o iterativo ou o habitual com o pretérito perfeito do indicativo. Um exemplo é o caso de “*Ele ensaiou esta música o dia todo*” (TRAVAGLIA, 2006: 123), onde o durativo é marcado pelo adjunto. Caso este seja retirado da frase, não se pode mais dizer da situação que

---

<sup>31</sup> Todos os exemplos apresentados nesse parágrafo foram retirados de Castilho (2002: 95).

ela tenha ou não durado. O adjunto adverbial pode ainda reforçar o Aspecto expresso por outro elemento como em “Às vezes *chovia forte*” (TRAVAGLIA, 2006: 125), onde o verbo no pretérito imperfeito marca o iterativo que é reforçado pela presença do adjunto adverbial de frequência *às vezes*. Além disso, o autor notifica que adjuntos adverbiais de frequência do tipo de *sempre, todos os dias, várias vezes, muitas vezes, diariamente*, etc. combinados ao presente e ao pretérito imperfeito do indicativo e do subjuntivo, implicam, normalmente, a expressão do habitual e, às vezes, a expressão do iterativo. Por fim, o autor alega que na relação entre adjuntos adverbiais e Aspectos são estes que condicionam a interpretação aspectual daqueles, por exemplo:

(31) a – “Ricardo **estudou há três dias**”. (TRAVAGLIA, 2006: 78)

b – “Ricardo **estudava há três dias**”. (TRAVAGLIA, 2006: 78)

Em (31), o que muda de (a) para (b) em termos formais é a flexão aplicada ao verbo *estudar*, mas essa mudança acarreta uma leitura aspectual diferente para o adjunto *há três dias*. Em (31a), o adjunto tem valor completo e pontual por conta dos Aspectos presentes na forma *estudou*. Já em (31b) o adjunto apresenta valor de incompleto e durativo em virtude dos Aspectos que a forma *estudava* manifesta.

Costa (2002:80), por sua vez, aponta quatro tipos de advérbios relacionados direta ou indiretamente à expressão aspectual. Vale registrar que a nomenclatura utilizada pela autora é a de “circunstanciais temporais”, de modo a abarcar elementos que tradicionalmente são chamados de advérbios, locuções adverbiais, formulações oracionais, etc. Assim, os tipos de circunstanciais são: temporais propriamente ditos; pontuais; de frequência e durativos. Os circunstanciais temporais propriamente ditos são os que marcam apenas o momento cronológico da ocorrência do fato verbal, não expressando por si só a imperfectividade, uma vez que não são capazes de referir a estrutura temporal interna de um fato. No entanto, podem expressar de forma global um espaço de tempo no qual um fato apresentado imperfectivamente se insere, como em “*Nós estamos em agosto*”. (COSTA, 2002:81) Nesse caso, *em agosto*, circunstancial que marca cronologicamente o fato, se refere de forma global ao período no qual a forma de imperfectivo cursivo “*estamos*” se insere.

Os circunstanciais pontuais são os que indicam uma ocorrência momentânea, sem referência à estrutura temporal interna do fato, como em “*A torta é um adubo que chega, você pode botar logo, usar ele logo, que não tem problema nenhum*”. (COSTA, 2002:82) Ao

contrário dos circunstanciais pontuais, os circunstanciais durativos são aqueles que expressam a estrutura temporal interna do fato verbal. São, de acordo com a autora, os únicos capazes de por si só expressar a imperfectividade. Isso significa que eles podem imperfectivizar uma forma verbal referida perfectivamente, tal como “*Eu estudei **durante o ano todo** ...*” (COSTA, 2002:84) ou simplesmente reforçar o Aspecto expresso por uma forma verbal imperfectiva ao acompanhá-la: “*Minha mãe passava **o dia todo** dando esse chá a ela.*” (COSTA, 2002:81)

Quanto aos circunstanciais de frequência, Costa diz que se tratam de circunstanciais que marcam a periodicidade e regularidade das ocorrências expressas pelo fato verbal. Contudo, como Costa não considera o iterativo e a habitualidade – valores associados aos circunstanciais de frequência – noções aspectuais, esses circunstanciais não podem por si só expressar a categoria de Aspecto. Isso, por outro lado, não implica que esses circunstanciais não possam aparecer acompanhados de formas perfectivas ou imperfectivas e acabem tendo, a depender dos elementos envolvidos, um valor perfectivo ou imperfectivo. Um exemplo disso pode ser encontrado neste outro exemplo da autora “*Então nós ... Controla lá com umas fichinhas e **periodicamente** eles estão se vacinando*”, em que *periodicamente* pode ser visto como tendo valor imperfectivo, tendo em vista a sua utilização em concomitância a um fato verbal que é percebido como em processo.

A respeito da relação entre Tempos verbais perfectivos e imperfectivos e circunstanciais perfectivos e imperfectivos, Costa observa o seguinte:

“ [...] no caso de ocorrência cruzada, ou seja, Tempo verbal perfectivo e circunstancial imperfectivo, ou vice-versa, prevalece para a frase o Aspecto imperfectivo, uma vez que um circunstancial pode imperfectivizar uma forma verbal perfectiva, mas nunca um circunstancial perfectiviza uma forma imperfectiva.” (COSTA, 2002:85)

Por exemplo, no enunciado “*Eu estudei **o ano todo***” (COSTA, 2002:84), o circunstancial durativo “o ano todo” imperfectiviza a forma verbal perfectiva “estudei”, uma vez que faz com que a situação “estudar” seja vista como durativa. Fenômeno similar ocorre

em “*Eu sempre fui assim*” (nilc\corrigid\jornal\folha\espor-es\es94ju26), em que o advérbio “sempre”, classificado por Costa (2002: 83) como um circunstancial perfectivo, curiosamente atribui um significado imperfectivo ao enunciado, posto que apresenta a situação de “ser” como em desenvolvimento. Isso nos leva a um dos problemas desta pesquisa: se o “sempre” realmente é um advérbio perfectivo, como ele pode imperfectivizar formas verbais perfectivas? A pergunta é simples. A resposta... não.

Nesta seção, vimos de forma geral, os tipos de advérbios aspectuais, as funções que eles desempenham na expressão aspectual, que influência eles causam na interpretação aspectual de um enunciado e como uma determinada forma verbal (pretérito perfeito e imperfeito) pode condicionar a leitura aspectual dos adjuntos adverbiais. Resta agora apresentarmos como o *sempre* se insere nesse universo de “adjuntos adverbiais aspectuais”

### **3.2 O sempre em foco: diferentes olhares sobre um mesmo objeto**

É preciso, antes de tudo, registrar que foram poucos os comentários específicos encontrados sobre o funcionamento do *sempre* em português. No entanto, isso não impediu que as visões presentes nesses comentários fossem contraditórias o suficiente a ponto de originar essa pesquisa. Vamos, então, a eles.

Costa (2002) trata do *sempre*, em sua obra, na seção de circunstanciais de frequência, afirmando que “o circunstancial *sempre*, cujo significado o inclui na área da habitualidade, tem um valor aspectual perfectivo.” (COSTA, 2002:83) Em seguida, embora considere que a habitualidade, tal como a iteração, não se constitui em Aspecto, diz que a presença do traço semântico habitualidade deve levar a uma análise mais atenciosa da relação entre o *sempre* e a forma verbal. Isso porque, segundo a autora, há uma possibilidade de, nessa relação, o habitual acabar sendo visto como um processo em desenvolvimento, o que então, para ela, constitui-se em Aspecto. Tal possibilidade, relata a autora, ocorreu em seus dados apenas uma vez. Abaixo contrastamos essa ocorrência a uma outra em que o habitual não é visto como um processo em desenvolvimento:

(32) *Sempre fui louca por cavalo...* (COSTA, 2002:83)



(33) *A gente passava sempre as férias em Dias D' Avila...* (COSTA, 2002:83)

A ocorrência em que o habitual se constitui em Aspecto é (32), pois aí ele é visto como um processo em desenvolvimento. Como o mesmo não ocorre em (33), o único valor em jogo é o habitual por iteração, o que para Costa não é Aspecto. A posição teórica da autora, conforme já exposto, só considera a habitualidade como valor aspectual quando ela se dá por continuidade, configurando, como em (32), o imperfectivo cursivo. De nossa parte, entendemos que (32) apresenta uma situação vista como em desenvolvimento, cursiva – sem interrupções no seu período de desenvolvimento – e que se estende até o momento de fala, ou seja, no momento em que enuncia (32), o indivíduo ainda se considera “louca por cavalo”, e, possivelmente, acredita que continuará sendo. Ao contrário, (33) apresenta a situação como vista de forma iterativa, algo que se repete ao longo do tempo e que não é válida para o momento de fala, “passar férias em Dias D' Avila” é algo não visto como ainda em acontecimento. Para nós, tanto (32) quanto (33) apresentam marcação aspectual, pois aceitamos o iterativo como um valor aspectual, conforme expomos na seção a seguir.

De outro lado, temos Travaglia (2006) que também enquadra o *sempre* como um adjunto adverbial de frequência, mas que nada alega sobre ele ser perfectivo ou não. Até porque, não esqueçamos, os conceitos de perfectivo e imperfectivo de Travaglia não são os mesmos de Costa (2002), e, além disso, ele aceita o habitual e o iterativo como Aspectos. Não obstante, na posição teórica adotada por Travaglia, é possível que um elemento linguístico e o enunciado em que ele se insere apresentem ao mesmo tempo diferentes Aspectos. Portanto, vejamos na expressão de que aspectos o *sempre* pode estar envolvido e que papéis desempenha na perspectiva desse autor.

O *sempre*, por ser um advérbio de frequência, está normalmente relacionado ao habitual e eventualmente à expressão do iterativo. Ele pode cumprir a função de evitar ambiguidades, por exemplo, “*Ele falava às dez horas*” (TRAVAGLIA, 2006:124) pode ter duas interpretações aspectuais: uma durativa e a outra habitual. Já em “*Ele sempre falava às dez horas*” (TRAVAGLIA, 2006:124), pelo acréscimo do *sempre* a ambiguidade é desfeita, sendo o habitual a única interpretação possível. O *sempre* também pode desempenhar o papel de marcar o Aspecto por si mesmo, como em “*Aquele menino sempre desobedeceu aos pais*” (TRAVAGLIA, 2006:123). Aqui o aspecto habitual é marcado pelo *sempre*, o que facilmente se verifica se o retiramos da frase que, então, passa a não apresentar mais o Aspecto habitual. Embora Travaglia não forneça um exemplo específico do *sempre* exercendo o papel de

reforçar o Aspecto expresso por outro elemento, é possível que ele desempenhe essa função, conforme demonstramos pelo exemplo adaptado de Travaglia:

(34) *José **esquecia** objetos onde quer que fosse* (TRAVAGLIA, 2006: 125)

(35) José **sempre esquecia** objetos onde quer que fosse (exemplo adaptado)

Então, em (34) o habitual é marcado pela forma de pretérito imperfeito *esquecia*, e em (35) o *sempre* apenas acompanha, reforça esse valor. Além desses valores, o *sempre* se relaciona de forma muito interessante, segundo Travaglia, com os Aspectos acabado e não-acabado. O autor trata do assunto indiretamente ao discutir se se pode associar a expressão do acabado ao pretérito perfeito e a do não-acabado ao pretérito imperfeito. Analisando ocorrências em que essas formas aparecem acompanhadas do *sempre*, Travaglia observou que o acabado é expresso pelo pretérito imperfeito e o não-acabado é expresso pelo pretérito perfeito, não importando o tipo de verbo/situação envolvido. Ocorre que, em casos onde o *sempre* não aparece, a distribuição desses aspectos geralmente ocorre de forma diversa (o acabado está para a forma de perfeito e o não-acabado para a de imperfeito). Isso sugere, portanto, que o *sempre* influencia na marcação dos Aspectos citados acima. A título de ilustração apresentamos abaixo um exemplo abordado pelo autor:

(36) *Ele sempre falava comigo* (TRAVAGLIA, 2006:135)

(37) *Ele sempre falou comigo* (TRAVAGLIA, 2006:135)

Dizemos a título de exemplificação porque o autor apenas relata que em (36) o Aspecto atualizado é o acabado, enquanto que o não-acabado está marcado em (37). Travaglia não explica por que nesse tipo de caso o enunciado com a forma de perfeito tem valor não-acabado e o enunciado com o imperfeito apresenta o acabado. Finalizando o assunto, o autor diz que outra diferença entre essas frases está na maneira como manifestam o habitual:

*“ [...] vemos que com o verbo no pretérito imperfeito há referência a um passado habitual sem um limite expresso, enquanto que com o pretérito perfeito há referência a um passado habitual, especificando-se um tempo que tem limite: o momento em que se fala (isto teria de ser assim em consequência da presença do perfectivo que exige um período de tempo completo e portanto perfeitamente limitado). Outra diferença no mesmo tipo de frase é que com o pretérito perfeito se enfatiza o completamento de cada realização da situação habitual e com o pretérito imperfeito isso não se dá (está diferença já é devida à oposição perfectivo/imperfectivo).” (TRAVAGLIA, 2006:135)*

É preciso registrar que a distinção conceitual feita pelo autor entre habitual e iterativo nos parece um tanto confusa, senão contraditória. Em seu quadro aspectual, o autor define o habitual como aquela situação apresentada como tendo duração descontínua **ilimitada** e o iterativo como tendo duração descontínua **limitada**. Porém, ao tratar dos exemplos citados acima Travaglia (2006) caracteriza a ambos como apresentando o habitual e explica que a única diferença entre eles está na forma como manifestam o habitual *“[...] vemos que com o verbo no pretérito imperfeito há referência a um passado habitual sem um limite expresso, enquanto que com o pretérito perfeito há referência a um passado habitual, **especificando-se um tempo que tem limite: o momento em que se fala [...]**” (TRAVAGLIA, 2006:135, grifo nosso)*. Ora, mas, afinal, a característica do habitual não é justamente não ter limite? Como podemos dizer que (37) expressa um habitual passado com limite, se o habitual, pela própria definição do autor, não deveria ter limite, mas sim ser ilimitado? E, tendo (37) uma duração descontínua limitada, ela não deveria então ser classificada como apresentando o Aspecto iterativo? Ou, então, não necessariamente o habitual precisa ser ilimitado? Tudo isso soa muito confuso, por isso, deixamos claro desde já que embora operemos com o Aspecto habitual, não o faremos segundo a definição desse autor.

Consideremos agora Ilari (1993: 183), para quem o *sempre* “*não indica eternidade (é difícil, aliás, encontrar sentenças simples com **sempre** que se referem simultaneamente ao passado, presente, e futuro, realizando a concepção clássica de eternidade)*”. Para Ilari, o

*sempre* indica generalização sobre um universo de ocasiões relevantes, fazendo com que um predicado de determinado tipo ocorra em todas as ocasiões de um determinado tipo. Como nos exemplos ofertados pelo autor:

- (38) *eu não leio muito negócio de esporte, eu **sempre** viro as folhas.* (ILARI, 1993:183)
- (39) *vinha muito pianista estrangeiro, então a gente não perdia, nós estávamos **sempre** lá.* (ILARI, 1993:183)

Conforme a exposição de Ilari, em (38) tem-se o predicado “virar as folhas” que ocorre toda vez que o indivíduo chega à página de esporte do jornal. Da mesma forma, em (39) o predicado “estar presente” ocorre em toda ocasião em que um pianista estrangeiro vinha tocar. Assim, segundo o autor, para explicar esse uso de *sempre* são necessárias duas condições:

- (i) o contexto ou situação define um universo de ocasiões relevantes;
- (ii) supõe-se que esse universo seja percorrido colocando-se cada ocasião em confronto com um determinado predicado; o advérbio exprime o resultado geral desse confronto (generalização)

Consoante a essas duas condições, temos que em (39), por exemplo, o universo de ocasiões relevantes é “vinha muito pianista estrangeiro”, em face do qual o *sempre* expressa o resultado do confronto entre cada ocasião relevante e um determinado tipo de predicado, nesse caso “estávamos lá”. Dito de outra forma, é como se o *sempre* nos fizesse ligar a situação “estávamos lá” a toda vez que se concretizasse a situação “vinha muito pianista estrangeiro”. Em virtude dessa descrição, Ilari (1993: 183) acaba por concluir que o sentido de *sempre* é sinônimo ao de *toda vez*. Gostaríamos de observar que o autor ilustra sua fundamentação apenas fazendo uso de enunciados em que o *sempre* ocorre com o tempo

presente e com o imperfeito (ambos de aspecto imperfectivo) e não explora a influência que os diferentes tipos de predicado podem exercer na atualização aspectual.

Castilho, por sua vez, considera o *sempre* tanto um advérbio aspectualizador qualitativo imperfectivo quanto um advérbio aspectualizador quantitativo, declarando em *Advérbios de predicação quantificadora* que “o Aspectualizador *sempre* é um pouco mais complicado, pois acrescenta à quantificação o conteúdo de permanência, ficando a meio termo entre *Quantificadores* e *Qualificadores*” (CASTILHO, 1999:104). Enquanto aspectualizador quantitativo, Castilho classifica o *sempre* como advérbio iterativo, cujas posições sintáticas podem ser: (i) o interior da estrutura sintagmática, separando o verbo auxiliar do verbo auxiliado, como em (41); (ii) na estrutura funcional da sentença, mais habitualmente entre o sujeito e o verbo, como em (40) ou (iii) ainda na estrutura funcional da sentença, entre o verbo e seus argumentos, como em (42). Segundo o autor, o *sempre* é capaz de quantificar o verbo sobre o qual incide sem apagar a imperfectividade ou perfectividade de tal verbo:

(40) *eu sempre vou a Caxias*

(41) *está sempre emperrado aquilo lá*

(42) *alguns anos atrás uma professora recém-ingressa na escola usava sempre (...) esse tipo de vestimenta* (CASTILHO, 1999: 109)

Ainda que o autor não comente tais exemplos a respeito de como o *sempre* mantém a perfectividade ou imperfectividade dos verbos ali modificados, podemos imaginar que (40) e (42) são exemplos em que o *sempre* quantifica as situações expressas pelos verbos (ambos na forma imperfectiva) sem alterar a imperfectividade delas e que (41) ilustra a não modificação da perfectividade de *emperrado*. No tocante ao *sempre* como aspectualizador qualitativo, Castilho (1998-99:290) o insere na classe dos imperfectivos, codificando valor durativo, e, infelizmente, nada mais fala sobre esse advérbio na condição de aspectualizador imperfectivo.

Para encerrar essa subseção, apresentamos o comentário de Fiorin (1996), que realmente se restringe a um comentário, à medida que não ultrapassa o fato de apontar que Aspectos o *sempre* manifesta e fornecer um exemplo para cada caso. Explicações sobre concepção aspectual não são dadas pelo autor, e suas afirmações, portanto, não são

justificadas. Isso ocorre em virtude de o objeto de estudo do autor não ser o Aspecto, mas sim o Tempo, sendo que a questão dos advérbios aspectuais é abordada apenas para distingui-los dos de Tempo, pois eles, segundo Fiorin, muitas vezes aparecem misturados. Desse modo, para Fiorin, o *sempre* indica acontecimento contínuo ou iterativo, conforme demonstram os exemplos abaixo:

(43) *Você estará **sempre** preso a ela. Nunca deixará de amá-la [aqui, “sempre” indica um estado contínuo].* (FIORIN, 1996:169)

(44) *O carteiro **sempre** faz entrega duas vezes por dia [nesse caso, mostra ação repetida]* (FIORIN, 1996:169)

Com isso, damos fechamento a essa subseção e também à parte destinada ao referencial teórico. Por tudo o que foi exposto, se confirma a necessidade mencionada na introdução deste trabalho: a procura de um meio-termo, que, na verdade, nada mais é do que a elaboração da diretriz teórico-metodológica, com a qual vamos operar. Na próxima subseção, apresentamos nossas opções terminológicas, esclarecendo o entendimento que delas temos e como se relacionam com o dito ao longo desta seção.

### **3.3 Um “mini-quadro” aspectual: os valores considerados na análise**

Vimos ao longo do capítulo II e III uma série de terminologias cujo objetivo era identificar os significados aspectuais manifestados em português, sendo que algumas propostas se aproximavam mais e outras menos. A verdade é que nenhuma das propostas vistas nos satisfaz inteiramente, por isso, o “quadro” apresentado mais adiante é uma tentativa de propor uma síntese dos pontos e nomenclaturas já abordadas, de forma a determinar as nomenclaturas aspectuais empregadas a partir daqui.

Como nos interessamos especificamente pelos valores aspectuais manifestados nos enunciados pela interação das flexões de PP e PI com o *sempre*, atemo-nos aos significados

aspectuais relacionados a estes casos e relatados na seção anterior<sup>32</sup>. Lá vimos o emprego de termos como: cursivo; continuativo; durativo; habitual por continuidade; habitual por iteratividade; habitual; iterativo; acabado e não-acabado. Primeiramente, vamos considerar que o acabado e não-acabado mencionados por Travaglia (2006), ao tratar da diferença de significado entre estruturas de *sempre* + PP e *sempre* + PI, são significados temporais e não aspectuais. Não objetivamos discutir em âmbito geral, se acabado e não-acabado são valores aspectuais ou não, até porque dependendo do autor consultado as definições são bem diferentes. Mas optamos considerá-los temporais aqui, pois o tratamento de Travaglia (2006) em relação a esses significados nos parece muito mais coerente do ponto de vista temporal, já que o autor determina esses valores levando em conta o momento de fala e os situa no que chama de fase de realização<sup>33</sup>, o que mais uma vez nos remete a noções temporais. Ora, se dizemos que uma situação é acabada em relação ao momento de fala, estamos dizendo que ela é passada e se dizemos que ela é não-acabada no momento de fala, então estamos dizendo que ela é presente, obviamente valores temporais.

Quanto ao restante das nomenclaturas, temos de um lado “cursivo”, “continutivo”; “durativo”; “habitual por continuidade”, empregadas para fazer menção a situações que são percebidas como perdurando ao longo do tempo sem interrupções em seu tempo de duração e que não apresentam marcas de limite inicial e final. Nesse caso, tais nomenclaturas dizem respeito ao Aspecto imperfectivo. Em nossa análise, para fazermos menção à interpretação de uma situação percebida como “perdurando ao longo do tempo sem interrupções ...”, utilizaremos o termo “cursivo”, pois é o que melhor abarca as outras terminologias – o que está em curso continua e dura - e também porque foi o mais empregado pelos autores consultados (COSTA, 2002; CASTILHO, 2002;1998-99; TRAVAGLIA, 2006).

De outro lado, temos os termos “habitual por iteração”, “iterativo” e “habitual” utilizados para falar de situações que se repetem, e que a depender do autor são vistas como

---

<sup>32</sup> Para o leitor interessado em propostas de quadros aspectuais “completos” para o português, sugerimos a leitura de Costa (2002), Castilho (2002), Wachowicz (2003) e Travaglia (2006). A leitura destes autores demonstrará como é variada a lista de terminologias para identificar os significados aspectuais e que também o próprio número e distribuição dos valores aspectuais entre as oposições básicas da categoria constitui ainda objeto de muita discussão.

<sup>33</sup> Vale observar que Travaglia (2006) distribui sua proposta de significados aspectuais para o português não só do ponto de vista da duração, mas também em três fases sob as quais uma situação pode ser apresentada: a da realização, onde insere os valores acabado e não-acabado; a do desenvolvimento, onde insere o valor cursivo; e a do completamento, onde inclui os valores perfectivos e imperfectivos. Note-se que para o autor, acabado e não-acabado nada tem a ver com a presença ou ausência de marcas de limites para uma situação. Essa noção é contemplada por ele por meio da nomenclatura “perfectivo” e “imperfectivo”.

manifestação da categoria de Aspecto (ILARI, 1993; FIORIN, 1996; CASTILHO, 2002;1998-99; TRAVAGLIA, 2006) ou não (COSTA, 2002), citando apenas os autores que discorreram sobre o *sempre* em seus trabalhos. Nós, assim como vários outros autores (além dos já citados, podemos apontar Bertinetto e Delfitto, 2001; Wachowicz, 2003; Freitag, 2007), entendemos que a repetição se configura como um valor aspectual<sup>34</sup>. Para nos referirmos a este valor aspectual, utilizaremos o termo “habitual” que, a nosso ver, melhor retrata a noção de situações repetidas frequentemente – como se fossem um hábito -, associada ao uso do *sempre* tanto em contexto de pretérito perfeito quanto em contexto de imperfeito, como veremos mais detidamente na análise dos dados.

Dessa forma, os valores considerados na análise se dividem primeiramente em aspectuais e temporais, e depois, em valores aspectuais qualitativos (cursivo que é Aspecto imperfectivo) e quantitativos (habitual), sendo que ambos, cursivo e habitual, podem ser temporalmente acabados ou não-acabados. Dito isso, delineamos os valores associados ao *sempre*, considerados nesta pesquisa. O que pode ainda não estar muito claro, ainda que muito mencionado em nosso texto até este momento, é como fazer uma leitura composicional do Aspecto, por esta razão, tratamos de sistematizar um roteiro de leitura composicional para o Aspecto, com base em Wachowicz (2003)<sup>35</sup>, na próxima subseção.

### 3.3.1 Um roteiro para a leitura composicional do Aspecto

Anteriormente, no capítulo I, chegamos a discutir nosso entendimento sobre leitura composicional e as contribuições dela para a análise aspectual, em termos de clarificar quais elementos e como eles interagem na constituição de um dado Aspecto. Entretanto, não havíamos ainda registrado um meio sistemático de proceder na leitura composicional, por isso vamos a ele agora.

---

<sup>34</sup> Em relação à identificação da repetição enquanto valor aspectual, há aqueles que optam apenas em chamar de iterativa qualquer tipo de repetição, não fazendo distinção se a repetição da situação é determinada ou indeterminada (por exemplo, Ilari, 1993 e Costa, 2002); e há os que fazem diferença, chamando de iterativa a repetição determinada, cuja quantidade de repetições é conhecida e de habitual, a repetição indeterminada, cuja quantidade de repetições não é conhecida (por exemplo, Wachowicz, 2003 e Travaglia, 2006).

<sup>35</sup> Gostaríamos de observar que o roteiro proposto por Wachowicz (2003) foi inspirado nas considerações de Verkuyl (1993, 1999).



Já foi muito discutido até aqui que numa visão de leitura composicional do Aspecto é preciso considerar a contribuição de todos os marcadores aspectuais presentes em um enunciado, desde o semantema do verbo, passando pela flexão, até chegar aos advérbios. Acontece que estes elementos se relacionam de uma determinada maneira, assim, conforme Wachowicz (2003), há diferentes níveis de leitura aspectual. O primeiro nível de leitura é o da aspectualidade interna, onde interagem o aspecto inerente ao predicado (tipos de predicado) e as flexões verbais, que podem alterar ou confirmar a aspectualidade inerente do predicado. A seguir, vem o papel dos advérbios, que se encontram no nível externo de leitura da aspectualidade. Os advérbios podem agir recursivamente modificando o valor aspectual obtido no nível de leitura interna. A junção destes dois níveis de leitura resulta na leitura da aspectualidade da estrutura. Para além da estrutura, há a contribuição do contexto. Contudo, segundo Wachowicz (2003), esta pode ser apenas inferida, posto que não é possível saber exatamente as intenções do falante, em contraposição a estrutura, onde a aspectualidade é determinada pela relação dos elementos linguísticos.

Para ilustrar, tomamos a ocorrência a seguir:

*Não é justo não usar o carro do sindicato porque sempre estive aqui nas lutas.*  
(nilc\corrigid\jornal\folha\brasi-br\br94ma24)

A primeira etapa é olhar para a aspectualidade interna, onde temos o predicado estativo “estar aqui”, que sem a marca de flexão, é visto como durativo e sem limite preciso de sua duração. Com o acréscimo da flexão perfectiva “estive aqui”, a leitura do predicado deixa de ser uma duração sem limites, e a situação ali expressa passa a ser vista como limitada, sem menção à duração. Esta leitura, por sua vez, é modificada no nível externo da aspectualidade, onde atuam os advérbios. Assim, a leitura não-durativa e limitada vista no nível interno, passa a ser vista novamente como durativa e sem limite aparente por meio da contribuição do *sempre* “sempre estive aqui”. Por fim, o adjunto quantificado “nas lutas” age sobre esta última leitura, deslocando uma interpretação durativa, sem limite aparente para uma interpretação repetitiva também sem menção aos seus limites. Fica assim entendido o sistema de leitura composicional utilizado por nós, quando da categorização e análise dos dados.

Terminada a exposição sobre a caracterização dada a nosso objeto de estudo nas obras consultadas e sobre nossas opções terminológicas, tratamos no próximo capítulo da amostra dos dados de língua escrita do português brasileiro e das categorias empregadas em sua análise, que cumprirão o papel de nos possibilitar a descrição do comportamento aspectual do *sempre*.

---

## CAPÍTULO IV – PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

---

A fim de elucidarmos os valores aspectuais resultantes da interação entre *sempre*, tipo de predicado, flexão e outros adjuntos temporais, propomos uma análise quantitativa de dados de língua escrita e um enfrentamento de nossos resultados com as caracterizações do *sempre* vistas no capítulo anterior.

O percurso investigativo a ser empreendido prevê, então, duas etapas: (i) averiguar por meio de análise quantitativa os valores aspectuais aos quais o *sempre* é associado, precisando, para tanto, sistematizar quais fatores linguísticos (tipos de predicado, morfemas de perfeito e imperfeito) em interação com o *sempre* acarretam determinados significados aspectuais finais nos dados analisados; (ii) comparar as sistematizações obtidas sobre o comportamento do nosso objeto com as informações a respeito dele na literatura consultada, a fim de verificar em que medida nossos achados correspondem aos dos trabalhos consultados.

Passemos agora às especificações sobre os dados em análise e os elementos a serem controlados.

### **4.1 Da amostra**

Os dados analisados nesta pesquisa foram retirados do corpus NILC - Núcleo Interinstitucional de Linguística Computacional, que foi coletado e organizado, em 1997, para atender inicialmente ao objetivo de desenvolver um revisor gramatical. O corpus diz respeito ao português do Brasil e foi constituído por textos em prosa, dividindo-se em textos corrigidos, textos não corrigidos e textos semicorrigidos. Tal classificação leva em conta o critério de maior ou menor aproximação ao português escrito padrão devido ao objetivo pelo qual esse corpus foi reunido.

Os dados que fazem parte de nossa análise correspondem aos textos contidos em textos corrigidos. Isso porque esta é a parte do corpus que compreende mormente textos jornalísticos, o que nos leva a supor uma alta ocorrência de formas no pretérito, dada a característica de relato destes textos. O que não sabíamos é se haveria no corpus um número tal de ocorrências do *sempre* associados aos pretéritos perfeito e imperfeito que nos permitisse efetivar nossa pesquisa. A verdade é que de um universo de 32.590.000 palavras oriundas aproximadamente de 4.300 textos, encontramos, pelo recurso da ferramenta *Concord*<sup>36</sup> do programa WordSmith Tools, cerca de 5.576 ocorrências do objeto em estudo. Como esta seria uma amostra não-analisável, no sentido de que cada ocorrência precisaria ser anotada a mão para uma boa interpretação dos dados, recorremos à estratégia de considerar apenas uma ocorrência a cada dez. Tal escolha se deu de forma aleatória, pois o WordSmith Tools disponibiliza esse recurso. Dessa forma, as ocorrências apresentaram o total de 576. Contudo, foi ainda necessário descartar ocorrências que fugiam à delimitação de nosso objeto:

- (i) ocorrências em que o *sempre* aparece precedido pelos vocábulos *nem* ou *quase*, que levariam necessariamente a uma interpretação habitual;
- (ii) dados em que aparecem perífrases verbais com *ser/estar/ter/haver* no pretérito perfeito ou imperfeito + gerúndio ou particípio. Desconsideramos essas formas por acreditar que elas merecem uma análise à parte, tendo em vista sua complexidade e por uma questão de adequação ao espaço e tempo disponível;
- (iii) dados cuja a posição do *sempre* não fosse precedendo a forma verbal de pretérito perfeito ou pretérito imperfeito<sup>37</sup>;
- (iv) dados em que o *sempre* incide sobre verbo modal, o que dificulta, senão, impossibilita caracterizá-lo em termos aspectuais.

Após tais procedimentos necessários à delimitação dos dados a serem analisados, nossa amostra resultou num total de 272 ocorrências. Visto que trabalhamos com um corpus pronto, disponível eletronicamente, não estipulamos critérios para a sua constituição (gênero

---

<sup>36</sup> Essa ferramenta é capaz de listar as ocorrências de um item específico, que pode ser formado por uma ou mais palavras, acompanhado de parte do texto a que pertence (o co-texto).

<sup>37</sup> O leitor atento deve ter reparado que em alguns exemplos e ocorrências retirados dos autores consultados, o “sempre” aparece pós-posto ao verbo. Dentre os consultados, apenas Castilho (1999) se preocupou em descrever as possíveis posições sintáticas deste advérbio, e ainda assim não foi exaustivo. Nenhuma informação foi encontrada sobre a posição em relação ao verbo alterar a leitura aspectual, contudo, não podemos afirmar nada categoricamente.

textual, tema, etc.), os únicos critérios adotados nesta pesquisa são aqueles que dizem respeito à delimitação do fenômeno em estudo.

## **4.2 Da análise dos dados**

Esta subseção dedica-se a especificar os procedimentos adotados em relação à análise quantitativa dos dados. Como unidade de análise, temos a sentença do ponto ao ponto, tal qual o programa WordSmith Tools a forneceu. Isto é, o programa recorta a ocorrência levando em conta o ponto final que a precede, abarcando o conteúdo compreendido entre esse primeiro ponto final e o ponto final da própria ocorrência. Por fim, para garantir uma maior confiabilidade e agilidade na análise dos dados (frequências e cruzamento entre as categorias analisadas), utilizamos o programa SPSS 10.0 for Windows®, empregado em pesquisas estatísticas.

## **4.3 Os fatores controlados**

### **4.3.1 Os valores associados ao “*sempre*”**

Nosso posicionamento, com base nas leituras efetuadas, é admitir que são quatro os valores associados ao *sempre*: o cursivo, o habitual, o acabado e o não-acabado. O cursivo, relembrando, diz respeito à interpretação aspectual qualitativa imperfectiva, em que a situação expressa no enunciado é vista como perdurando ao longo de um dado intervalo de tempo, sem interrupções em seu tempo de duração. Já o habitual diz respeito à interpretação aspectual quantitativa, em que a situação expressa no enunciado é vista como se repetindo indeterminadamente (não se sabe quantas vezes) ao longo de um dado intervalo de tempo. Ocorre que os significados acabado (a situação é passada em relação ao momento de fala) e não-acabado (a situação é presente em relação ao momento de fala), considerados por nós temporais, distribuem-se em co-ocorrência com o cursivo e o habitual. Isso implica, por exemplo, que um enunciado com valor habitual pode ser acabado ou não-acabado. Por tal

razão, primeiro são identificados os valores aspectuais cursivo ou habitual e em seguida os valores temporais acabado ou não-acabado:

### Quadro 2: Identificação da categorização dos valores aspectuais e temporais

Valores	Ocorrências
Cursivo – C	<C>As salas de aula ficam no espaço onde sempre estiveram. (nilc\corrigid\jornal\brasil\cadb-cb\cb96ma06)
Habitual – H	<H> Sempre levava mulheres para o seu quarto. (nilc\corrigid\jornal\folha\mundo-mu\mu94ag18)
Acabado – AC	<C;NAC>As salas de aula ficam no espaço onde sempre estiveram. (nilc\corrigid\jornal\brasil\cadb-cb\cb96ma06)
Não-acabado - NAC	<H;AC>Sempre levava mulheres para o seu quarto. (nilc\corrigid\jornal\folha\mundo-mu\mu94ag18)

#### 4.3.2 Os tipos de predicado

O fator a ser controlado nesta etapa diz respeito ao papel dos traços aspectuais do verbo e seu argumento interno (o predicado sem considerar nesta etapa a contribuição das flexões) para a atualização da categoria de Aspecto. Por meio desse fator, pretendemos investigar a influência exercida pelos tipos de predicado na atualização dos valores cursivo e habitual, de modo a verificar se algum tipo de predicado se destaca na atualização dos significados aspectuais.

Pela observação dos exemplos retirados da literatura aspectual (FIORIN, 1996; COSTA, 2002) e discutidos na seção 3.2 e 3.3, o esperado é que o predicado estativo favoreça o cursivo, enquanto os outros predicados favoreçam o habitual. Em relação aos valores temporais – acabado e não-acabado –, apontados por (TRAVAGLIA, 2006), o esperado é que não haja intervenção dos tipos de predicado.

Para esta etapa, os dados foram controlados levando em conta as classes aspectuais de Vendler (1967). A seguir, exemplificamos a categorização segundo as classes vendlerianas:

**Quadro 3: Identificação da categorização dos tipos de predicado**

Tipo de predicado	Ocorrências
Estados – E	<C;NAC;E> <i>O cinema sempre foi uma espécie de psicanálise para mim.</i> (nilc\corrigid\jornal\folha\ilust-il\il94fe15)
Atividades – A	<H;NAC;A> <i>Sempre falei sobre sexo com meus pais.</i> (nilc\corrigid\jornal\folha\teenf-ft\ft94mr28)
Accomplishments – M	<H;NAC;M> <i>Mas suas intervenções pelos bastidores sempre demonstraram tentação populista.</i> (nilc\corrigid\jornal\folha\opini-op\op94mr2)
Achievement – V	<H;NAC;V> <i>“Sempre vi que não se dava importância, não se guardavam essas informações.</i> (nilc\corrigid\jornal\folha\espec-ce\ce94fe12)

### 4.3.3 As formas de pretérito perfeito simples e pretérito imperfeito

No caso deste estudo, por razões já arroladas, serão fator de controle as marcas das formas verbais de pretérito perfeito simples (PP) e de pretérito imperfeito (PI). O intuito é investigar se uma das duas favorece a emergência de um dado aspecto e de um dado valor temporal. Em relação aos valores aspectuais, pelos exemplos encontrados na revisão de literatura, esperamos que o aspecto habitual ocorra tanto com PP quanto com PI. Em relação ao Aspecto cursivo, não encontramos nos autores consultados nenhum exemplo de PI com valor cursivo, portanto, nossa expectativa é de que o PP favoreça mais o cursivo. Contudo, não descartamos a possibilidade de o cursivo ocorrer com PI, já que o cursivo é um valor imperfectivo e o PI é um marcador aspectual imperfectivo. Quanto aos valores temporais, esperamos, com base em Travaglia (2006), que o valor acabado seja condicionado pelo PI e o não-acabado pelo PP. Aqui, cabe lembrar que acabado e não-acabado, pela definição que Travaglia dá a eles, respectivamente não dizem respeito às noções de situação limitada (perfectividade) e ilimitada (imperfectividade).

**Quadro 4: Identificação da categorização dos tempos verbais (pretérito perfeito e pretérito imperfeito)**

Formas verbais	Ocorrências
Pretérito Perfeito – P	<H;NAC;A;P> “Sempre <i>falei</i> sobre sexo com meus pais” (nilc\corrigid\jornal\folha\teenf-ft\ft94mr28)
Pretérito Imperfeito – I	<H;AC;V;I> “Van Gogh sempre <i>punha</i> a figura em posição levemente oblíqua em relação ao fundo da tela.” (nilc\corrigid\jornal\folha\ilust-il\il94ma10)

**4.3.4 Adjuntos adverbiais e/ou orações temporais**

O controle desse fator mostrou-se desejável, quando da pré-análise dos dados, para auxiliar a determinar se: (i) a situação expressa na ocorrência é acabada ou não acabada e (ii) se ela é uma situação única ou repetida.

**Quadro 5: Identificação da categorização dos adjuntos e orações adverbiais temporais**

Adjuntos e/ou orações temporais	Ocorrências
Ausência de adjuntos e/ou orações temporais – NADV	<H;NAC;A;P;NADV> Sempre falei sobre sexo com meus pais (nilc\corrigid\jornal\folha\teenf-ft\ft94mr28)
Presença de adjuntos e/ou orações temporais – ADV	<C;NAC;E;P;ADV> A característica fundamental da empresa, desde os primeiros <u>tempos</u> , sempre foi a qualidade. (nilc\corrigid\jornal\folha\espec-ce\ce94mr13)
Adjuntos e/ou orações que circunscrevem a situação – CIRC	<H;AC;E;I;ADV;CIRC> <u>Na viagem</u> , todos sempre estavam juntos [...]. (nilc\corrigid\jornal\folha\teenf-ft\ft94ja3)
Adjuntos e/ou orações que não circunscrevem a situação – NCIRC	<C;NAC;E;P;ADV;NCIRC> A característica fundamental da empresa, desde os primeiros <u>tempos</u> , sempre foi a qualidade. (nilc\corrigid\jornal\folha\espec-ce\ce94mr13)
Adjuntos e/ou orações que quantificam a situação – QUANT	<H;NAC;E;P;ADV;QUANT> Não é justo não usar o carro do sindicato porque sempre estive aqui <u>nas lutas</u> . (nilc\corrigid\jornal\folha\brasi-br\br94ma24)



Denominamos aqui de adjuntos/orações que circunscrevem a situação, aqueles que dão um limite inicial e um limite final à situação, ou ainda, pelo menos um limite final. Adjuntos/orações que não circunscrevem a situação, são aqueles que dão à situação apenas um limite inicial. Dessa forma, no quadro acima, o adjunto “na viagem” circunscreve a situação, na medida em que lhe dá um limite inicial (início da viagem) e um limite final (término da viagem). O adjunto “desde os primeiros tempos”, por sua vez, não circunscreve a situação, no sentido de que lhe precisa apenas um limite inicial (“desde os primeiros tempos”) e não um limite final. Esses adjuntos são considerados na análise para medir a influência que podem exercer sobre os valores acabado e não-acabado. Muitas “pistas” se manifestaram para determinar esses valores no enunciado. Contudo, nem todas elas são perfeitamente recobertas pelo conceito de adjuntos de circunscrição, uma vez que aí entraram marcas flexionais de futuro ou presente (reforçando que a situação ali expressa era entendida pelo indivíduo como não-acabada); marcas flexionais de pretérito (indicando que a situação era entendida como acabada pelo indivíduo), ou seja, tivemos de operar com um conceito alargado de adjuntos de circunscrição (os que circunscrevem a situação e os que não), de forma a não ignorar as pistas fornecidas no próprio entorno da estrutura *sempre* + predicado + flexão. Podemos demonstrar o dito por meio das duas ocorrências abaixo:

[ os cabelos] *Sempre foram até a cintura e cortá-los fez parte da ruptura com o que já é passado*. (nilc\corrigid\jornal\folha\ilust-il\il94ja8)

*A corrupção no atacado, no Brasil, sempre foi e continua igual*.  
(nilc\corrigid\jornal\folha\brasi-br\br94ja12)

Na primeira ocorrência, por meio da porção sublinhada, temos uma pista de que os cabelos de uma dada pessoa, no momento em que ela produz seu enunciado, já não são mais na altura da cintura, eles foram por um longo tempo (não sabemos quanto), mas esse período de tempo é anterior ao momento da enunciação. É por meio dessa pista que sabemos que a situação de ter os cabelos na altura da cintura é acabada (passada), por isso enquadrámos essa pista no que chamamos de adjuntos que circunscrevem a situação. De outro lado, por meio da porção sublinhada na segunda ocorrência, temos uma pista de que “a corrupção no atacado, no Brasil” é considerada como algo que, desde um momento do passado (não se sabe qual) até o momento presente (o momento em que tal enunciado foi produzido), é igual. Assim, por

meio dessa pista, sabemos que a situação de “ser igual” é não-acabada (presente), e, por essa razão, enquadramo-la nos adjuntos que não circunscrevem a situação.

Por fim, os adjuntos/orações que quantificam a situação, são aqueles que, assim como “nas lutas” em *Não é justo não usar o carro do sindicato porque sempre estive aqui nas lutas* (nilc\corrigid\jornal\folha\brasi-br\br94ma24), levam a uma interpretação de que a situação expressa pelo predicado se repete, pois é como se houvesse menção a uma sucessão de *lutas*. Nesse sentido, na ocorrência acima “estar aqui” é uma situação única e durativa, mas pelo acréscimo da flexão de PP, sua duração é apagada. Então, com a entrada de *sempre* no enunciado a situação novamente é vista como durativa, até que o adjunto “nas lutas” entra em cena e a situação não mais é percebida como única e durativa, mas sim como repetida, sendo que não é informado se cada repetição durou ou não. Esses adjuntos são considerados com o objetivo de verificar a influência que podem exercer sobre o Aspecto habitual, partimos do pressuposto que adjuntos quantificados podem modificar uma leitura cursiva para uma habitual.

Com isso, fechamos o capítulo dedicado a esclarecer a amostra de dados utilizada na pesquisa e as categorias empregadas na análise dos mesmos. Para a etapa de categorização, foi preciso ler e reler os dados atentamente, para evitar equívocos, já que não seria possível delegar essa tarefa a um programa de computador, tendo em vista a complexidade das categorias envolvidas na análise. Contudo, após ter os dados categorizados, pudemos confiá-los ao programa SPSS 10.0 for Windows®, que nos auxiliou a gerar os cruzamentos necessários entre as categorias, auxiliando-nos a perceber as relações entre as mesmas. Desse modo, no próximo capítulo, apresentamos os resultados numéricos encontrados, com base nos quais sistematizamos os fatores que interagem na composição dos valores aspectuais (cursivo e habitual) e temporais (acabado e não-acabado) associados ao *sempre*.

---

## CAPÍTULO V – AS LEITURAS ASPECTUAIS E TEMPORAIS ADVINDAS DO *SEMPRE* EM CONTEXTO DE PP E PI

---

Neste capítulo apresentamos uma descrição dos fatores que interagem na determinação da leitura aspectual e temporal dos enunciados com *sempre* em contexto de PP e PI. Tal descrição é fruto da análise quantitativa dos dados, que nos permitiu propor algumas sistematizações sobre o emprego do *sempre*. Ainda com base nas sistematizações formuladas a partir da análise quantitativa dos dados, discutimos a possibilidade de se poder ou dever classificar o *sempre* como um advérbio perfectivo ou imperfectivo, levando em conta os significados aspectuais que ele atualiza em interação com outros marcadores aspectuais.

### ***5.1 As leituras aspectuais: o cursivo e o habitual***

Nesta seção apresentamos os resultados obtidos do cruzamento entre as leituras aspectuais das ocorrências e os fatores tipo de predicado, flexão e adjuntos. Procuramos aqui evidências de que a interação entre tipo de predicado e flexão é a maior responsável pela atualização ou do valor cursivo ou do habitual, não perdendo de vista, porém, que a intervenção de adjuntos quantificados, independentemente do tipo de predicado ou flexão, levará necessariamente a uma leitura habitual das ocorrências. Vejamos inicialmente como se relacionam o tipo de predicado e os Aspectos cursivo e habitual:

**Tabela 1: Correlação entre tipo de predicado e leitura aspectual atualizada**

		Tipo de Predicado				Total
		Atividade	Estado	Accomplishment	Achievement	
Aspecto	C	2 <i>1,20%</i>	164 <i>98,80%</i>	0	0	166 <i>100%</i>
	H	53 <i>50%</i>	8 <i>7,54%</i>	15 <i>14,15%</i>	30 <i>28,30%</i>	106 <i>100%</i>
Total		55 <i>20,22%</i>	172 <i>63,23%</i>	15 <i>5,51%</i>	30 <i>11,02%</i>	272 <i>100%</i>

Podemos observar que o aspecto cursivo mantém forte relação com predicados estativos, presentes em 98,80% das ocorrências com leitura cursiva. Os 1,20% restantes de leituras cursivas ocorreram com predicados de atividade, um percentual muito baixo é verdade, mas que não deve ser ignorado. Já ocorrências com predicados *accomplishment* e *achievement* não atualizaram a leitura cursiva. Isso nos dá evidências de que, conforme o esperado, o primeiro critério para a atualização do aspecto cursivo é a presença de predicado estativo sobre o qual o *sempre* incide, tal como ocorre nos dados abaixo:

- (45) *Eu sempre achei legal usar o brinco.*  
(nilc\corrigid\jornal\folha\espor-es\es94ou30)
- (46) *Altruísmo com dinheiro alheio sempre foi um gesto edificante.*  
(nilc\corrigid\jornal\folha\dinhe-di\di94mr27)

Em ambos os dados, o significado aspectual final veiculado é de uma situação única que perdura ao longo do tempo, sem interrupções no seu tempo de duração, caracterizando, assim, o Aspecto cursivo manifestado principalmente em ocorrências onde o *sempre* interage com predicados estativos.

Em relação à atualização da leitura habitual, a distribuição das porcentagens, se comparada a da leitura cursiva, não parece revelar à primeira vista qual o predicado determinante para sua marcação. Dessa forma, em primeiro lugar, temos os predicados de atividade com 50%; em segundo, os predicados *achievements* com 28,30%; em terceiro, os *accomplishments* com 14,15% e por último, as ocorrências com predicado estativo, atualizando 7,54% das leituras habituais. Com base nessas porcentagens, podemos afirmar duas coisas: (i) predicados de atividade sob o escopo de *sempre* preferencialmente atualizam o aspecto habitual, em detrimento do cursivo e (ii) predicados de estado sob o escopo de *sempre* atualizam quase que categoricamente o cursivo, em detrimento do habitual. A seguir, dois dados ilustram a atualização do aspecto habitual com predicados de atividade:

- (47) *Sempre joguei muita bola, cara.*  
(nilc\corrigid\jornal\brasil\espor-sp\sp96mr01)

(48) *A idéia é que as empresas sempre usaram os conhecimentos práticos dos trabalhadores sem os quais a produção não anda.*

(nilc\corrigid\técnic\livrusp\livrohh1)

Tanto em (47) quanto em (48) o significado aspectual final é de que as situações ali expressas são vistas como se repetindo indeterminadamente ao longo do tempo, o que caracteriza o aspecto habitual manifestado, em boa parte, nas ocorrências em que o *sempre* se relaciona com predicados de atividade. Há de se considerar, contudo, que essas afirmações (sobre o cursivo e o habitual) são ainda parciais, pois averiguamos até agora apenas a correlação entre tipo de predicado e Aspecto, falta-nos ainda averiguar as relações entre Aspecto e flexão, e entre Aspecto e adjuntos quantificados. Esses fatores podem nos ajudar a entender ainda mais a correlação entre tipo de predicado e Aspecto, já que trabalhamos numa perspectiva composicional de Aspecto. Passemos então a investigar a relação entre Aspecto e flexão:

**Tabela 2: Correlação entre flexão e leitura aspectual atualizada**

		Flexão		Total
		Imperfeito	Perfeito	
Aspecto	C	0	166 100%	166 100%
	H	25 23,58%	81 76,41%	106 100%
Total		25 9,20%	247 90,80%	272 100%

Podemos perceber que 100% das leituras cursivas se manifestaram em ocorrências em que o *sempre* incide sobre formas verbais com flexão de PP (cf. ocorrências (45) e (46) como exemplo na página anterior). Já a leitura habitual, se comporta de modo menos categórico, 76,41% com flexão de PP e 23,58% com flexão de PI. Embora possa se pensar que a leitura habitual prefira os contextos de PP em detrimento de PI, é preciso considerar o seguinte: (i) as ocorrências totais de PI (25) em relação as de PP (247) são baixíssimas; (ii) mesmo assim, em 100% das ocorrências em que o *sempre* incide sobre PI, a leitura resultante é habitual e (iii) das 247 ocorrências de PP, apenas em 81 (32,79%) dos casos a leitura habitual foi atualizada. Isso nos faz considerar de um lado que a leitura habitual é fortemente determinada pela flexão de PI, independentemente do tipo de predicado – embora todos os

quatro tipos tenham ocorrido com PI<sup>38</sup>, nenhum influenciou em leitura aspectual diferente para as 25 ocorrências – e de outro, que em contexto de pretérito perfeito, outros fatores como tipo de predicado e presença de adjuntos quantificados devem determinar a leitura habitual, abaixo fornecemos dados de PP e PI em interação com *sempre*, manifestando a leitura habitual:

- (49) *Mas há empresas que não enfrentam esse problema porque sempre venderam em dólar pela cotação comercial.*  
(nilc\corrigid\jornal\folha\dinhe-di\di94jl14)
- (50) *Mas suas intervenções pelos bastidores sempre demonstraram tentação populista.*  
(nilc\corrigid\jornal\folha\opini-op\op94mr2)
- (51) *As empreiteiras sempre conseguiam influir ostensivamente na forma de pagamento dos atrasados.*  
(nilc\corrigid\jornal\folha\dinhe-di\di94fe23)
- (52) *Mas a irmã da vovó sempre dizia que ela era da pá virada.*  
(nilc\corrigid\jornal\folha\ilust-il\il94ja05)

Com base nas tabelas apresentadas e no que foi dito até agora, temos muitos indícios para acreditar que a leitura cursiva é fortemente motivada pela incidência do *sempre* sobre predicados estativos (98,80% cf. tabela 1) com flexão de PP (100% cf. tabela 2), e que a leitura habitual varia de comportamento conforme a flexão aplicada ao predicado, se PI a leitura é determinada pela flexão, se PP a leitura depende do tipo de predicado e da presença de adjuntos. Dito isso, podemos ainda em relação às tabelas 1 e 2, nos perguntar por que 2 ocorrências de predicado de atividade resultaram em leitura cursiva, se ela ocorre quase categoricamente com predicados estativos; por que 8 ocorrências de predicado estativo resultaram em leitura habitual, quando o esperado seria a leitura cursiva e que fator explicaria as 81 ocorrências de PP com valor habitual?

---

<sup>38</sup> A saber: 4 predicados de atividade, 3 predicados de estado, 4 predicados *accomplishment* e 14 predicados *achievement*.

Sabendo-se que os predicados de qualquer tipo sob a forma imperfectiva em interação com o *sempre*, em nossa amostra, resultaram, sem exceção, em leitura habitual, resta-nos buscar respostas para as perguntas acima considerando apenas as ocorrências de *sempre* em contexto de PP, cruzando o tipo de predicado ao Aspecto atualizado:

**Tabela 3: Correlação entre tipo de predicado e Aspecto em ocorrências de PP**

		Tipo de Predicado				Total
		Atividade	Estado	Accomplishment	Achievement	
Aspecto	C	2 1,20%	164 98,80%	0	0	166 100%
	H	49 60,49%	5 6,17%	11 13,58%	16 19,75%	81 100%
Total		51 20,64%	169 68,42%	11 4,45%	16 6,47%	247 100%

Inicialmente, olhando apenas para a tabela acima, não é possível saber por que 2 predicados de atividade atualizaram o Aspecto cursivo, tampouco podemos buscar esta explicação na presença de adjuntos quantificados, já que eles modificam a leitura cursiva para habitual e não o contrário, como veremos mais a frente. Entretanto, fizemos outras descobertas. Em primeiro lugar, esses resultados apontam para o fato de que as 81 ocorrências habituais de PP ocorrem principalmente com predicados de atividade (60,49%), seguidos por *achievements* (19,75%) e *accomplishments* (13,58%), sendo o percentual dos estativos o menor (6,17%). Como há a possibilidade dessas ocorrências estativas de PP com valor habitual serem explicadas pela presença de adjuntos quantificados – não esqueçamos a forte tendência de leitura cursiva com predicados estativos sob a forma de PP – temos de nos perguntar o que há em comum entre atividades, *achievements* e *accomplishments* que os diferencia de estados, de modo que aqueles favorecem a atualização da leitura habitual e estes não? Uma primeira tentativa seria pensar também na intervenção de adjuntos quantificados, por isso cruzamos o fator tipo de predicado com adjunto quantificado apenas nas ocorrências de PP:

**Tabela 4: Correlação entre tipo de predicado e adjunto quantificado em ocorrências de PP**

		Tipo de Predicado				Total
		Atividade	Estado	Accomplishment	Achievement	
ADJQ	NADV	42 19,90%	148 70,14%	9 4,26%	12 5,68%	211 100%
	QUANT	2 25%	5 62,50%	0	1 12,50%	8 100%
	SQUANT <sup>39</sup>	7 25%	16 57,14%	2 7,14%	3 10,71%	28 100%
Total		51 20,64%	169 68,42%	11 4,45%	16 6,47%	247 100%

Pela tabela 4, podemos descartar a suposição de os adjuntos quantificados explicarem a leitura habitual dos predicados de atividade, *achievements* e *accomplishments*, tendo em vista o número reduzido de ocorrências desses adjuntos com os predicados citados. Isso significa que a resposta para a pergunta anterior só pode estar nos próprios predicados, ou melhor dizendo, deve haver características em comum entre atividades, *achievements* e *accomplishments*, opondo-os aos predicados de estado. Embora esse seja um ponto bastante interessante, por enquanto o suspendemos, pois ainda precisamos esclarecer por que 8 predicados estativos resultaram em leitura habitual (cf. tabela 1). A explicação para esta questão pode começar a ser elaborada comparando-se os resultados apresentados na tabela 3 com os da tabela 4. A tabela 3 nos informa que os predicados estativos sob a forma perfectiva precedidos de *sempre* totalizam 169 ocorrências, das quais 164 apresentam leitura cursiva e 5 leitura habitual. Essas 5 ocorrências podem ser vistas na tabela 4 como tendo a presença de adjuntos quantificados, responsáveis por atualizar o valor habitual num ambiente em que o mais observado é a leitura cursiva, tal como na ocorrência:

(53) *Tenho certeza de que ele sempre foi sincero no que fez.*

(nilc\corrigid\jornal\folha\ilust-i\i\194j115)

Em (53), se apagássemos o adjunto “no que fez”, a interpretação do enunciado seria de que “ser sincero” é uma situação única que perdura ao longo do tempo, assim “ele” seria uma pessoa sincera em todos os instantes sem interrupção, como num *continuum*, o que

<sup>39</sup> SQUANT significa sem adjunto quantificado, categoria empregada apenas para diferenciar ocorrências em que se tem adjunto de circunscrição e adjuntos quantificados de ocorrências que apresentam só o adjunto de circunscrição. SQUANT, portanto, não exerce o papel de controlar algum fator na análise, foi empregado apenas como forma de padronizar a entrada dos dados no programa SPSS.



caracterizaria o Aspecto cursivo. Todavia, pela intervenção do adjunto citado, a interpretação que se tem de (53) é que “ser sincero” é uma situação que se repete ao longo do tempo, fazendo com que “ele” seja uma pessoa sincera não em todos os instantes ininterruptamente, mas em várias vezes, a cada coisa que ele faz, implicando na manifestação do Aspecto habitual.

Sobram ainda 3 das 8 ocorrências mencionadas de predicado estativo com leitura habitual. Sabendo que as ocorrências de predicado estativo com a flexão de PP totalizam 169, as três restantes só podem estar sob a flexão de PI, o que explica a leitura habitual delas, posto que esta foi categoricamente a leitura aspectual atualizada com ocorrências de PI, independentemente do tipo de predicado. Com isso, totalizamos as 172 ocorrências de predicado estativo de toda nossa amostra (cf. tabela 1) e encerramos a questão sobre os 8 predicados estativos de leitura habitual, posto que sabemos agora que 5 estão sob a flexão de PP e adjunto quantificado, sendo que este atribuiu a elas o habitual; e 3 estão sob a flexão de PI, que, como dito anteriormente, atribui leitura habitual livre da interferência do tipo de predicado.

Apresentados e discutidos os resultados, é chegada a hora de sistematizarmos o que os dados nos revelaram até aqui. Primeiramente, há indícios o suficiente para propormos que a leitura cursiva ocorre principalmente pela junção de *sempre* + predicado estativo + pretérito perfeito, como ilustram as ocorrências abaixo:

(54) <C;NAC;E;P;NADV> *Contrabando sempre existiu.*

(nilc\corrigid\jornal\folha\cotid-co\co94no14)

(55) <C;NAC;E;P;NADV> *Os grandes críticos sempre souberam que seu esforço não era o mesmo dos filósofos e teólogos.*

(nilc\corrigid\jornal\folha\mais-ma\ma94no27)

(56) <C;NAC;E;P;NADV> *Turbante Jo sempre teve todos os requintes de um grande produtor: pedigree, morfologia, funcionalidade e capacidade.*

(nilc\corrigid\revista\istoe\ie96ma15)

- (57) <C;NAC;E;P;NADV> *Eu sempre adorei a música brasileira.*  
(nilc\corrigid\jornal\folha\ilust-il\il94ou21)
- (58) <C;NAC;E;P;NADV> *Sempre confiei na Justiça de meu país.*  
(nilc\corrigid\jornal\folha\brasi-br\br94de13)

As únicas evidências em contrário a sistematização proposta acima seriam as 2 ocorrências de leitura cursiva com predicado de atividade (deixadas até agora em aberto), que fornecemos abaixo:

- (59) <C;NAC;A;P;NADV> *Eu sempre trabalhei em um setor diferente, mas eu sabia que o governo comprava lá.*  
(nilc\corrigid\jornal\folha\espec-ce\ce94se10)
- (60) <C;NAC;A;P;NADV> *A sociedade dominada pelos homens sempre oprimiu as mulheres.*  
(nilc\corrigid\jornal\folha\ilust-il\il94ou01)

Se compararmos essas ocorrências a ocorrências de *sempre* + predicado de atividade + pretérito perfeito, cuja leitura é a habitual, veremos que realmente há diferenças entre elas, ainda que sutil:

- (61) <H;NAC;A;P;NADV> *Sempre falou que morreria na cadeia.*  
(nilc\corrigid\jornal\brasil\cidad-cd\cd96mr07)
- (62) <H;NAC;A;P;NADV> *Sempre advoguei o sexo seguro.*  
(nilc\corrigid\jornal\folha\cotid-co\co94j111)
- (63) <H;NAC;A;P;NADV> *Eu sempre fiz planos para parar de jogar com 30 anos.*  
(nilc\corrigid\jornal\folha\espor-es\es94ab10)

De (61) a (63), a primeira interpretação é a de que houve várias situações repetidas de “falar”, “advogar” e “fazer planos” (aspecto habitual), não parece viável compreendê-las como situações iniciadas em algum momento no passado e que perduram ininterruptamente, constituindo uma única situação durativa (aspecto cursivo). O mesmo não ocorre em (59) e (60), onde a primeira interpretação parece justamente a de que as situações de trabalhar e oprimir se iniciam em algum momento no passado, desenvolvendo-se ininterruptamente, e constituindo uma única situação durativa. Devemos confessar não ter esperado esse comportamento cursivo dos predicados de atividade, somente esperávamos encontrá-lo em predicados estativos.

Agora, comparando (59) e (60) ao grupo de (61) a (63), parece-nos viável sustentar que os predicados do primeiro grupo não se comportam ou não foram empregados estrito senso como atividades. Ou dito de outra forma, há no emprego desses predicados algo de especial, que licencia que eles sejam vistos quase como predicados de estado, à medida que as situações expressas por eles podem ser compreendidas, ao contrário das atividades, como características aplicadas às pessoas e não como um meio de se referir a algo feito pelas pessoas. Por exemplo, em (59), “trabalhar em um setor diferente” não necessariamente deve ser entendido como “ir todos os dias para aquele setor diferente e executar tarefas”. Na verdade, a nosso ver, ele foi empregado num sentido que se aproxima ao de “ser funcionária de um setor diferente”, de onde resultaria “eu sempre fui funcionária de um setor diferente”.

Lamentamos só podermos especular sobre o porquê desse comportamento, mas acreditamos na existência de outros fatores semânticos, não propriamente aspectuais, ou talvez fatores pragmáticos que expliquem tal fenômeno. Todavia, numericamente, esses 2 predicados de atividade responsáveis por 1,20% das leituras cursivas não invalidam os 164 predicados de estado responsáveis por 98,80% das leituras cursivas, nos permitindo manter a sistematização proposta: *sempre + predicado de estado + PP = aspecto cursivo*.

Além disso, é possível propor, com base nos resultados da análise, a sistematização de que a leitura habitual, mais variada, ocorre:

- (i) com *sempre + PI*, independentemente do tipo de predicado, identificados entre colchetes nas ocorrências abaixo;

- (64) <H;AC;V;I;NADV> *Mas, como sempre aconteciam desistências, muitos competidores passaram a integrar os Jogos por meio de convite.*  
[achievement - V] (nilc\corrigid\jornal\folha\espor-es\es94jl23)
- (65) <H;AC;A;I;NADV> *Meu pai tinha problema no coração , sempre falava comigo sobre morte, mas eu não acreditava, não levava em consideração.*  
[atividade - A] (nilc\corrigid\jornal\folha\teenf-ft\ft94ag22)
- (66) <H;AC;M;I;NADV> *Um ex-morador do local disse que o piso do quarto sempre afundava, como se o chão não estivesse firme.*  
[accomplishment - M] (nilc\corrigid\jornal\folha\cotid-co\co94mr11)
- (67) <H;AC;E;I;ADV;CIRC> *Na viagem , todos sempre estavam juntos e ficaram amigos muito rápido.* [estado - E]  
(nilc\corrigid\jornal\folha\teenf-ft\ft94ja3)

(ii) com *sempre* + predicado não estativo + PP;

- (68) <H;NAC;V;P;NADV> *Sei que estes conflitos tiram o sono do PSDB, como também sempre aconteceu no PT.* (nilc\corrigid\jornal\folha\brasi-br\br94mr20)
- (69) <H;NAC;M;P;NADV> *O que sempre declarei é que os governo militares trouxeram desenvolvimento mas se esqueceram do principal.*  
(nilc\corrigid\jornal\folha\brasi-br\br94jl05)
- (70) <H;NAC;A;P;NADV> *Apesar de não ter sido reivindicado, o crime tem as características dos terroristas do ETA, que sempre alvejaram policiais.* (nilc\corrigid\jornal\folha\mundo-mu\mu94ab29)

(iii) com *sempre* + predicado estativo + PP + adjunto quantificado, que está sublinhado nas ocorrências abaixo;

(71) <H;AC;E;P;ADV;CIRC;QUANT> *Na modernidade, as artes sempre foram o lugar de refúgio e de luta nos momentos em que a vida foi atacada.*  
(nilc\corrigid\jornal\folha\mais-ma\ma94mr20)

(72) <H;NAC;E;P;ADV;QUANT> *Não é justo não usar o carro do sindicato porque sempre estive aqui nas lutas.*  
(nilc\corrigid\jornal\folha\brasi-br\br94ma24)

Com isso, encerramos a exposição sobre os resultados encontrados para os fatores que determinam a atualização dos Aspectos cursivo e habitual e fornecemos, por meio da sistematização proposta, uma descrição dos fatores que interagem na determinação dos referidos valores aspectuais, cumprindo nosso ideal de análise composicional. Fica ainda em aberto a questão “o que há em comum entre atividades, *achievements* e *accomplishments* que os diferencia de estados, de modo que aqueles favorecem a atualização da leitura habitual e estes não?”, a ser respondida na próxima subseção.

### **5.1.1 Predicados estativos *versus* predicados de atividade, *accomplishment* e *achievement*: decompor para compor**

Nesta subseção, pretendemos encontrar uma resposta para a pergunta lançada no final da seção 5.1, que nos permitirá dizer com minúcia o que determina a leitura habitual em ocorrências de PP. Pensando sobre o assunto, chegamos à conclusão, já em momento anterior, sobre a possibilidade de haver algo em comum entre atividades, *accomplishments* e *achievements* que os diferencia de estados, algo este responsável pela atualização do Aspecto habitual.

Para chegar a este elemento ou característica compartilhada entre esses predicados, podemos lançar mão da proposta de Bertinetto apud Freitag (2007), em que as classes aspectuais de Vendler são desdobradas em três traços inter-relacionados: duratividade, dinamicidade e homogeneidade. Assim, um determinado arranjo desses traços representa uma determinada classe vendleriana, tal como se pode verificar no quadro já exposto na p.28. Uma vez compreendido que as classes vendlerianas podem ser decompostas por meio destes traços, para encontrarmos a resposta procurada basta atentarmos para qual ou quais traços se cruzam

entre atividades, *accomplishments* e *achievements* que não ocorrem nos estados. A observação do quadro de Bertinetto deixa claro que a única característica em comum entre atividades, *accomplishments* e *achievements*, responsável por diferenciá-los dos estados, diz respeito ao traço dinamicidade. Assim, os primeiros são [+ dinâmicos] e os segundos são [- dinâmicos]. Freitag (2007:88), parafraseando Bertinetto, define a dinamicidade como *uma propriedade caracterizada a partir da observação dos estados. Situações de estado são “densas”, não apresentam nenhum desenvolvimento interno (...)*.

Mais adiante, ainda com base em Bertinetto (2001), Freitag diferencia situações dinâmicas de estáticas, dizendo que aquelas apresentam granularidade - não podendo ser divididas indefinidamente - e estas não apresentam granularidade, podendo ser divididas indefinidamente. Isto nos remete à caracterização de situações dinâmicas feita por Comrie (1976), a qual diz que situações dinâmicas apresentam fases e estáticas não. Em última análise, essas caracterizações se complementam, à medida que convergem em dizer que atividades, *accomplishments* e *achievements* se desenvolvem pela sucessão de suas fases ou “pequenos grãos”, enquanto estados são um *continuum*, não possuem grãos ou fases sucedendo uma a outra.

Pelo exposto, podemos dizer que o traço [+ dinâmico] dos predicados em composição com o pretérito perfeito e o advérbio *sempre* atualiza o Aspecto habitual e o traço [- dinâmico], frente às mesmas condições, atualiza o Aspecto cursivo. Assim, atividades, *accomplishments* e *achievements* (de traço [+ dinâmico]) determinam a leitura habitual e estados (de traço [- dinâmico]) atualizam a leitura cursiva, como ilustrado abaixo:

- (73) *Um dos instrumentistas que sempre tentou essa aproximação, Arthur Moreira Lima, não pôde comparecer ao último encontro.*  
[aspecto habitual, predicado de atividade]  
(nilc\corrigid\jornal\folha\ilust-il\i194de12)
- (74) *Na realidade, como sempre aconteceu no Gatt, os países ricos levaram nítida vantagem na Rodada Uruguai.* [predicado *achievement*, aspecto habitual]  
(nilc\corrigid\jornal\folha\espec-ce\ce94fe12)

- (75) *Eu sempre disse que o governo dele seria o inverso do que ele pregava.*  
 [predicado *accomplishment*, aspecto habitual]  
 (nilc\corrigid\jornal\folha\brasi-br\br94de29)
- (76) *O esquema "collorido" sempre foi um horror de prepotência e de falta de limites.*  
 [predicado de estado, aspecto cursivo]  
 (nilc\corrigid\jornal\folha\dinhe-di\di94de19)

Respondida a pergunta para qual esta subseção foi destinada, passamos, na próxima subseção, à discussão de um fato curioso revelado pela análise dos dados: a possibilidade de restrição de compatibilidade entre *sempre* + predicado estativo + PI com valor aspectual cursivo.

### **5.1.2 Considerando a possibilidade de restrição de compatibilidade entre *sempre*, predicado estativo e PI com Aspecto cursivo**

Chamou nossa atenção a não ocorrência do Aspecto cursivo em enunciados com a estrutura *sempre* + predicado estativo + PI, pois a princípio não supúnhamos que isto fosse acontecer. Na verdade, tal qual exposto na seção 4.3.3, mesmo não encontrando, nas obras consultadas (ILARI, 1993; FIORIN, 1996; CASTILHO, 1998 – 99; CASTILHO, 1999; COSTA, 2002; TRAVAGLIA, 2006), menção ou exemplos de *sempre* + PI com valor cursivo (encontramos apenas exemplos de PP com esse valor), decidimos não descartar tal possibilidade. Surpreendemo-nos, então, ao encontrar apenas 3 ocorrências de *sempre* + predicado estativo + PI, todas atualizando o aspecto habitual. Imaginávamos que em ocorrências desse tipo o cursivo pudesse se manifestar, afinal este valor diz respeito à duração de uma situação, noção esta também presente nos predicados estativos (cf. classes vendlerianas p. 26), para a qual a flexão de PI, por ser um marcador imperfectivo, chama a atenção (cf. valores aspectuais manifestados por PI na seção 2.2), evidenciando a duração já existente no predicado estativo. Contudo, como vimos na análise dos dados, isso não aconteceu.

É evidente que nossa amostra apresentou poucos casos de predicado estativo com PI, apenas 3, o que não nos permite concluir que em toda ocorrência de *sempre* + predicado estativo + PI o resultado será uma leitura aspectual não cursiva, como se vê abaixo:

- (77) *Na viagem, todos sempre estavam juntos e ficaram amigos muito rápido.*  
(nilc\corrigid\jornal\folha\teenf-ft\ft94ja3)
- (78) *Neta de italianos, começou carreira em 1966, no programa Blota Junior, como sempre fazia questão de dizer, fazendo batucada no violão e cantando samba.*  
(nilc\corrigid\jornal\folha\cotid-co\co94jl22)
- (79) *O pouco de água que ainda restava foi dada a Yuliet, que sempre tinha a preferência nas divisões por estar grávida.*  
(nilc\corrigid\jornal\folha\teenf-ft\ft94se26)

De (77) a (79), a interpretação resultante é a habitual, uma vez que as situações são percebidas como se repetindo. Assim, em (77) há, a nosso ver, a menção de várias ocasiões em que todos estiveram juntos; em (78), a menção de que houve várias ocasiões em que ela fez questão de dizer onde começou a carreira; e, finalmente, em (79) há a idéia de que em várias ocasiões Yuliet teve a preferência, interpretação reforçada pelo adjunto quantificado “nas divisões”, neste caso seria até mais apropriado dizer: em todas as ocasiões que houve divisões de água, Yuliet teve a preferência. A interpretação habitual constatada nas estruturas de *sempre* + predicado estativo + PI contrasta com a interpretação cursiva das estruturas *sempre* + predicado estativo + PP, onde a situação é percebida não como se repetindo, mas como uma única situação que dura sem interrupções.

Não obstante, é bastante curioso que tão poucos casos de predicado estativo tenham ocorrido com PI, se comparados a grande quantidade ocorrida em PP (169 dos quais 164 resultaram em Aspecto cursivo), conforme a tabela 3 na p.71. Dessa forma, o próprio fato de tão poucos predicados estativos ocorrerem com flexão de PI, precedidos de *sempre*, nos faz imaginar que talvez possa haver uma restrição de compatibilidade entre estes marcadores aspectuais, no sentido de que, quando ocorrem, o valor aspectual atualizado não será o cursivo, mas sim o habitual.



Incitados pela curiosidade e pela dúvida, resolvemos tomar alguns de nossos dados (*sempre* + predicado estativo + PP) com interpretação aspectual cursiva e substituir a forma de PP pela de PI, de modo a ver o que aconteceria. Adaptamos aqui, para apreciação, dois casos já citados ao longo da pesquisa:

*A - Eu sempre achei legal usar o brinco.* (nilc\corrigid\jornal\folha\espor-es\es94ou30)

Eu sempre achava legal usar o brinco.

*B - O Brasil sempre foi um país muito generoso com os arquitetos.* (nilc\corrigid\jornal\folha\cotid-co\co94ag19)

O Brasil sempre era um país muito generoso com os arquitetos.

Tanto no par A quanto no B, a interpretação resultante da substituição de PP por PI é a habitual. Não se pode dizer de “Eu sempre achava legal usar o brinco” que “achar legal ...” é uma única situação durativa, cursiva. Se quiséssemos falar de uma única situação durativa, poderíamos usar o enunciado *Eu sempre achei legal usar o brinco*, ou ainda “Eu achava legal usar o brinco”. O mesmo comportamento pode ser observado no par B. Talvez até, para alguns falantes do português, os enunciados adaptados aqui possam soar estranhos, não tendo uma boa aceitação.

A verdade é que isso aponta para uma questão que precisaria ser melhor investigada, já que nossa amostra apresentou apenas três ocorrências do fenômeno sob discussão, não dando margem para que se afirme, com a desejada segurança, que em outras ocorrências desse tipo a leitura cursiva não se manifesta. Para tanto, seria necessária a coleta específica de dados de *sempre* + predicado estativo + flexão de PI, com o intuito de verificar sua frequência de uso e o valor atualizado. Fica registrada então essa possibilidade de restrição de compatibilidade sobre a referida estrutura. Com isso, finalizamos a descrição das interações que determinam as leituras cursiva e habitual, falta-nos averiguar se o mesmo se dá para as leituras não-acabado e acabado.

## 5.2 As leituras temporais: o não-acabado e o acabado

Aqui discutimos os resultados obtidos do cruzamento entre as leituras temporais das ocorrências e os fatores tipo de predicado, flexão e adjuntos. Se Travaglia (2006) estiver certo, a flexão de PP favorecerá o não-acabado (NAC) e a de PI, o acabado (AC). Entretanto, como não pretendemos perder de vista a possível influência dos tipos de predicado sobre os valores temporais, começamos nossa análise por eles:

**Tabela 5: Correlação entre tipo de predicado e valores temporais**

		Tipo de Predicado				Total
		Atividades	Estados	Accomplishments	Achievements	
Valor temporal	AC	7 17,50%	12 30%	5 12,50%	16 40%	40 100%
	NAC	48 20,68%	160 68,96%	10 4,31%	14 6,03%	232 100%
Total		55 20,22%	172 63,23%	15 5,51%	30 11,02%	272 100%

É possível perceber que o valor não-acabado ocorre preferencialmente com predicados de estado (68,96%), seguido de longe pelos de atividade (20,68%), achievements (6,03%) e accomplishments (4,31). Já o valor acabado se distribui quase uniformemente entre os tipos de predicado, apresentando maior incidência nos achievements (40%) e estados (30%), não muito atrás vêm as atividades (17,50%) e em seguida os accomplishments (12,50%). Isso não nos revela muita coisa, posto que nenhum dos predicados sobressai no valor acabado, se tomamos o não-acabado como parâmetro, em que o estativo se destaca. Mesmo assim, ainda há de se considerar que não necessariamente o predicado estativo determina o valor não-acabado, tendo em vista sua ocorrência com o acabado (30%). A análise da relação entre não-acabado e acabado com as flexões deve esclarecer nossas dúvidas sobre o fenômeno:

**Tabela 6: Correlação entre flexão e valores temporais**

		Flexão		Total
		PI	PP	
Valor temporal	AC	25 62,50%	15 37,50%	40 100%
	NAC	0	232 100%	232 100%
Total		25 9,19%	247 90,80%	272 100%

Aqui, mais facilmente se observa que o não-acabado ocorreu 100% com a flexão de PP, um resultado categórico:

- (80) *Eu sempre andei em feira.*  
(nilc\corrigid\jornal\folha\espec-ce\ce94ou03)
- (81) *Os americanos sempre gostaram de coisas diferentes, mas a preços baixos.*  
(nilc\corrigid\jornal\folha\ilust-il\il94ab09)

Nas ocorrências acima, as situações são entendidas pelo enunciador como ainda válidas no momento da enunciação, levando-nos a interpretação de que “ainda ando” e “ainda gostam”, em oposição ao que acontece no acabado em que a noção de “ainda” não se manifesta, como veremos adiante.

O acabado ocorreu em 62,50% dos casos com a flexão de PI e 37,50% com a de PP, uma diferença mais distante do que a constatada no cruzamento do acabado com os tipos de predicado. Não obstante, é preciso chamar a atenção para o fato de que das 25 ocorrências de PI, todas resultaram na leitura acabada (100%), enquanto que das 247 ocorrências de PP apenas 15 resultaram na leitura acabada (6,07%), ficando o restante, 232 ocorrências, responsáveis pelo valor não-acabado (93,92%). Fundamentados nesses resultados, coletamos evidências para sustentar que a flexão tem maior poder de explicação sobre as leituras temporais do que os tipos de predicados, ainda mais se atentarmos para as ocorrências de PP em separado, onde se poderia pensar que há a influência do tipo de predicado, tendo em vista os resultados apresentados na tabela 5. Por isso, cruzamos os tipos de predicado aos valores temporais apenas nas ocorrências de PP, de forma a elucidar se nessas ocorrências o tipo de predicado pode favorecer a manifestação de um dado valor temporal:

**Tabela 7: Correlação entre tipo de predicado e valores temporais em ocorrências de PP**

		Tipo de Predicado				Total
		Atividades	Estados	Accomplishments	Achievements	
Valor temporal	AC	3 20%	9 60%	1 6,66%	2 13,33%	15 100%
	NAC	48 20,68%	160 68,96%	10 4,31%	14 6,03%	232 100%
Total		51 20,64%	169 68,42%	11 4,45%	16 6,47%	247 100%

Para observarmos que o tipo de predicado não determina os valores temporais, basta olharmos principalmente para a coluna dos estados, onde as percentagens para acabado (60%) e não-acabado (68,96%) são muito próximas, não podendo, portanto, o predicado estativo determinar ao mesmo tempo ambos os valores. Como nas flexões de PI a leitura é categoricamente a acabada, não importando também o tipo de predicado, chegamos à conclusão de que as flexões de PP e PI são as responsáveis pelos valores temporais não-acabado e acabado respectivamente, abaixo ilustramos as leituras acabadas (as não-acabadas foram exemplificadas em (80) e (81) na página anterior):

(82) *Aloysio de Oliveira também vinha falar comigo sobre a garotada e a conversa sempre dava no Tom.*

(nilc\corrigid\jornal\folha\ilust-il\il94mr18)

(83) *Sempre arranjava uma viagem.*

(nilc\corrigid\jornal\folha\revis-re\re94se25)

As ocorrências acima exemplificam situações que são entendidas pelo enunciador como não sendo válidas no momento da enunciação, levando-nos a interpretação de que “a conversa não mais dá no Tom” e “não mais alguém arranja uma viagem”. Assim, (82) e (83) manifestam o valor acabado, que remete a noção de “não mais”, e (80) e (81) manifestam o não-acabado, que remete a noção de “ainda”.

Quanto às 15 ocorrências com valor acabado dos 247 dados de PP apresentados na tabela 7, elas podem ser explicadas, de acordo com os resultados da tabela abaixo, pela presença de adjuntos ou orações temporais capazes de circunscrever a situação expressa na ocorrência (impondo-lhe um limite inicial e final ou apenas final):

**Tabela 8: Correlação entre adjuntos de circunscrição e valores temporais em ocorrências de PP**

		Adjuntos				Total
		NADV	CIRC	NCIRC	SCIRC <sup>40</sup>	
Valor temporal	AC	0	15 100%	0	0	15 100%
	NAC	211 90,94%	0	15 6,46%	6 2,58%	232 100%
Total		211 85,42%	15 6,07%	15 6,07%	6 2,42%	247 100%

A tabela 8 evidencia a intervenção de adjuntos que circunscrevem a situação (CIRC) na leitura do valor acabado. Das 15 ocorrências de PP com leitura acabada 100% apresentam adjunto ou oração temporal que lhes impõe um limite final, daí o valor acabado dessas ocorrências, tal como se verifica em:

- (84) *Este país teve várias pujantes culturas como a dos Maias, Astecas, Zapotecas, Toltecas que sempre tiveram a sua sustentação na agricultura.*  
(nilc\corrigid\jornal\folha\ilust-il\il94ou21)

A oração sublinhada em (84), por meio da forma passada “teve”, nos permite entender que a situação “ter sustentação na agricultura” não é válida para o momento em que (84) foi enunciada, mas apenas para o período de tempo em que as “várias pujantes culturas” mencionadas existiram. Assim, essa oração circunscreve a situação “ter sustentação na agricultura” ao limite inicial e final compreendido pelo período de tempo em que tais culturas existiram. Ainda é preciso notar que as ocorrências de PP que apresentam adjunto que não circunscrevem a situação (NCIRC 6,46% cf. tabela 8) têm seu valor temporal não-acabado reafirmado, como em *Assim, as salas de aula ficam no espaço onde sempre estiveram* (nilc\corrigid\jornal\brasil\cadb-cb\cb96ma06), em que “ficam” reafirma o valor de que a

<sup>40</sup> SCIRC significa sem adjunto de circunscrição, categoria empregada apenas para diferenciar ocorrências em que se tem adjunto de circunscrição e adjuntos quantificados de ocorrências que apresentam só o adjunto quantificado. SCIRC, portanto, não exerce o papel de controlar algum fator na análise, foi empregado apenas como forma de padronizar a entrada dos dados no programa SPSS.

situação “estar no (mesmo) espaço” ainda é válida para o momento em que tal dado foi enunciado.

Finalmente, vale lembrar que as ocorrências com flexão de PI apresentam em todos os casos o valor acabado, implicando que nesses casos a presença de adjuntos CIRC e NCIRC (não circunscrevem a situação, não impõem um limite final) não intervém na leitura temporal, conforme se pode observar pelos resultados do cruzamento entre adjuntos de circunscrição e valores temporais em ocorrências de PI:

**Tabela 9: Correlação entre adjuntos de circunscrição e valores temporais em ocorrências de PI**

		Adjuntos				Total
		NADV	CIRC	NCIRC	SCIRC	
Valor temporal	AC	17 68%	4 16%	1 4%	3 12%	25 100%
	NAC	0	0	0	0	0
Total		17 68%	4 16%	1 4%	3 12%	25 100%

Vemos na tabela acima que uma ocorrência apresentou adjunto que não circunscreve a situação, mas isso não fez com que esta ocorrência deixasse de manifestar a leitura acabada, tal como se pode verificar:

(85) *Neta de italianos, começou carreira em 1966 no programa Blota Junior, como sempre fazia questão de dizer, fazendo batucada no violão e cantando samba.*

(nilc\corrigid\jornal\folha\cotid-co\co94jl22)

No dado acima, a porção sublinhada é considerada um adjunto (oração) que não circunscreve a situação, pois indica somente o limite inicial do período em que a situação “fazer questão de dizer” passa a existir e a se repetir.

Terminada a exposição dos resultados sobre as leituras temporais, podemos propor as seguintes sistematizações:

- (i) a leitura não-acabada ocorre apenas em ocorrências de PP, livre da intervenção dos tipos de predicado, como demonstram as ocorrências abaixo;

(86) <C;NAC;E;P;NADV> *Não, eu sempre fui assim.*  
(nilc\corrigid\jornal\folha\espor-es\es94ju26)

(87) <H;NAC;A;P;NADV> *Ele sempre cozinhou.*  
(nilc\corrigid\jornal\folha\teenf-ft\ft94ag22)

(88) <H;NAC;M;P;NADV> *Sempre disse que temos que dar oportunidade ao filho do trabalhador.*  
(nilc\corrigid\jornal\folha\brasi-br\br94ja9)

(89) <H;NAC;V;P;NADV> *O atacante disse que sempre deu sorte contra o São Paulo.* (nilc\corrigid\jornal\folha\espor-es\es94ag28)

- (ii) a leitura acabada pode ocorrer tanto no pretérito imperfeito quanto no pretérito perfeito, independentemente do tipo de predicado, sendo que:

- a. a leitura acabada é categórica no pretérito imperfeito;

(90) <H;AC;A;I;NADV> *Dos fazendeiros , conseguia dinheiro que sempre distribuía aos pobre , sem se preocupar com as contas da paróquia .* (nilc\corrigid\jornal\brasil\domin-rd\rd96ab07)

(91) <H;AC;V;I;ADV;CIRC> *“Quando revelei as fotos, tive a desagradável surpresa de perceber que as pirâmides sempre apareciam faltando um pedaço”, conta Cleonice.* (nilc\corrigid\jornal\folha\cotid-co\co94ag30)

(92) <H;AC;E;I;ADV;QUANT> *O pouco de água que ainda restava foi dada a Yuliet, que sempre tinha a preferência nas divisões por estar grávida.* (nilc\corrigid\jornal\folha\teenf-ft\ft94se26)

- (93) <H;AC;M,I;ADV;CIRC> *No começo da carreira , vocês quatro sempre diziam que o Helmet era a única banda em que gostariam de tocar .* (nilc\corrigid\jornal\folha\ilust-il\il94ja20)
- b. a leitura acabada ocorre no pretérito perfeito pela intervenção de adjuntos ou orações temporais que circunscrevem a situação expressa pelo predicado sobre o qual o *sempre* incide;
- (94) <C;AC;E;P;ADV;CIRC> *Então, inclusive o povo brasileiro, que sempre foi um povo alegre, não é mais.*  
(nilc\corrigid\jornal\brasil\domin-rd\rd96ma06)
- (95) <H;AC;A;P;ADV;CIRC> *Enquanto manteve o namoro com Itamar , ele sempre cobrou discricção.*  
(nilc\corrigid\jornal\folha\brasi-br\br94fe16)
- (96) <H;AC;V;P;ADV;CIRC> *Até 1910 , sua passagem sempre gerou pânico em diversos países.* (nilc\corrigid\jornal\folha\mais-ma\ma94jl10)
- (97) <H;AC; M;P;ADV;CIRC> *O compositor sempre trabalhou lentamente seus sete discos solos anteriores.*  
(nilc\corrigid\jornal\folha\ilust-il\il94no11)

Com estas considerações terminamos a parte da análise quantitativa e sistematizações a partir das evidências encontradas, sendo que cada sistematização proposta foi exemplificada com um grupo de ocorrências para apreciação do leitor, que pode confrontá-las com as outras ocorrências expostas e discutidas durante a análise quantitativa dos dados. Por isso, dedicamo-nos agora ao cotejo entre nossas conclusões e as informações sobre o *sempre*, obtidas na literatura consultada.

### ***5.3 Sempre: confrontando as informações***

A título de clareza, começamos a comparação apontando primeiramente as asserções em consonância com nossos resultados. De modo geral, a asserção de Fiorin (1996) de que o



*sempre* expressa o continuativo e o iterativo se confirmou nos nossos dados. Apenas retificamos aqui que ao que Fiorin chama continuativo e iterativo, nós chamamos de cursivo e habitual respectivamente, mas os significados aspectuais por trás das nomenclaturas são os mesmos. É interessante observar também que no exemplo dado por Fiorin (cf. p.54), em que a interpretação aspectual final é cursiva, o tipo de predicado envolvido é estativo. Quanto aos valores de acabado e não-acabado descritos por Travaglia (2006), nossos dados confirmam as tendências apontadas pelo autor, segundo as quais o *sempre* em face do pretérito perfeito, independentemente do tipo de predicado, leva o valor não-acabado e em face do pretérito imperfeito, também independente do tipo de predicado, leva ao valor acabado.

Encaramos com reserva a afirmação de Ilari (1993) que propõe para o *sempre* o significado de uma generalização sobre um universo de ocasiões relevantes (no sentido de que toda vez que há uma dada circunstância, há sempre/para cada circunstância uma situação correspondente). Para elucidar o conceito, retomamos o exemplo do autor *vinha muito pianista estrangeiro, então a gente não perdia, nós estávamos sempre lá*. (ILARI, 1993:183), em que a generalização é “estar sempre lá” e o universo de ocasiões relevantes é “a vinda de pianistas estrangeiros”, isto é, toda vez que havia pianista estrangeiro, eles estavam lá. Essa explicação do uso de *sempre*, como o próprio Ilari afirma, é tributária de duas condições: a referência no contexto ou no próprio enunciado a um universo de ocasiões relevantes e esse universo deve ser percorrido colocando-se cada ocasião em confronto com um determinado predicado. Acontece, porém, que na maioria de nossos dados com interpretação habitual – chamada de iteratividade por Ilari (1993)<sup>41</sup> –, não é possível estipular “uma generalização sobre um universo de ocasiões relevantes”, pois falta a estas ocorrências a primeira condição apontada por Ilari, sem a qual a segunda condição não pode ser satisfeita. Para tornarmos esta discussão mais clara, consideremos os dados:

(98) *Sempre fumei e não aconteceu nada, diz.*  
(nilc\corrigid\jornal\folha\ilust-il\il94ma18)

(99) *Meu pai tinha problema no coração, sempre falava comigo sobre morte.*  
(nilc\corrigid\jornal\folha\teenf-ft\ft94ag22)

---

<sup>41</sup> Nossa nomenclatura é diferente, pois assumimos que o iterativo é uma repetição determinada, ou seja, sabe-se a quantidade de vezes da repetição; e o habitual, uma repetição indeterminada, não se sabe a quantidade de vezes da repetição. Ilari (1993) utiliza o termo *iterativo* para ambos os casos.

- (100) *Telefonei várias vezes para a concessionária e sempre respondiam que o carro estava chegando.*  
(nilc\corrige\jornal\folha\veicu-ve\ve94se18)

Das ocorrências acima, (98) e (99) representam a maioria dos casos (80 dados)<sup>42</sup> em que não é possível estipular “uma generalização sobre um universo de ocasiões relevantes”, posto que elas não fazem referência a “ocasiões relevantes” e (100) representa os poucos casos (26 dados), em que se poderia dizer que há uma generalização “sempre responder...” sobre um universo de ocasiões relevantes “ telefonar ... para a concessionária”. Por essas razões e também porque nossa análise se limita ao nível estrutural do enunciado, encaramos com reserva a caracterização de Ilari. Afinal, como não consideramos a influência do contexto, apontado pelo autor como capaz de definir o “universo de ocasiões relevantes”, não podemos, precipitadamente, rejeitar a proposta do autor. Todavia, para os que se interessarem por esta questão não só em nível estrutural, mas também contextual, chamamos a atenção para a expressão “sempre que”, com a qual nos deparamos inúmeras vezes durante a coleta de dados. Ela, mais do que o *sempre* em contexto de PP e PI, parece desempenhar perfeitamente a função de estabelecer uma “generalização sobre um universo de ocasiões relevantes”, quantificando as situações expressas num determinado enunciado.

As proposições de Costa (2002), por sua vez, se confirmam em nossos dados tanto quando a autora assume que, em casos específicos – ela não explica quais –, a interação entre o *sempre* e uma dada forma verbal resulta na leitura de habitual continuativo (que ela associa ao imperfectivo cursivo), quanto ao afirmar que o *sempre* também pode levar a uma leitura habitual iterativa (não considerada Aspecto por ela, conforme já explanado ). Faltou à autora apenas perceber que a leitura chamada por ela de continuativa (e por nós de cursiva) se dá em estruturas do tipo *sempre* + predicado estativo + flexão de PP (estrutura, inclusive, verificada no exemplo da autora cf. p.48) e a iterativa (a que chamamos habitual) em estruturas do tipo *sempre* + qualquer tipo de predicado + flexão de PI ou *sempre* + predicado não estativo + flexão de PP, e menos frequentemente em estruturas *sempre* + predicado estativo + flexão de PP + adjunto quantificado.

---

<sup>42</sup> Recordemos que estamos tratando aqui somente das 106 ocorrências com leitura habitual, em que a noção de “vezes” se manifesta, permitindo, ao contrário da leitura cursiva, que se fale de “universo de ocasiões relevantes”.

Em relação a Castilho (1998;1999), podemos dizer que o *sempre* pode realmente ser visto como um advérbio aspectual quantificador, à medida que leva o valor habitual (repetição das situações em quantidade indeterminada) para sentenças em interação com os fatores já mencionados; e pode também ser considerada válida a afirmação de que o *sempre*, enquanto aspectualizador qualitativo, veicula duratividade por meio de sua leitura cursiva. Temos ainda de considerar válida a afirmação de Castilho (1999) sobre a capacidade de o *sempre* quantificar os predicados sobre os quais incide sem modificar a marca de perfectividade ou imperfectividade a eles aplicada:

(101) *Sempre disse que temos que dar oportunidade ao filho do trabalhador.*  
(nilc\corrigid\jornal\folha\brasi-br\br94ja9)

(102) *Um ex-morador do local disse que o piso do quarto sempre afundava, como se o chão não estivesse firme.* (nilc\corrigid\jornal\folha\cotid-co\co94mr11)

Considerando que a perfectividade diz respeito à situação expressa pelo verbo ter limites iniciais e finais e a imperfectividade diz respeito à ausência desses limites, sendo que no primeiro caso a situação é vista sem referência a sua duração interna e no segundo, com referência à duração interna; pode-se dizer de (101) que a situação quantificada, repetida “dizer ...” é perfectiva em cada uma de suas repetições e que a situação de (102) é imperfectiva em cada uma de suas repetições. Isso porque, se olhadas individualmente, as situações de “dizer” são apresentadas sem menção à duração, podendo serem vistas cada uma com um limite inicial e um final, enquanto que as situações de “o piso afundar” podem ser consideradas imprecisas quanto ao limite inicial e final, apresentando duração.

Tendo visto os pontos em comum, vamos aos pontos em discordância. Ao que Travaglia (2006) chama de habitual e iterativo, já demonstramos que há contradição em sua conceituação e não podemos dizer que há uma correspondência nesse caso, à medida que discordamos da própria conceituação desses valores aspectuais. Outro ponto importante é que o autor não lança mão, em momento algum, de enunciados com *sempre* + pretérito perfeito cujo predicado seja estativo, o que em nossa pesquisa resulta no valor cursivo. Com isso, não temos como saber, de fato, que valor o autor associaria a esse tipo de ocorrência. Em relação à

afirmação de Ilari (1993) de que o *sempre* é sinônimo de *toda vez*, nossos dados nos fazem discordar, por um lado, porque não são poucas as ocorrências em que o *sempre* marca o valor cursivo nos enunciados analisados (166 ocorrências de 272), não se podendo, portanto, sequer falar em “vez”, que remete ao significado habitual. De outro lado, mesmo em enunciados com interpretação habitual, que remete a noção de “vez”, não é possível substituir na maioria dos casos o *sempre* por “toda vez”, tal como se pode testar pelos exemplos (101) e (102) dados na página anterior (outra discussão sobre a definição do *sempre* envolvendo a noção de “toda vez (que)” pode ser encontrada na p.89). A conclusão a que chegamos em relação a isso é que igualar o uso aspectual quantitativo do *sempre* ao de “toda vez”, sem admitir a possibilidade de outros valores aspectuais que não o quantitativo, é uma caracterização um tanto reducionista. Agora, com base nas leituras temporais, não previstas por Ilari (1993), é que advogamos um “meio termo” para a seguinte afirmação do autor: “[...] (*é difícil, aliás, encontrar sentenças simples com sempre que se referem simultaneamente ao passado, presente, e futuro, realizando a concepção clássica de eternidade*) [...]” (ILARI, 1993:183). Nosso *corpus* mostra que não é raro encontrarmos sentenças com *sempre* e valor não-acabado, fazendo com que a situação seja entendida como válida para o passado, o presente e o futuro:

(103) *O que não impede que farsas continuem sendo o que sempre foram.*  
(nilc\corrigid\jornal\folha\brasi-br\br94se15)

(104) *E o que nós queremos pedir, é que a população brasileira continue a ser o que sempre foi até agora.* (nilc\corrigid\jornal\folha\brasi-br\br94ou29)

O indivíduo que produz (103) e (104) deixa claro que entende a situação de “ser” como algo que se inicia no passado, sendo válida no momento de enunciação (presente) e considerada válida também para o futuro. Essa interpretação temporal é evidenciada nas ocorrências pelas marcas de futuridade, que estão destacadas pelo sublinhado. Evidentemente, ofertamos acima dois dados que julgamos mais fáceis de identificar o valor passado-presente-futuro, pois eles apresentam marca de futuridade. No entanto, mesmo em ocorrências onde não há marca de futuridade explícita, como em *É que sempre fui alegre, orgulhosa de mim mesma* (nilc\corrigid\jornal\folha\revis-re\re94se25) ou *Contrabando sempre existiu*

(nilc\corrigid\jornal\folha\cotid-co\co94no14) é possível fazer a leitura de que, no primeiro caso, o indivíduo se considera orgulhoso e alegre de si mesmo do passado até o momento da fala e, provavelmente, continuará se considerando assim; e de que, no segundo caso, contrabando é uma prática que existe desde o passado, se estendendo até o momento de fala e transpondo o momento de fala em direção ao futuro. Pretendemos, frente a isso, assumir que, embora não sendo seu significado mais recorrente, o *sempre* pode remeter ao sentido de eternidade do qual nos fala Ilari.

Por fim, assim como todos os autores citados nesta seção, compreendemos que o *sempre* é de fato um advérbio aspectual à medida que sua presença ou ausência altera a interpretação aspectual final de um dado enunciado:

(105) *O ex-jogador Pelé sempre teve fama de conquistador.*  
(nilc\corrigid\jornal\folha\espor-es\es94ab04)

(106) O ex-jogador Pelé teve fama de conquistador (adaptado de 105)

(107) *Na viagem, todos sempre estavam juntos e ficaram amigos muito rápido.*  
(nilc\corrigid\jornal\folha\teenf-ft\ft94ja3)

(108) Na viagem, todos estavam juntos e ficaram amigos muito rápido. (adaptado de 107)

Em (105), a interpretação aspectual final de “ter fama de conquistador” é cursiva, posto que a situação é vista como perdurando, sem interrupções no seu tempo de duração. Isto é, quem produz (105) não a produz da perspectiva de que Pelé ora teve fama de conquistador e ora não, mas sim que ele a teve em todos os momentos de um período de tempo que não conhecemos. Em (107), a interpretação aspectual final de “estar junto” é habitual, haja vista que a situação é apresentada como tendo se repetido, com interrupções no seu tempo de duração. Nesse sentido, quem produz (107) não o faz da perspectiva de que todos permaneceram juntos ininterruptamente, mas sim em momentos alternados, ora sim, ora não, durante o período de tempo compreendido pela viagem. Dito isso, podemos comparar as contrapartes (106) e (108) aos originais (105) e (107).

Vemos que de (106) para (105) há mudança na interpretação aspectual final. Em (106), a situação “ter fama de conquistador” não é apresentada como perdurando, mas, pelo contrário, é apresentada do ponto de vista de que se a situação durou ou não, não importa dizer. Aqui, a situação é apresentada como um todo, fechado em si mesmo, do qual não interessa chamar atenção para a constituição temporal interna, ou seja, o Aspecto envolvido é o perfectivo, enquanto em (105) o Aspecto atualizado é o imperfectivo cursivo. Da mesma sorte, tal subversão é observada de (108) para (107). Assim, em (108), a situação, antes vista como habitual em (107), passa a ser vista como cursiva, no sentido de que todos permaneceram juntos durante o período da viagem. Aqui, a idéia de que ora estão juntos e ora não, não mais é ativada. Por conta dessas observações, ratificamos que o *sempre* é um advérbio aspectual, capaz de interagir com outros marcadores aspectuais, o que, contudo, não cala ainda a pergunta de ele ser perfectivo ou imperfectivo.

### 5.3.1 A pergunta que não cala: *sempre* perfectivo ou imperfectivo?

Originalmente, esta questão estava no âmago da presente pesquisa. Contudo, com a progressão da revisão bibliográfica e da análise dos dados, ela foi devidamente redimensionada. Aqui, portanto, apresentaremos duas possibilidades de resposta a essa pergunta.

A primeira possibilidade é a não necessidade de uma resposta, uma vez que esta pesquisa trabalha numa visão composicional de Aspecto, na qual vários elementos se inter-relacionam para compor uma determinada leitura aspectual para o enunciado. Assim, o *sempre* seria apenas um dos elementos responsáveis por atribuir aspectualidade ao enunciado, não sendo, então, interessante, sob essa perspectiva, categorizá-lo como perfectivo ou imperfectivo. Mais relevante, para nós, é a descrição de como ele interage com outros marcadores aspectuais, relatando que ele participa da atualização de determinados Aspectos.

Encontramos, no entanto, na literatura aspectual consultada, trabalhos composicionais que categorizam o *sempre* como perfectivo (COSTA, 2002) e como imperfectivo (CASTILHO, 1999), o que gera um conflito em termos principalmente de

nomenclatura, já que estes mesmos trabalhos pouco contribuem para a descrição da interação do *sempre* com outros marcadores aspectuais.

A segunda possibilidade, considerando o dito logo acima, é propor uma discussão sobre qual classificação seria mais apropriada levando em conta os nossos resultados e as “premissas” que os autores empregaram na classificação do *sempre*. Para tanto, precisamos retomar as asserções de Castilho (1998;1999) e de Costa (2002) – os únicos a classificarem o *sempre* em termos de perfectividade e imperfectividade - sobre como identificar se um advérbio é perfectivo ou imperfectivo, haja vista que tal classificação costuma ser associada às formas verbais em português. O único problema, e ele não é pequeno, está no fato de que os autores não afirmaram diretamente como classificar, embora o tenham classificado. Mas vamos ver o que é possível depreender das afirmações dos autores.

Começemos por Castilho (1999) que afirma ser o *sempre* capaz de quantificar as situações, acrescentando-lhes o conteúdo de permanência, ficando assim a meio caminho entre advérbios aspectuais Quantificadores e Qualificadores (neste último se inserem os Aspectos perfectivo e imperfectivo). O autor demonstra indecisão quanto ao estatuto do *sempre*, se quantificador ou qualificador. Indecisão esta não verificada em uma outra afirmação sua - Castilho (1998-99:290) -, em que o *sempre* é considerado um aspectualizador qualitativo, sendo inserido na classe dos imperfectivos, responsável por codificar o valor durativo. Por extensão, depreendemos disso que o autor considera que o *sempre* está associado à quantificação, quando quantifica situações, por um lado, e à qualificação, por outro lado, quando faz as situações serem vistas como durativas, saindo daí sua classificação como imperfectivo. Ou seja, o *sempre* é classificado pelo autor como imperfectivo, pois marca a duratividade, um dos subtipos aspectuais normalmente associado ao imperfectivo. Agora que conhecemos o raciocínio empregado por Castilho na classificação do *sempre* como imperfectivo, vamos tentar entender a linha de pensamento empregada por Costa (2002).

Costa (2002) nos reserva um pouco mais de trabalho, posto que, ao tratar do *sempre*, a autora primeiramente o qualifica como perfectivo (e só!), em seguida fornece duas ocorrências para discussão (ver exemplos (32) e (33) na p. 48-9). Na primeira, a interpretação obtida, segundo a autora, é de uma situação habitual por continuidade e na segunda, uma situação habitual por iteração. De acordo com Costa, as interpretações são diferentes porque na segunda a habitualidade se configura por meio de repetição, e na primeira, por meio de

uma situação que não se repete, mas sim que é vista em desenvolvimento, com duração. A autora conclui a discussão de seus exemplos dizendo que a interpretação envolvendo repetição não é Aspecto (já nos posicionamos sobre isso) e a que não envolve repetição é Aspecto, para ser mais exata, é Aspecto imperfectivo cursivo. Disso depreendemos o seguinte: da interpretação com repetição, a autora não pôde tirar uma classificação aspectual para o *sempre*, já que não considera esse valor um tipo ou subtipo de Aspecto. A interpretação sem repetição e durativa, considerada Aspecto imperfectivo pela autora, também não serviu na classificação do *sempre*, já que ela o considera perfectivo. Considerando apenas essas afirmações da autora não é possível ainda conhecer o raciocínio de Costa em relação à classificação do *sempre*, precisaremos prolongar um pouco mais esta discussão.

Voltemos, portanto, ao ponto em que a autora apresenta seu entendimento sobre a relação de tempos verbais perfectivos (o PP, por exemplo) e imperfectivos (o PI) com advérbios imperfectivos e perfectivos (no qual insere o *sempre*). De acordo com a autora, ao se relacionarem, num enunciado, um tempo verbal perfectivo e um advérbio imperfectivo ou um tempo verbal imperfectivo e um advérbio perfectivo, prevalece para o enunciado o Aspecto imperfectivo. Isso porque, conforme Costa, um advérbio pode imperfectivizar uma forma verbal perfectiva, mas ele não pode perfectivizar uma forma verbal imperfectiva. Isto é, o imperfectivo prevalece sobre o perfectivo, uma vez ocorrido em um enunciado. Disso tudo podemos depreender as seguintes consequências:

- (i) em enunciado com PP e advérbio imperfectivo, a interpretação é imperfectiva;
- (ii) em enunciado com PI e advérbio perfectivo, a interpretação é imperfectiva;
- (iii) em enunciado com PI e advérbio imperfectivo, a interpretação é imperfectiva;
- (iv) em enunciado com PP e advérbio perfectivo, a interpretação é perfectiva;
- (v) se um advérbio é capaz de imperfectivizar (levar um Aspecto imperfectivo para o enunciado), então ele é imperfectivo; caso contrário, ele é perfectivo.

Com isso, chegamos ao raciocínio empreendido por Costa (2002) na classificação dos advérbios aspectuais em perfectivo e imperfectivo, que, afinal, não se distancia muito do procedimento de Castilho (1998 – 99). Agora podemos aplicar o raciocínio desses dois autores aos nossos dados, considerando que se o advérbio atualiza um aspecto imperfectivo, mesmo em face de uma forma verbal perfectiva, ele é imperfectivo; se ele não apresenta essa



capacidade, ele é perfectivo. E dessa maneira, seguindo os passos adotados por Costa (2002) e Castilho (1998 – 99), podemos discutir qual classificação seria mais apropriada para o *sempre*, caso precisássemos classificá-lo.

Pela análise elaborada na seção sobre os valores aspectuais associados ao *sempre*, vimos que das 247 ocorrências de forma verbal perfectiva (PP), 166 apresentaram a leitura cursiva, chamando atenção para a duração da situação, o que se constitui tanto para Costa quanto para Castilho como um significado aspectual imperfectivo. Abaixo apresentamos uma dessas ocorrências para discussão:

(109) *Eu sempre quis ser goleiro.* (nilc\corrigid\jornal\folha\espor-es\es94fe6)

(110) *Eu quis ser goleiro.* (adaptado de 109)

Em (109), o verbo está sob a forma perfectiva com o *sempre* o precedendo. Neste enunciado, a situação “querer ser goleiro” é entendida como algo durativo, é um “querer” que perdura, implicando uma interpretação aspectual imperfectiva para o enunciado, uma vez que é chamada a atenção para sua duração. Em (110), o verbo está sob a forma perfectiva e não há a presença do *sempre*. Sua leitura é de que “querer ser goleiro” é algo do qual não sabemos se durou (ela pode ter durado, mas isso não está marcado), pois a situação é apresentada como um todo único, nos fazendo crer que ela não durou, caracterizando o Aspecto perfectivo. Tendo consciência de que o ocorrido em (109) se concretiza em 166 dos 247 enunciados com forma perfectiva, e considerando o raciocínio de Costa (2002) e Castilho (1998-99), o mais plausível, se precisássemos classificar o *sempre*, seria considerá-lo imperfectivo, já que em face de formas verbais perfectivas ele pode atualizar leituras imperfectivas.

Ainda haveria o caso das leituras habituais com PP e PI, verificadas em nossa análise, das quais o *sempre* também participa (cf. seção sobre valores aspectuais associados ao *sempre*). Nesse caso, como o habitual envolve repetição, para Costa ele não seria Aspecto e, por isso, não interferiria na proposta de classificação. Para Castilho, o habitual, coberto por ele sob a nomenclatura de iterativo, é Aspecto. Nesse caso, proporíamos o que o autor propõe: uma face qualitativa e uma quantitativa para o Aspecto. Na qualitativa, o *sempre* seria imperfectivo, e na quantitativa, ele quantificaria as situações sem alterar a perfectividade ou imperfectividade de cada repetição (sobre esta última possibilidade, exemplos podem ser encontrados na p.53). Com isso, encerramos nossa discussão sobre a classificação do *sempre*

e também damos fechamento ao confronto das conclusões de nossa análise às informações encontradas durante a revisão de literatura. Fica, então, a esperança de que a discussão realizada aqui suscite outras, com as quais possamos dialogar.

---

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

---

Este trabalho teve como objetivo primordial fornecer uma descrição da aspectualidade do *sempre* em enunciados onde ocorre com as formas de pretérito perfeito simples e pretérito imperfeito. Para cumprir tal objetivo, lançamos mão de uma perspectiva teórico-metodológica em que a aspectualidade dos enunciados é entendida como o resultado das relações estabelecidas entre os diferentes marcadores aspectuais presentes em um dado enunciado, ou seja, empregamos uma análise composicional. Vimos, ao longo da revisão de literatura (capítulos I a III), que trabalhar com Aspecto é uma tarefa árdua, devido ao pouco consenso encontrado entre os pesquisadores deste fenômeno, seja em termos de definições e descrições propostas, seja em termos de nomenclatura. A situação se torna ainda mais complicada ao se adentrar numa área ainda pouco explorada no Brasil e no português: a aspectualidade dos advérbios. Por essas razões, nossa pesquisa se configurou despretensiosa, focando a discussão em torno do advérbio *sempre* em contexto de PP e PI.

O que pudemos descobrir por meio da análise dos dados escritos é que enunciados com a estrutura *sempre + predicado estativo + PP* atualizam o aspecto cursivo, em que a situação é vista como única e durativa, sem interrupções no seu tempo de duração. Já as estruturas *sempre + qualquer tipo de predicado + PI / sempre + predicado não estativo + PP / sempre + predicado estativo + PP + adjunto quantificado* atualizam o aspecto habitual, fazendo com que a situação seja percebida não como única, mas como se repetindo indeterminadamente. Além disso, por meio da decomposição das classes aspectuais de Vendler elaborada por Bertinetto (2001), chegamos à conclusão de que os predicados estativos favorecem a emergência do aspecto cursivo em interação com PP e o *sempre* devido ao seu traço [- dinâmico]. Em contrapartida, predicados de atividade, *accomplishment* e *achievement* favorecem o aspecto habitual em interação com PP e o *sempre* por compartilharem o traço [+ dinâmico]. Em relação ao *sempre* em contexto de PI, assumimos a possibilidade de o tipo de predicado não influenciar na atualização de aspectos diferentes – ao contrário do constatado para o contexto de PP –, uma vez que a ocorrência de predicados

estativos com PI e *sempre* não resultou em aspecto cursivo. Este último fato associado a pouca ocorrência de dados de PI com predicado estativo (apenas 3 dados, quando o contexto de PP apresentou 169, dos quais 164 manifestaram a leitura cursiva ), nos fez sugerir a existência de restrições de compatibilidade entre *sempre*, predicado estativo e PI, no sentido de que, quando interagem, esses marcadores aspectuais não atualizam a leitura cursiva, mas apenas a habitual. Reconhecemos, contudo, que este fenômeno precisa ser mais bem investigado, de modo que se possa confirmar se nossa sugestão é válida.

Não obstante, após a revisão de literatura e durante a análise dos dados, vimo-nos “obrigadas” a lidar com uma categoria que não havíamos previsto inicialmente: a de Tempo. Como exposto no início destas considerações, este trabalho pretendia ser primordialmente aspectual, entretanto, no percurso da pesquisa, deparamo-nos com os conceitos de acabado e não-acabado formulados por Travaglia (2006). Embora o autor os tenha chamado de significados aspectuais, entendemos que, devido à forma como Travaglia definiu esses conceitos, não poderíamos considerá-los aspectuais, mas sim temporais, à medida que segundo a definição do autor eles informam se uma situação é válida para o momento de enunciação (não-acabado) ou não (acabado). Em relação a esses valores temporais, encontramos evidências para afirmar que o tipo de predicado não é determinante em sua manifestação, o que, aliás, não surpreende, já que se tratam de significados temporais e não aspectuais. Dessa forma, as flexões temporais em interação com o *sempre* determinam os significados temporais, a flexão de PI categoricamente leva ao acabado, enquanto a flexão de PP favorece fortemente o não-acabado, podendo, porém, manifestar o acabado por intervenção de adjuntos que circunscrevem a situação, fazendo com que ela não seja mais válida para o momento de enunciação.

Por meio das descrições aspectuais e temporais sucintamente apresentadas acima e discutidas ao longo do capítulo V desta dissertação, contribuímos com a área de estudos aspectuais do português ao propor sistematizações sobre os fatores que se relacionam para determinar os valores aspectuais e temporais de enunciados com *sempre* em contexto de pretérito perfeito e imperfeito. Além disso, ao menos até onde sabemos, nosso estudo sobre o *sempre*, da maneira como foi formulado e pela sua revisão crítica dos poucos trabalhos sobre esse objeto em português, se configura como um marco inicial, de onde outros trabalhos podem derivar, com o propósito de investigar se os resultados encontrados em contexto de PP

e PI se verificam para a interação do *sempre* com outros tempos verbais e outros marcadores aspectuais.

Por fim, gostaríamos de apontar alguns pontos não abordados ou inacabados deste estudo e, assim, sugerir outras questões a serem investigadas, que venham complementar e enriquecer nossa iniciativa. Em primeiro lugar, nossa pesquisa se restringiu ao nível estrutural, ao nível do enunciado, outros trabalhos, partindo dessa “base”, podem propor uma investigação contemplando também o nível contextual, preocupando-se, então, com as aplicações discursivas do *sempre*. Em segundo lugar, reconhecemos ser nossa crítica à afirmação de Ilari (1993) - de que o *sempre* é sinônimo de *toda vez*, envolvendo nessa definição a noção de “generalização sobre um universo de ocasiões relevantes” – mais especulativa do que desejávamos, por isso assumimos frente a ela uma postura mais reservada. Pesquisas futuras, a nosso ver, poderiam focar a relação entre quantificação e Aspecto habitual, de modo a estudar se em todo uso do *sempre* com leitura habitual é possível identificar a noção de “toda vez/universo relevante”, ou se ela se manifesta apenas em determinadas ocorrências.

---

## REFERÊNCIAS

---

BASTOS, L. K.; MATOS, M. A. Uso dos tempos verbais. In: *A produção escrita e a gramática*. 2ª ed. São Paulo: Martins Fontes, 1992

BERTINETTO, P. M.; DELFITTO, D. Aspect vs. Actionality: Why should they be kept apart. In: Dahl, Östen (ed.) *Tense and Aspect in the Languages of Europe*. Berlin/New York: Mouton de Gruyter, p.189-226, 2000.

CAMARA JUNIOR, J. M. Uma Categoria Verbal: o aspecto. In: *Princípios de Linguística Geral: como introdução aos estudos superiores da língua portuguesa*. 5ª ed. rev. e aum. Rio de Janeiro: Padrão Livraria Editora, 1977.

CAMPOS, O.; RODRIGUES, A.; GALEMBECK, P. de T. A flexão modo-temporal no português culto do Brasil: formas de pretérito perfeito e imperfeito do indicativo. In: Ataliba Castilho, Margarida Basílio (orgs.). *Gramática do português falado: as abordagens*. Campinas: Ed. Da Unicamp/Fapesp, vol.IV,1993. p.35-78.

CASTILHO, A. *Introdução ao estudo do aspecto verbal na língua portuguesa*. FFLCH - Tese de Doutorado: Marília, 1968.

\_\_\_\_\_. *A predicação adverbial no português falado*. FFLCH – Tese de Livre Docência: São Paulo, 1993.

\_\_\_\_\_. Advérbios qualificadores no português falado. *Boletín de Filología*. Chile, v.1, p.271-300, 1998-99.

\_\_\_\_\_. Advérbios de predicação quantificadora. IN: Duarte, Lélia Parreira (coord). *Para sempre em mim: homenagem a Ângela Vaz Leão*. Belo Horizonte: CESPUC, 1999

\_\_\_\_\_. Aspecto verbal no português falado. In: Maria Bernardete Abaurre, Angela Rodrigues (orgs.). *Gramática do Português falado – novos rumos*. Campinas: Ed. Da Unicamp, vol. VIII, 2002.p.83-121.

CHIERCHIA, G. *Semântica*. Campinas: Editora da Unicamp, 2003.

COAN, M. *As categorias tempo, aspecto, modalidade e referência na significação dos pretéritos mais-que-perfeito e perfeito: correlações entre função(ões)-forma(s) em tempo real e aparente*. UFSC – Tese de Doutorado: Florianópolis, 2003.

COAN, M.; BACK, A.; REIS, M.; FREITAG, R. As categorias verbais tempo, aspecto, modalidade e referência: pressupostos teóricos para uma análise semântico-discursiva. *Estudos Linguísticos XXXV*, p.1463-1472, 2006.

COMRIE, B. *Aspect*. Cambridge: Cambridge University Press, 1976.

CORÔA, M. L. *O tempo nos verbos do português: uma introdução à sua interpretação semântica*. São Paulo: Parábola Editorial, 2005.

COSTA, S. B. B. *O aspecto em português*. 3ª ed. São Paulo: Contexto, 2002.

FIORIN, J.L. *As astúcias da enunciação: as categorias de pessoa, espaço e tempo*. São Paulo: Ática, 1996.

FLEISCHMAN, S. Imperfective and irrealis. IN: BYBEE, J.; FLEISCHMAN, S. (eds). *Modality in grammar and discourse*. Amsterdam/Philadelphia: J. Benjamins, 1995.

FLORES, V. N.; SILVA, S. Aspecto verbal: uma perspectiva enunciativa do uso da categoria no português do Brasil. *Letras de Hoje*, n.121, p.35-67, set./2000.

FREITAG, R. *A expressão do passado imperfectivo no português: variação/gramaticalização e mudança*. UFSC - Tese de Doutorado: Florianópolis, 2007.

GIVÓN, T. Tense, aspect and modality I: functional organization. IN: *Syntax – an introduction*. V.1. Amsterdam/Philadelphia: J. Benjamins, 2001, p. 285-335.

GODÓI, E. *Aspectos do Aspecto*. UNICAMP - Tese de Doutorado: Campinas, 1992.

\_\_\_\_\_. O Progressivo: Além do Aspecto. *Letras*. Curitiba, n.41-42, p.165-170, 1992-93.

ILARI, R. Considerações sobre a posição dos advérbios. IN: CASTILHO, Ataliba Teixeira de (org.). *Gramática do português falado*. 2ª ed. Campinas: UNICAMP/FAPESP, 1991.

\_\_\_\_\_. Advérbios aspectualizadores. In: ILARI, Rodolfo (org.). *Gramática do português falado*. v. 2, 2ª ed. Campinas: UNICAMP, 1993.

\_\_\_\_\_. Notas sobre o passado composto em português. *Revista Letras*, Curitiba, n. 55, p. 129 – 152, jan./jun. 2001

MATIAS, M. de J. O imperfeito e o perfeito em alemão e em português. In: LÜDTKE, Helmut; JÜRGEN, Schmidt-Radefeldt. *Linguística contrastiva: Deutsch versus Portugiesisch-Spanisch-Französisch*. Tübingen: G. Narr, 1997.

MATOS, S. Aspectos da semântica e pragmática do imperfeito do indicativo. *Revista Línguas e Literatura*. Portugal, v.XIII, p.435-473,1996.

MATTOS, G. Aspecto e fato: um passeio pelo tempo. *Letras*. Curitiba, n.44, p. 59 - 66, 1995.

OLIVEIRA, L. C. de. *As duas formas do pretérito perfeito em espanhol: análise de corpus*. UFSC - Dissertação de Mestrado: Florianópolis, 2007.

OLIVEIRA, R. P. de. *Semântica formal: uma breve introdução*. Campinas, SP: Mercado de Letras, 2001.

REICHENBACH, H. *Elements of Symbolic Logic*. New York: Macmillan Company, 1947.

RODRIGUES, A.; CAMPOS, O.; GALEMBECK, P. de T.; TRAVAGLIA, L. C. Formas de pretérito perfeito e imperfeito do indicativo no plano textual-discursivo. In: Ingedore Koch (org.). *Gramática do português falado – desenvolvimentos*. Campinas: Ed. da Unicamp, 1996. p.415-461.

SOUZA, T. T. de. *Investigando na aquisição do PB a hipótese da perfectividade*. UFSC - Dissertação de Mestrado: Florianópolis, 2008.

TRAVAGLIA, L. C. O discursivo no uso do pretérito imperfeito do indicativo no português. *Cadernos de Estudos Linguísticos*, Campinas, v. 12, p.61-98, 1987.

\_\_\_\_\_. *O aspecto verbal no português: a categoria e sua expressão*. 4ª ed. Uberlândia: EDUFU, 2006.

VENDLER, Z. *Linguistics and Philosophy*. Ithaca (NY): Cornell University Press, 1967.

WACHOWICZ, T. C. Uma fundamentação para a noção de evento para a linguística. *Revista Letras*, Curitiba, n. 54, p. 143 – 160, jul./dez. 2000

\_\_\_\_\_. *As leituras aspectuais da forma do progressivo do português brasileiro*. USP – Tese de Doutorado: São Paulo, 2003



## **ANEXO A – OS DADOS**

- 1) Altruísmo com dinheiro alheio sempre foi um gesto edificante.  
(nilc\corrigid\jornal\folha\dinhe-di\di94mr27)
- 2) A moda americana sempre existiu, não é uma novidade.  
(nilc\corrigid\jornal\folha\ilust-il\il94ab16)
- 3) Os americanos sempre gostaram de coisas diferentes, mas a preços baixos.  
(nilc\corrigid\jornal\folha\ilust-il\il94ab09)
- 4) André Ribeiro sempre imaginou que não sentiria nenhuma emoção igual à da primeira vitória, ano passado, em New Hampshire.  
(nilc\corrigid\jornal\brasil\espor-sp\sp96mr19)
- 5) Na modernidade, as artes sempre foram o lugar de refúgio e de luta nos momentos em que a vida foi atacada.  
(nilc\corrigid\jornal\folha\mais-ma\ma94mr20)
- 6) A principal característica das oscilações das Bolsas sempre foi embutir, ao mesmo tempo, o que se convencionou chamar de fatores fundamentais e especulativos. (nilc\corrigid\jornal\folha\mundo-mu\mu94no27)
- 7) Aquele gol antológico marcado contra o Internacional, fazendo o que qualquer moleque que já jogou bola sempre sonhou em fazer.  
(nilc\corrigid\jornal\folha\espor-es\es94se05)
- 8) A violência urbana e o problema dos meninos de rua brasileiros sempre foram um prato quente nos noticiários da França.  
(nilc\corrigid\jornal\brasil\cidad-cd\cd96ab30)
- 9) O futebol brasileiro sempre viveu de estrelas solitárias.  
(nilc\corrigid\jornal\folha\ilust-il\il94jl05)
- 10) O mercado brasileiro sempre foi C.  
(nilc\corrigid\jornal\folha\dinhe-di\di94ou31)
- 11) O Brasil sempre foi um país muito generoso com os arquitetos.  
(nilc\corrigid\jornal\folha\cotid-co\co94ag19)
- 12) A ligação de Cortázar com o Brasil sempre foi muito estreita.  
(nilc\corrigid\jornal\folha\ilust-il\il94fe12)
- 13) O cinema sempre foi uma espécie de psicanálise para mim.  
(nilc\corrigid\jornal\folha\ilust-il\il94fe15)

- 14) Nós precisamos estabelecer relações políticas e de amizade como sempre tivemos.  
(nilc\corrigid\jornal\folha\espec-ce\ce94se30)
- 15) Contrabando sempre existiu.  
(nilc\corrigid\jornal\folha\cotid-co\co94no14)
- 16) Os grandes críticos sempre souberam que seu esforço não era o mesmo dos filósofos e teólogos.  
(nilc\corrigid\jornal\folha\mais-ma\ma94no27)
- 17) Jogar ao lado de Cruyff sempre foi um desejo que acalentei secretamente.  
(nilc\corrigid\jornal\folha\espor-es\es94ma09)
- 18) Ora, o lado de um disco sempre foi o oculto, a face escura, dimensão de baixo.  
(nilc\corrigid\jornal\folha\ilust-il\il94ja17)
- 19) O universo de Disney sempre foi o mais "clean" possível.  
(nilc\corrigid\jornal\folha\ilust-il\il94no16)
- 20) Minha divergência sempre foi neste sentido.  
(nilc\corrigid\jornal\folha\brasi-br\br94ja8)
- 21) Ela sempre foi uma pessoa amigável, afirmou a estudante Glaucia Vaz, 19.  
(nilc\corrigid\jornal\folha\cotid-co\co94ab06)
- 22) Uma conseqüência previsível da perda de um ídolo, de um representante da raça que a simbolizou como ela sempre quis: com determinação e talento.  
(nilc\corrigid\jornal\folha\espor-es\es94ma08)
- 23) Eles nunca fizeram muito pelo dance porque eles sempre confiaram mais no sucesso do pop.  
(nilc\corrigid\jornal\folha\ilust-il\il94ja07)
- 24) Ele sempre teve nosso apoio.  
(nilc\corrigid\jornal\folha\espor-es\es94ma24)
- 25) Tenho certeza de que ele sempre foi sincero no que fez.  
(nilc\corrigid\jornal\folha\ilust-il\il94jl15)
- 26) Ele sempre foi a referência para todos nós e se manteve calmo esse tempo todo.  
(nilc\corrigid\jornal\folha\cotid-co\co94ma06)

- 27) Por mais tortuosos que tenham sido os caminhos de Piaget, ele sempre teve um envolvimento profundo com os fenômenos da cognição.  
(nilc\corrigid\técnic~1\livrusp\cogn4)
- 28) Ele sempre teve prazer em montar ambientes.  
(nilc\corrigid\jornal\folha\revis-re\re94ma29)
- 29) Ele sempre foi um sujeito duro de convencer.  
(nilc\corrigid\jornal\folha\ilust-il\il94ju24)
- 30) Ele sempre admirou o Cinema Novo.  
(nilc\corrigid\jornal\folha\ilust-il\il94mr5)
- 31) Ele sempre foi muito sério, o que é qualidade importante para um treinador.  
(nilc\corrigid\jornal\folha\espor-es\es94de08)
- 32) No caso da Liquid, o comando da empresa sempre esteve à frente de todo o processo de mudança.  
(nilc\corrigid\jornal\folha\dinhe-di\di94ou30)
- 33) Não, eu sempre fui assim.  
(nilc\corrigid\jornal\folha\espor-es\es94ju26)
- 34) Eu sempre achei legal usar o brinco.  
(nilc\corrigid\jornal\folha\espor-es\es94ou30)
- 35) Eu sempre achei que nós deveríamos ter tido uma Constituinte exclusiva.  
(nilc\corrigid\jornal\folha\espec-ce\ce94se06)
- 36) Eu sempre adorei a música brasileira.  
(nilc\corrigid\jornal\folha\ilust-il\il94ou21)
- 37) “Eu sempre tive tudo e quero que os outros também tenham”, disse a iniciante em política.  
(nilc\corrigid\jornal\folha\brasi-br\br94ab20)
- 38) Esse é o disco que eu sempre quis fazer.  
(nilc\corrigid\jornal\folha\ilust-il\il94jl06)
- 39) Eu sempre admirei muito meu filho.  
(nilc\corrigid\jornal\folha\cotid-co\co94ag14)
- 40) Eu sempre tive uma visão diferente, não quis ser apenas mais um nome na moda.  
(nilc\corrigid\jornal\folha\ilust-il\il94ja29)

- 41) Eu sempre quis ser goleiro.  
(nilc\corrigid\jornal\folha\espor-es\es94fe6)
- 42) Era também a única que nasceu no Rio de Janeiro e sempre morou na Rocinha.  
(nilc\corrigid\jornal\brasil\cidad-cd\cd96fe14)
- 43) Sempre achei que o estilo dele não traz novidade nenhuma para a moda.  
(nilc\corrigid\jornal\folha\ilust-il\il94ju10)
- 44) Sempre foi de poucas palavras a maioria de nossos muitos encontros daí para a frente.  
(nilc\corrigid\jornal\folha\espor-es\es94ma08)
- 45) Sempre foi imbatível em popularidade.  
(nilc\corrigid\jornal\folha\mais-ma\ma94se18)
- 46) O Palmeiras é e sempre foi um vencedor.  
(nilc\corrigid\jornal\folha\espor-es\es94de21)
- 47) Ele morava com a mulher e os filhos perto de casa e sempre foi cordial com minha família.  
(nilc\corrigid\jornal\folha\teenf-ft\ft94de12)
- 48) Sempre tive muitas dúvidas a respeito de transformar filosofia em disciplina obrigatória no 2º grau.  
(nilc\corrigid\jornal\folha\mais-ma\ma94ma01)
- 49) O Flamengo sempre foi um clube de boa estrutura, a não ser nos últimos anos, por problemas financeiros.  
(nilc\corrigid\jornal\folha\espor-es\es94de21)
- 50) Pode-se dizer que essa forma de visibilidade do lesbianismo de certa forma sempre existiu, mas não trouxe nenhum benefício às mulheres homossexuais.  
(nilc\corrigid\jornal\folha\mais-ma\ma94fe20)
- 51) Os covistas lembram que o candidato a governador sempre fez questão de acompanhar FHC.  
(nilc\corrigid\jornal\folha\espec-ce\ce94no15)
- 52) A Gringolândia sempre levou o sexo a sério.  
(nilc\corrigid\jornal\folha\revis-re\re94jl10)

- 53) Nas nações ibéricas, sempre predominou um tipo de organização política artificialmente mantida por uma força exterior.  
(nilc\corrigid\jornal\folha\ilust-il\il194mr15)
- 54) Uma coisa é a morte de Elma, cuja explicação por infarto sempre pareceu plausível.  
(nilc\corrigid\jornal\brasil\polit-po\po96ju24)
- 55) Claro que a intenção sempre foi ensinar, mas a forma como fazia isso às vezes dava medo em alguns, conta Müller.  
(nilc\corrigid\jornal\folha\espor-es\es94ag21)
- 56) Segundo a atleta argentina, este foi um sonho que se concretizou, já que sempre sonhou em ser brasileira.  
(nilc\corrigid\jornal\folha\espor-es\es94se30)
- 57) Sempre confiei na Justiça de meu país.  
(nilc\corrigid\jornal\folha\brasi-br\br94de13)
- 58) Os ditadores de qualquer latitude sempre tiveram à disposição, em um sala anexa, meia dúzia de gatos pingados que homologavam a insanidade do ditador.  
(nilc\corrigid\jornal\folha\opini-op\op94ma26)
- 59) Mas sempre temeram um tropeço de Itamar, nunca acharam que o ministro complicaria tudo.  
(nilc\corrigid\jornal\folha\brasi-br\br94se04)
- 60) Seria uma grande decepção se eu decidisse o contrário, mas sempre quis a cerimônia.  
(nilc\corrigid\jornal\folha\cotid-co\co94no20)
- 61) Mas sempre soubemos não ultrapassar os limites dos outros.  
(nilc\corrigid\jornal\folha\teenf-ft\ft94ag22)
- 62) Mas o Mário sempre foi um jovem muito adulto.  
(nilc\corrigid\jornal\folha\brasi-br\br94ou30)
- 63) A procura por esses modelos sempre foi grande.  
(nilc\corrigid\jornal\folha\veicu-ve\ve94ag07)
- 64) Para Walser, a notoriedade sempre foi algo crucial.  
(nilc\corrigid\tecnic~1\livrusp\texto4)

- 65) O que não impede que farsas continuem sendo o que sempre foram.  
(nilc\corrigid\jornal\folha\brasi-br\br94se15)
- 66) Assim, as salas de aula ficam no espaço onde sempre estiveram.  
(nilc\corrigid\jornal\brasil\cadb-cb\cb96ma06)
- 67) Em seu discurso, Clinton disse que Oxford sempre foi um centro de debate e questionamento.  
(nilc\corrigid\jornal\folha\mundo-mu\mu94ju09)
- 68) Acontece que paisagista sempre foi para nós o pintor de paisagens, como, para citar o exemplo clássico, Antonio Parreiras.  
(nilc\corrigid\jornal\folha\ilust-il\il94de03)
- 69) O banco do Paraná sempre foi independente em relação à entidade, que tem sede em São Paulo.  
(nilc\corrigid\jornal\folha\dinhe-di\di94ou06)
- 70) Que o relacionamento dele com o partido sempre foi difícil nós sabíamos, mas agora há até muitos apelos dentro do PMDB para que fique.  
(nilc\corrigid\jornal\folha\brasi-br\br94ja04)
- 71) O ex-jogador Pelé sempre teve fama de conquistador.  
(nilc\corrigid\jornal\folha\espor-es\es94ab04)
- 72) As pessoas sempre foram suficientemente livres para se expressar sem uma classificação.  
(nilc\corrigid\jornal\folha\ilust-il\il94ou11)
- 73) Sempre senti isso, desde pequeno, quando vi as primeiras mulheres nuas em carros alegóricos.  
(nilc\corrigid\jornal\folha\ilust-il\il94fe15)
- 74) Sempre fui rapper.  
(nilc\corrigid\jornal\folha\ilust-il\il94fe21)
- 75) Sempre achei que suas barbas e as dos outros líderes influenciaram até os hippies.  
(nilc\corrigid\jornal\folha\ilust-il\il94ag23)
- 76) Para os fãs do "cool jazz" e da bossa nova, Tormé, 68, sempre foi um cantor "Cult".  
(nilc\corrigid\jornal\folha\ilust-il\il94ju28)

- 77) Sempre quis gravar essa música, e Art também.  
(nilc\corrigid\jornal\folha\ilust-il\il94mr5)
- 78) Ela deveria cruzar com a avenida José Maria Whitaker (Indianópolis, zona sul de São Paulo), sempre foram uma espécie de parábola do Brasil.  
(nilc\corrigid\jornal\folha\opini-op\op94ju02)
- 79) Em casa, sempre houve um respeito muito grande à coisa do teatro, mas ninguém era diretamente ligado.  
(nilc\corrigid\jornal\folha\revis-re\re94no13)
- 80) A relação da política, não só com o escritor de modo geral, mas também com a literatura, sempre foi problemática, complexa.  
(nilc\corrigid\jornal\folha\opini-op\op94no11)
- 81) Sempre admirei as paródias que Allen faz da "intelligentsia".  
(nilc\corrigid\jornal\folha\ilust-il\il94jl12)
- 82) Desde cedo fui orador da turma, sempre gostei de declamar.  
(nilc\corrigid\jornal\folha\revis-re\re94ju26)
- 83) Como Horrigan, sempre foi impecavelmente eficiente.  
(nilc\corrigid\jornal\folha\ilust-il\il94ma18)
- 84) Sempre tive muita admiração pelo Dorival.  
(nilc\corrigid\jornal\folha\ilust-il\il94mr18)
- 85) Sempre desconfiei de que o senhor fosse um comunista.  
(nilc\corrigid\jornal\folha\brasi-br\br94no27)
- 86) Sempre manteve um pé em o PFL .  
(nilc\corrigid\jornal\folha\espec-ce\ce94ou04)
- 87) Pai de Renato, diz que a característica fundamental da empresa, desde os primeiros tempos, sempre foi a qualidade.  
(nilc\corrigid\jornal\folha\espec-ce\ce94mr13)
- 88) Embora seja da Bahia, sempre foi quercista.  
(nilc\corrigid\jornal\folha\brasi-br\br94ma23)
- 89) Sempre achei que não se consegue nada só com palavras.  
(nilc\corrigid\jornal\folha\espor-es\es94ma22)
- 90) Claro, sempre acreditei nisto.  
(nilc\corpuset\corrigid\jornal\folha\ilust-il\il94ja8)



- 91) T primeiro grau, aos 16 anos - , segundo sua mãe, Elisabeth Nery Bailer, 43 anos, sempre foi trabalhador.  
(nilc\corrigid\revista\istoe\ie96ma15)
- 92) Sempre tive uma idéia romântica dos artistas, achava que todo mundo era bom e generoso.  
(nilc\corrigid\jornal\brasil\ideia-id\id96mr16)
- 93) Sempre fui uma garota bem- humorada.  
(nilc\corrigid\jornal\brasil\econoecc\ec96mr13)
- 94) Versos que eu, um tanto ingênuo é verdade, sempre achei bons de serem ouvidos, tranquilos, melódiosos.  
(nilc\corrigid\jornal\brasil\cadb-cb\cb96fe15)
- 95) Sempre tive a maior admiração pela forma como ele retrata o Rio.  
(nilc\corrigid\jornal\brasil\revpr-rp\rp96ma24)
- 96) Sempre gostei de pintar, principalmente retratos.  
(nilc\corrigid\jornal\brasil\domin-rd\rd96ab07)
- 97) A corrupção no atacado, e no Brasil, sempre foi e continua igual.  
(nilc\corrigid\jornal\folha\brasi-br\br94ja12)
- 98) Sempre gostei de todo tipo de música.  
(nilc\corrigid\jornal\brasil\cadb-cb\cb96mr06)
- 99) Sempre tive receio de que uma frase mal lançada na imprensa viesse a prejudicar meu trabalho.  
(nilc\corrigid\jornal\folha\mais-ma\ma94ja9)
- 100) Sempre existiram dúvidas sobre a autenticidade de parte do tesouro.  
(nilc\corrigid\jornal\folha\mais-ma\ma94ja16)
- 101) Sempre fui popular.  
(nilc\corrigid\jornal\folha\ilust-il\il94ab04)
- 102) O populismo, de que Brizola é a expressão acabada no Brasil, sempre teve uma presença importante na América Latina.  
(nilc\corrigid\jornal\folha\opini-op\op94se01)
- 103) Sempre houve uma relação complicada, difícil, conflituosa.  
(nilc\corrigid\jornal\folha\mais-ma\ma94de18)

- 104) De acordo com ele, Célia e seu marido, Albert Baumann, sempre foram muito carinhosos com os filhos adotivos.  
(nilc\corrigid\jornal\folha\cotid-co\co94fe15)
- 105) Sempre foi avessa aos grupos modernistas brasileiros, ficando próxima dos grupos católicos e tradicionais.  
(nilc\corrigid\jornal\folha\mais-ma\ma94jl24)
- 106) Sempre quis fazer exercício, entrei em várias academias, mas acabava saindo.  
(nilc\corrigid\jornal\folha\cotid-co\co94de21)
- 107) Não foi surpresa, porque sempre confiei no Supremo.  
(nilc\corrigid\jornal\folha\brasi-br\br94de13)
- 108) Não é justo não usar o carro do sindicato porque sempre estive aqui nas lutas.  
(nilc\corrigid\jornal\folha\brasi-br\br94ma24)
- 109) O que você me aconselha para manter a boa imagem que o prédio sempre teve?  
(nilc\corrigid\jornal\folha\revis-re\re94ou30)
- 110) Quem sempre quis reunir os amigos para saborear a sua especialidade gastronômica.  
(nilc\corrigid\jornal\folha\ilust-il\il94se23)
- 111) Enéas diz que sempre foi o primeiro aluno.  
(nilc\corrigid\jornal\folha\espec-ce\ce94ag04)
- 112) É que sempre fui alegre, orgulhosa de mim mesma.  
(nilc\corrigid\jornal\folha\revis-re\re94se25)
- 113) É muito engraçado ver meu pai, que sempre foi super duro para a dança, fazendo aula.  
(nilc\corrigid\jornal\folha\cotid-co\co94ju01)
- 114) Gil comprova que sempre foi acústico.  
(nilc\corrigid\jornal\folha\ilust-il\il94ja20)
- 115) Ana Lúcia Figueroa Otake, 15, diz que sempre teve vontade de entrar para as Forças Armadas.  
(nilc\corrigid\jornal\folha\teenf-ft\ft94ou31)
- 116) Pai de quatro filhos, nunca participou de nenhuma organização e diz que sempre soube se virar sozinho.  
(nilc\corrigid\jornal\folha\brasi-br\br94jl03)

- 117) Geanini é dessas que sempre foi magra.  
(nilc\corrigid\jornal\folha\ilust-il\194mr19)
- 118) Quero apenas responder que sempre tivemos daqueles [ os cojones ] e nunca sofremos desta última [ a covardia ].  
(nilc\corrigid\jornal\brasil\inter-in\in96fe29)
- 119) Marcello lembrou que sempre achou as perspectivas dos outros dois candidatos muito insuficientes dentro do próprio partido.  
(nilc\corrigid\jornal\brasil\polit-po\po96ju10)
- 120) E o que nós queremos pedir, é que a população brasileira continue a ser o que sempre foi até agora.  
(nilc\corrigid\jornal\folha\brasi-br\br94ou29)
- 121) O primeiro interrogado deverá ser o empresário Altineu Coutinho, que sempre teve o controle das compras de inseticida.  
(nilc\corrigid\jornal\brasil\polit-po\po96ma09)
- 122) Este país teve várias pujantes culturas como a dos Maias, Astecas, Zapotecas, Toltecas que sempre tiveram a sua sustentação na agricultura.  
(nilc\corrigid\jornal\folha\ilust-il\194ou21)
- 123) Seu julgamento teve, assim, o mérito de abrir o debate acerca de um tema que sempre foi mais ou menos considerado um tabu na França, o do colaboracionismo.  
(nilc\corrigid\jornal\folha\opini-op\op94ab25)
- 124) Aqueles que sempre foram combatentes da liberdade.  
(nilc\corrigid\jornal\folha\cotid-co\co94fe11)
- 125) A Elvira Olivares é uma pessoa que sempre esteve comigo, por perto.  
(nilc\corrigid\jornal\brasil\domin-rd\rd96ju23)
- 126) Então, inclusive, o povo brasileiro, que sempre foi um povo alegre, não é mais.  
(nilc\corrigid\jornal\brasil\domin-rd\rd96ma06.
- 127) Canindé Pegado, que sempre manteve relações amigáveis com a Cut, disse estar surpreso e chocado com o acontecido.  
(nilc\corrigid\jornal\folha\brasi-br\br94ja07)
- 128) Quércia sempre fez questão de destacar a participação dele e do PMDB no movimento contra o regime.  
(nilc\corrigid\jornal\folha\brasi-br\br94jl04)

- 129) O rádio sempre foi polêmico .  
(nilc\corrigid\jornal\folha\dinhe-di\di94fe28)
- 130) Seu índice de rejeição sempre foi baixíssimo  
(nilc\corrigid\jornal\folha\ilust-il\il94ou26)
- 131) O Rio sempre foi foco de atenções, desde os tempos em que era capital da República.  
(nilc\corrigid\jornal\folha\brasi-br\br94ab21)
- 132) “Para muitas pessoas, sair do Rio sempre foi uma opção”, afirma.  
(nilc\corrigid\jornal\brasil\cadb-cb\cb96fe15)
- 133) O Rossi sempre foi cristão .  
(nilc\corrigid\jornal\folha\brasi-br\br94ou30)
- 134) Em todos os planos econômicos, os salários sempre tiveram perdas.  
(nilc\corrigid\jornal\folha\brasi-br\br94fe23)
- 135) Sempre desconfiei um pouco de Mondrian.  
(nilc\corrigid\jornal\folha\ilust-il\il94ou21)
- 136) Você também foi assistente de Robert Bresson Ferrari: “Ah ele sim sempre foi muito difícil em matéria de política”.  
(nilc\corrigid\jornal\folha\ilust-il\il94ou26)
- 137) Segundo ele, o tema sempre foi tarefa dos Estados.  
(nilc\corrigid\jornal\folha\espec-ce\ce94se22)
- 138) As condições de trabalho sempre foram zero.  
(nilc\corrigid\jornal\folha\espor-es\es94ju19)
- 139) Tubarões sempre viveram nos mares.  
(nilc\corrigid\jornal\folha\mais-ma\ma94de18)
- 140) Não posso dizer que isso é tudo o que sempre esperei na vida, mas posso dizer que me sinto bem atualmente.  
(nilc\corrigid\jornal\folha\ilust-il\il94fe21)
- 141) Turbante Jo sempre teve todos os requintes de um grande reprodutor: pedigree, morfologia, funcionalidade e capacidade.  
(nilc\corrigid\revista\istoe\ie96ma15)
- 142) Valéria sempre teve audiência, mesmo antes da Globo.  
(nilc\corrigid\jornal\folha\revis-re\re94se11)

- 143) Vocês sempre quiseram ser repórteres espertos e românticos.  
(nilc\corrigid\jornal\folha\revis-re\re94ma08)
- 144) Almino explicou ao dirigente do PSD: Você sempre esteve no poder ou perto dele e, mesmo assim, continua magro como um palito.  
(nilc\corrigid\jornal\folha\brasi-br\br94ag02)
- 145) Weffort sempre foi um “tucano” no PT.  
(nilc\corrigid\jornal\folha\ilust-il\il94de28)
- 146) Wolf Maia sempre pensou alto: agora, quer filmar Blue Jeans.  
(nilc\corrigid\jornal\brasil\domin-rd\rd96ma26)
- 147) Sempre amei o country e o rhythm & blues; eles são versões diversas da música da alma.  
(nilc\corrigid\jornal\folha\ilust-il\il94ju01)
- 148) [os cabelos] Sempre foram até a cintura e cortá-los fez parte da ruptura com o que já é passado.  
(nilc\corrigid\jornal\folha\ilust-il\il94ja8)
- 149) Sempre tive interesse em coisas que me ativem o corpo e a mente.  
(nilc\corrigid\jornal\folha\brasi-br\br94ma08)
- 150) Sempre fui um defensor desta Casa.  
(nilc\corrigid\jornal\folha\brasi-br\br94ma19)
- 151) Ela sempre foi um agente de poder na filosofia e mesmo no pensamento.  
(nilc\corrigid\jornal\brasil\ideia-id\id96ab29)
- 152) Sempre fui a favor de semifinais e final, que também são alvos de manobras.  
(nilc\corrigid\jornal\folha\espor-es\es94ja27)
- 153) Sempre gostei de roupa masculina, principalmente porque, geralmente, são de ótima qualidade.  
(nilc\corrigid\jornal\folha\revis-re\re94se11)
- 154) Sempre gostei dela.  
(nilc\corrigid\jornal\newyorkt\ny96ma05)
- 155) Sempre ficou claro que Nara não era mais uma mulher com quem eu estava transando.  
(nilc\corrigid\jornal\folha\ilust-il\il94no16)

- 156) O esquema "collorido" sempre foi um horror de prepotência e de falta de limites.  
(nilc\corrigid\jornal\folha\dinhe-di\di94de19)
- 157) Eles sempre tiveram jogo de cintura.  
(nilc\corrigid\jornal\folha\revis-re\re94ju05)
- 158) O álcool sempre custou mais caro que a gasolina, e é necessário cobrir a diferença.  
(nilc\corrigid\jornal\brasil\econo-ec\ec96fe28)
- 159) “Nunca pensei que fosse fazer jornal”, diz Lucia, que sempre preferiu atuar como repórter de comportamento e variedades.  
(nilc\corrigid\jornal\folha\tvfol-tv\tv94ab17)
- 160) O verdadeiro trunfo dos Pretenders sempre repousou na voz de Chrissie Hynde, rouca, sensual e inconfundível.  
(nilc\corrigid\jornal\folha\ilust-il\il94ju13)
- 161) Mas para se lançar pelos 400 quilômetros que separam Rio e São Paulo, sempre preferiu a via terrestre .  
(nilc\corrigid\jornal\folha\turis-tu\tu94se15)
- 162) É interessante porque eu sempre vi essa história como um enredo de escola de samba.  
(nilc\corrigid\jornal\folha\ilust-il\il94fe2)
- 163) O rigor, a precisão e o prestígio da física sempre exerceram grande fascínio sobre os economistas.  
(nilc\corpuset\corrigid\jornal\folha\dinhe-di\di94no06)
- 164) Rubi estuda na 4ª série de uma escola no Morumbi (zona sul) e sempre contou com a mãe para esse "serviço".  
(nilc\corrigid\jornal\folha\cotid-co\co94se28)
- 165) Sempre deixei claro que queria subir.  
(nilc\corrigid\jornal\folha\dinhe-di\di94no23)
- 166) Os economistas sempre viram com suspeita um singular teorema da teoria do comércio internacional (Heckscher-Ohlin-Vanek).  
(nilc\corrigid\jornal\folha\opini-op\op94ab27)
- 167) Aí aprendi a lidar com as forças do universo e sempre achei que os milagres e curas que aconteciam ali não eram coisas de Deus.  
(nilc\corrigid\jornal\folha\revis-re\re94se04)
- 168) “Nós sempre acreditamos no crescimento da região, tanto que compramos o terreno onde será feito o shopping há 16 anos”, disse Arthur Sendas.

- (nilc\corrigid\jornal\folha\dinhe-di\di94ou29)
- 169) Sempre adorei "A Companhia dos Lobos"  
(nilc\corrigid\jornal\folha\ilust-il\il94fe2)
- 170) “Ele sempre trabalhou para ter as coisas que queria”, assegura o pai, Jaime Bailer, 46 anos.  
(nilc\corrigid\revista\istoe\ie96ma15)
- 171) Ele sempre cozinhou.  
(nilc\corrigid\jornal\folha\teenf-ft\ft94ag22)
- 172) Eu sempre falei em disputar a liderança.  
(nilc\corrigid\jornal\brasil\infor-ci\ci96fe27)
- 173) Na várzea, eu sempre joguei como atacante.  
(nilc\corrigid\jornal\folha\espor-es\es94ju15)
- 174) Eu sempre trabalhei em um setor diferente, mas eu sabia que o governo comprava lá.  
(nilc\corrigid\jornal\folha\espec-ce\ce94se10)
- 175) Sempre trabalhou com suportes heterodoxos, normalmente, material de uso doméstico: toalha de banho, cobertor, colchão, pelúcia, tule.  
(nilc\corrigid\jornal\folha\ilust-il\il94fe10)
- 176) Sempre falei sobre sexo com meus pais.  
(nilc\corrigid\jornal\folha\teenf-ft\ft94mr28)
- 177) Gérson Camata (PMDB- ES) - reeleito senador -, sempre apoiou os projetos e as reivindicações dos ruralistas no Senado.  
(nilc\corrigid\jornal\folha\brasi-br\br94ou16)
- 178) Sempre falou que morreria na cadeia.  
(nilc\corrigid\jornal\brasil\cidad-cd\cd96mr07)
- 179) Sempre lutei contra e fui preso 12 vezes.  
(nilc\corrigid\jornal\brasil\cadb-cb\cb96fe07)
- 180) Sempre disse verdades.  
(nilc\corrigid\jornal\brasil\colun-cl\cl96ab30)
- 181) Agora a cervejaria aposta em um interlocutor que sempre transitou com facilidade por todas as classes sociais.  
(nilc\corrigid\jornal\folha\ilust-il\il94mr5)
- 182) Um dos instrumentistas que sempre tentou essa aproximação, Arthur Moreira Lima, não pôde comparecer a o último encontro.  
(nilc\corrigid\jornal\folha\ilust-il\il94de12)

- 183) Colunista da Folha, Antonio Callado, 77, se prepara para usar, hoje à noite, algo que sempre relutou em aceitar: o fardão da ABL (Academia Brasileira de Letras).  
(nilc\corrigid\jornal\folha\ilust-il\il94jl12)
- 184) Até agora, o salário sempre correu atrás da inflação.  
(nilc\corrigid\jornal\folha\brasi-br\br94jl30)
- 185) No entanto, por que você sempre trabalhou com músicos e artistas plásticos notáveis ?  
(nilc\corrigid\jornal\folha\mais-ma\ma94se04)
- 186) Sempre lutei e lutarei pela verdade e pela liberdade do homem.  
(nilc\corrigid\revista\istoe\ie96ma01)
- 187) Sempre joguei muita bola, cara.  
(nilc\corrigid\jornal\brasil\espor-sp\sp96mr01)
- 188) Sempre toquei todos os tipos de instrumentos.  
(nilc\corrigid\jornal\folha\ilust-il\il94mr18)
- 189) “Sempre fumei e não aconteceu nada”, diz .  
(nilc\corrigid\jornal\folha\ilust-il\il94ma18)
- 190) Sempre advoguei o sexo seguro .  
(nilc\corrigid\jornal\folha\cotid-co\co94jl11)
- 191) A Igreja sempre defendeu a liberdade de pensamento, mesmo durante a Inquisição .  
(nilc\corrigid\jornal\folha\espec-ce\ce94no08)
- 192) Eu sempre fiz planos para parar de jogar com 30 anos.  
(nilc\corrigid\jornal\folha\espor-es\es94ab10)
- 193) Ela sempre fez o que devia fazer.  
(nilc\corrigid\jornal\folha\espor-es\es94jl16)
- 194) Neste ponto, realiza-se quase involuntariamente a síntese que Sarney sempre perseguiu: a de conciliar o escritor e o político .  
(nilc\corrigid\jornal\folha\ilust-il\il94ag26)
- 195) Quem sempre contribuiu para a Previdência Social pelo teto e já completou o tempo de serviço integral consegue se aposentar, este mês, com R\$ 554,65, no máximo.  
(nilc\corrigid\jornal\folha\dinhe-di\di94ag14)



- 196) A idéia é que as empresas sempre usaram os conhecimentos práticos dos trabalhadores sem os quais a produção não anda.  
(nilc\corrigid\técnic~1\livrusp\livrohh1)
- 197) Ele sempre cuidou muito da forma física.  
(nilc\corrigid\jornal\folha\espor-es\es94ju15)
- 198) A Igreja Ortodoxa sempre apoiou o poder.  
(nilc\corrigid\revista\istoe\ie96ma15)
- 199) As negociatas foram abertas através de um mecanismo que muitos ministros “amigos de empresários” sempre utilizaram em o Brasil .  
(nilc\corrigid\jornal\folha\dinhe-di\di94mr20)
- 200) Os sérvios sempre defenderam a divisão, que consolidaria seus ganhos militares.  
(nilc\corrigid\jornal\folha\mundo-mu\mu94mr3)
- 201) Sempre ouvi dizer que Juliette tinha uma atitude difícil.  
(nilc\corrigid\jornal\folha\ilust-il\il94fe10)
- 202) A sociedade dominada pelos homens sempre oprimiu as mulheres.  
(nilc\corrigid\jornal\folha\ilust-il\il94ou01)
- 203) Enquanto manteve o namoro com Itamar, ele sempre cobrou discrição.  
(nilc\corrigid\jornal\folha\brasi-br\br94fe16)
- 204) Embora sendo principalmente bar, A Baiúca sempre procurou servir uma comida honesta, capaz de confortar a fome da madrugada.  
(nilc\corrigid\jornal\folha\ilust-il\il94no11)
- 205) Em uma ação mais sociológica bem como também em um certo telejornalismo de tendência filantrópico-cristã, a câmara sempre procurou enquadrar e construir uma certa imagem do Brasil rural e miserável.  
(nilc\corrigid\técnic~1\livrusp\imagem15)
- 206) A crítica sempre procurou vê-lo como um pintor de multidões anônimas ou de grupos comunitários.  
(nilc\corrigid\técnic~1\livrusp\s21)
- 207) Domingues disse que os bancos sempre atenderam às exigências da Receita, desde que isso fosse necessário à instrução de algum processo.  
(nilc\corrigid\jornal\folha\dinhe-di\di94ag27)

- 208) Sempre elogiei o então governador Ciro Gomes, seja em palestras em sua terra, seja em palestras, escritos e programas de TV que fiz por todo o Brasil.  
(nilc\corrigid\jornal\folha\dinhe-di\di94ou29)
- 209) Mas há empresas que não enfrentam esse problema porque sempre venderam em dólar pela cotação comercial.  
(nilc\corrigid\jornal\folha\dinhe-di\di94jl14)
- 210) Este mês chegou a R\$ 597,79, no caso de quem sempre contribuiu pelo teto no período de cálculo.  
(nilc\corrigid\jornal\folha\dinhe-di\di94ou23)
- 211) Acostumaram a atrasar o recolhimento de tributos porque aplicavam os recursos na ciranda financeira, que sempre rendeu muito mais do que o bom comportamento diante do fisco.  
(nilc\corrigid\jornal\folha\opini-op\op94jl31)
- 212) “Sempre procurei ir além das relações cordiais”, conta.  
(nilc\corrigid\jornal\folha\empre-em\em94jl10)
- 213) No meu caso, foi porque sempre cursei teatro.  
(nilc\corrigid\jornal\folha\foves-fv\fv94ou11)
- 214) Eu tenho que fazer um violão e voz para cima como tudo o que sempre fiz e considero que tive muito bom gosto na escolha do repertório.  
(nilc\corrigid\jornal\folha\ilust-il\il94ou04)
- 215) Até a Itália, que sempre adotou a marcação fixa de um jogador sobre o outro, joga com quatro zagueiros em linha.  
(nilc\corrigid\jornal\folha\espor-es\es94jl06)
- 216) Eu poderia ter votado nele e hoje estar nobremente bêbado com mais uma derrota honrosa como sempre fizemos.  
(nilc\corrigid\jornal\folha\ilust-il\il94ou11)
- 217) Gabriel Villela sempre deixou transparecer em seus espetáculos esse lado brasileiro.  
(nilc\corrigid\jornal\brasil\cadb-cb\cb96mr27)
- 218) Apesar de não ter sido reivindicado, o crime tem as características dos terroristas do ETA, que sempre alvejaram policiais.  
(nilc\corrigid\jornal\folha\mundo-mu\mu94ab29)
- 219) Eu sempre andei em feira.  
(nilc\corrigid\jornal\folha\espec-ce\ce94ou03)
- 220) Ok, querido leitor, escreverei sobre o assunto onde sempre atuei e pretendo

- continuar atuando: o setor de vendas.  
(nilc\corrigid\litter~1\litera~1\licd3b~1)
- 221) Os bicheiros sempre negaram esse vínculo.  
(nilc\corrigid\jornal\folha\cotid-co\co94fe27)
- 222) Na realidade, como sempre aconteceu no Gatt, os países ricos levaram nítida vantagem na Rodada Uruguai.  
(nilc\corrigid\jornal\folha\dinhe-di\di94ag06)
- 223) Diante de tais posições, a equipe acabou reagindo de maneira ambígua pois, se de um lado sempre negou qualquer tentativa heterodoxa, de outro não objetivou convenientemente o seu discurso reformista.  
(nilc\corrigid\jornal\folha\dinhe-di\di94ja07)
- 224) Eu sempre avisei aos distribuidores sobre os perigos de pagar preços tão altos.  
(nilc\corrigid\jornal\brasil\cadb-cb\cb96ma17)
- 225) Até 1910, sua passagem [do cometa] sempre gerou pânico em diversos países.  
(nilc\corrigid\jornal\folha\mais-ma\ma94jl10)
- 226) Sempre passei de ano, mas não estava preparado para uma instituição como a Universidade de Wake Forrest.  
(nilc\corrigid\jornal\folha\espor-es\es94de27)
- 227) A cultura popular sempre efetuou o saque diluidor predatório e paródico da haute culture desde pelo menos a Idade Média.  
(nilc\corrigid\tecnic~1\livrusp\imagem11)
- 228) Sempre alertei sobre isso.  
(nilc\corrigid\jornal\folha\brasi-br\br94ju26)
- 229) Sei que estes conflitos tiram o sono do PSDB, como também sempre aconteceu no PT.  
(nilc\corrigid\jornal\folha\brasi-br\br94mr20)
- 230) O atacante disse que sempre deu sorte contra o São Paulo.  
(nilc\corrigid\jornal\folha\espor-es\es94ag28)
- 231) Os governos de Orestes Quércia (1987-1991) e Fleury sempre recorreram ao banco nos momentos de aperto .  
(nilc\corrigid\jornal\folha\brasi-br\br94no26)
- 232) “Nunca tive medo e sempre desafiei o regime”, disse.  
(nilc\corrigid\jornal\folha\brasi-br\br94jl30)
- 233) Sempre vi que não se dava importância, não se guardavam essas informações, conta Merina.

- (nilc\corrigid\jornal\folha\espec-ce\ce94fe12)
- 234) O ministro Fernando Henrique Cardoso sempre afirmou que o FSE seria usado em programas sociais.  
(nilc\corrigid\jornal\folha\brasi-br\br94fe10)
- 235) Como bom mineiro - embora nascido no Rio - , sempre apresentou-se com muita fé cega diante de qualquer pergunta mais amolada.  
(nilc\corrigid\jornal\brasil\domin-rd\rd96ma06)
- 236) Em 15 anos de serviço na Corte, até 87, sempre votou a favor da pena.  
(nilc\corrigid\jornal\folha\mundo-mu\mu94ju11)
- 237) O que sempre declarei é que os governos militares trouxeram desenvolvimento mas se esqueceram do principal.  
(nilc\corrigid\jornal\folha\brasi-br\br94jl05)
- 238) O compositor sempre trabalhou lentamente seus sete discos solos anteriores.  
(nilc\corrigid\jornal\folha\ilust-il\il94no11)
- 239) Sempre disse que temos que dar oportunidade ao filho do trabalhador.  
(nilc\corrigid\jornal\folha\brasi-br\br94ja9)
- 240) Nós sempre dissemos que não resolveríamos o problema.  
(nilc\corrigid\jornal\folha\brasi-br\br94de22)
- 241) Desde o Brasil, eu sempre disse que viria para cá para ser titular.  
(nilc\corrigid\jornal\folha\espor-es\es94ju03)
- 242) Eu sempre disse isso no Senado.  
(nilc\corrigid\jornal\folha\brasi-br\br94ma31)
- 243) Eu sempre disse que o governo dele seria o inverso do que ele pregava.  
(nilc\corrigid\jornal\folha\brasi-br\br94de29)
- 244) Em primeiro lugar, eu sempre disse, é verdade, disse a Marta que a inflação é um processo que se enraizou.  
(nilc\corrigid\jornal\folha\espec-ce\ce94ou07)
- 245) Lula abriu uma polêmica ao declarar “entre a lei e a coisa justa e legítima eu sempre disse que o justo e o legítimo é muito mais importante”.  
(nilc\corrigid\jornal\folha\brasi-br\br94jl12)
- 246) Não pela homenagem prometida, pois ele é um brasileiro desprendido, mas exatamente porque ele sempre colocou o Brasil na frente de tudo .  
(nilc\corrigid\jornal\folha\opini-op\op94jl17)

- 247) Mas suas intervenções pelos bastidores sempre demonstraram tentação populista.  
(nilc\corrigid\jornal\folha\opini-op\op94mr2)
- 248) Neta de italianos, começou carreira em 1966, no programa Blota Junior, como sempre fazia questão de dizer, fazendo batucada no violão e cantando samba.  
(nilc\corrigid\jornal\folha\cotid-co\co94jl22)
- 249) Mas, como sempre aconteciam desistências, muitos competidores passaram a integrar os Jogos por meio de convite .  
(nilc\corrigid\jornal\folha\espor-es\es94jl23)
- 250) Aloysio de Oliveira também vinha falar comigo sobre a garotada e a conversa sempre dava no Tom.  
(nilc\corrigid\jornal\folha\ilust-il\il94mr18)
- 251) Dori sempre dava a sensação de ter saído do banho há 10 minutos.  
(nilc\corrigid\jornal\folha\ilust-il\il94ab02)
- 252) Desaparecer do jogo é sua característica, mas ele sempre surgia de repente para fazer gols.  
(nilc\corrigid\jornal\brasil\colun-cl\cl96mr15)
- 253) As empreiteiras sempre conseguiam influir ostensivamente na forma de pagamento dos atrasados.  
(nilc\corrigid\jornal\folha\dinhe-di\di94fe23)
- 254) Telefonei várias vezes para a concessionária e sempre respondiam que o carro estava chegando.  
(nilc\corrigid\jornal\folha\veicu-ve\ve94se18)
- 255) Com o detalhe de que os figurões sempre entravam no palco dispostos a mostrar facetas pouco conhecidas do grande público.  
(nilc\corrigid\jornal\folha\ilust-il\il94no14)
- 256) Não era solitário, mas sempre encontrava um jeito de escapar para ir atrás das minhas procuras, minhas fantasias.  
(nilc\corrigid\jornal\brasil\domin-rd\rd96ab07)
- 257) “Quando revelei as fotos, tive a desagradável surpresa de perceber que as pirâmides sempre apareciam faltando um pedaço”, conta Cleonice.  
(nilc\corrigid\jornal\folha\cotid-co\co94ag30)
- 258) Meu pai tinha problema no coração, sempre falava comigo sobre morte, mas eu não acreditava, não levava em consideração.  
(nilc\corrigid\jornal\folha\teenf-ft\ft94ag22)

- 259) Um ex-morador do local disse que o piso do quarto sempre afundava, como se o chão não estivesse firme.  
(nilc\corrigid\jornal\folha\cotid-co\co94mr11)
- 260) No começo da carreira, vocês quatro sempre diziam que o Helmet era a única banda em que gostariam de tocar .  
(nilc\corrigid\jornal\folha\ilust-il\il94ja20)
- 261) O pouco de água que ainda restava foi dada a Yuliet, que sempre tinha a preferência nas divisões por estar grávida.  
(nilc\corrigid\jornal\folha\teenf-ft\ft94se26)
- 262) É o Diário da Revisão, em que sempre aparecia Humberto Lucena, presidente do Senado, que começa a fazer escola .  
(nilc\corrigid\jornal\folha\brasi-br\br94ju10)
- 263) Dos fazendeiros, conseguia dinheiro que sempre distribuía aos pobres, sem se preocupar com as contas da paróquia.  
(nilc\corrigid\jornal\brasil\domin-rd\rd96ab07)
- 264) Na viagem, todos sempre estavam juntos e ficaram amigos muito rápido.  
(nilc\corrigid\jornal\folha\teenf-ft\ft94ja3)
- 265) O Pai, que desenvolvera o hábito de viver mais no passado do que no presente, lembrou-se enquanto caminhava de suas vindas ali na adolescência, e de como sempre associava aquela colina à montanha de Santa Vitória, aquela dos quadros de Cezanne.  
(nilc\corrigid\literr~1\litera~1\liad37~1)
- 266) Van Gogh sempre punha a figura em posição levemente oblíqua em relação ao fundo da tela .  
(nilc\corrigid\jornal\folha\ilust-il\il94ma10)
- 267) Mas as poucas vezes [chegar ao gol] sempre aconteciam pelo lado direito da defesa corintiana, onde o destaque negativo era Leandro.  
(nilc\corrigid\jornal\folha\espor-es\es94fe14)
- 268) Minha mãe, que sempre se ocupava das coisas práticas, foi quem descolou os papéis provando que meus avós e bisavós não tinham sangue judeu.  
(nilc\corrigid\jornal\folha\mais-ma\ma94ja9)
- 269) Mas a irmã de vovó sempre dizia que ela era da pá virada.  
(nilc\corrigid\jornal\folha\ilust-il\il94ja05)
- 270) Sempre arranjava uma viagem.  
(nilc\corrigid\jornal\folha\revis-re\re94se25)
- 271) Ela, sabendo de quem se tratava (Vinicius teve nove mulheres), sempre dava um jeito de se esquivar.  
(nilc\corrigid\jornal\folha\cotid-co\co94no06)

- 272) Sempre levava mulheres para o seu quarto.  
(nilc\corrigid\jornal\folha\mundo-mu\mu94ag18)